



# PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO

## ARQUITETURA E URBANISMO

**Reitor**

Carlos Roberto Juliano Longo

**Pró-Reitora Acadêmica**

Adriana Pelizzari

**Pró-Reitor Administrativo**

Wesley Rodrigues Sepúlveda

**Coordenadora Acadêmica de Graduação Presencial**

Camilla Sara Gonçalves Cunha

**Equipe - Coordenação Acadêmica de Graduação Presencial**

Adriana Cardoso Furtado

Angélica Bussolo Rodrigues

Degvânia Fernandes Pereira

Gidalti Guedes da Silva

Luciano Blasius

Mariane Chinelato Boente do Nascimento

Nilza Maria do Valle Pires Martinovic

Patrícia Targino Melo

Samuel Estevam Vidal

Sheila da Silva Borges

Tatyane Souza Nunes Rodrigues

Valéria Maria Gonzaga dos Santos

**Procuradora Institucional**

Naiara Nunes da Silva

**Coordenador(a) do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO**

Valéria Andrade Bertolini

**Núcleo Docente Estruturante do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO**

Carla Freitas Pacheco Pereira

Carolina da Rocha Lima Borges

Catarina Moraes de Oliveira Sombrio

Marcos da Silva Martins

Valéria Andrade Bertolini

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2</b>	<b>INFORMAÇÕES GERAIS DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E DO CURSO .....</b>	<b>6</b>
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO, DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E DO CURSO .....	6
2.2	CONTEXTO EDUCACIONAL, ECONÔMICO, SOCIAL E CULTURAL – CARACTERÍSTICA LOCAIS E REGIONAIS .....	7
2.3	CONTEXTO INSTITUCIONAL .....	22
2.3.1	Mantenedora - União Brasileira de Educação Católica .....	22
2.3.2	Universidade Católica de Brasília .....	25
2.3.2.1	Missão .....	29
2.3.2.2	Princípios institucionais .....	29
2.3.2.3	Valores institucionais .....	32
2.3.2.4	Coordenação de pastoralidade .....	33
2.3.2.5	Visão de futuro .....	34
<b>3</b>	<b>CONTEXTO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO.....</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA .....</b>	<b>38</b>
4.1	POLÍTICAS INSTITUCIONAIS NO ÂMBITO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	38
4.2	POLÍTICAS DE ENSINO .....	41
4.3	POLÍTICAS DE EXTENSÃO .....	42
4.4	POLÍTICAS DE PESQUISA E/OU INICIAÇÃO CIENTÍFICA .....	45
4.5	RESPONSABILIDADE SOCIAL DA FORMAÇÃO INTEGRAL .....	48
<b>5</b>	<b>COERÊNCIA ENTRE O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO .....</b>	<b>51</b>
5.1	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO	55
<b>6</b>	<b>PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO .....</b>	<b>57</b>
6.1	DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS .....	59
6.2	MONITORAMENTO DO PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO	62
<b>7</b>	<b>ESTRUTURA CURRICULARES E COMPONENTES CURRICULARES .....</b>	<b>63</b>
7.1	PROGRAMA PROPÓSITO DE VIDA .....	66
7.1.1	O ser ético .....	68
7.1.2	O ser histórico .....	69
7.1.3	O ser solidário .....	69
7.2	CONTEÚDOS PERTINENTES ÀS POLÍTICAS PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ECOLOGIA INTEGRAL .....	71
7.3	FLEXIBILIDADE CURRICULAR .....	74
7.4	INTERDISCIPLINARIDADE .....	77
7.5	ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA .....	79
7.6	CONTEÚDOS PARA OS CURSOS DE GRADUAÇÃO .....	79
7.7	MATRIZ CURRICULAR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO .....	81
7.8	MATRIZ, EMENTAS E REFERÊNCIAS .....	83

7.9	ATIVIDADES COMPLEMENTARES .....	144
7.10	ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS .....	147
7.11	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO .....	150
7.12	METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM .....	152
7.13	PROGRAMA DE MONITORIA .....	156
7.14	TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA) .....	157
7.15	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM .....	159
<b>8</b>	<b>SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO DO CURSO: AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, DO CURSO E AVALIAÇÕES EXTERNAS .....</b>	<b>161</b>
<b>9</b>	<b>CORPO DISCENTE .....</b>	<b>165</b>
9.1	FORMAS DE INGRESSO .....	165
9.2	REGISTRO ACADÊMICO .....	165
9.3	APOIO E ATENÇÃO AO DISCENTE .....	166
9.4	OUIDORIA .....	174
9.5	POLÍTICAS DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE .....	175
<b>10</b>	<b>GESTÃO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO.....</b>	<b>181</b>
10.1	PERFIL DA COORDENAÇÃO DE CURSO .....	181
10.2	PROCESSOS DE AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA .....	183
<b>11</b>	<b>CORPO DOCENTE .....</b>	<b>187</b>
11.1	COLEGIADO DO CURSO E PERFIL DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE .....	187
11.2	PERFIL DO CORPO DOCENTE .....	188
11.3	FORMAÇÃO CONTINUADA DO CORPO DOCENTE .....	190
11.3.1	Objetivo geral .....	189
11.3.2	Objetivos específicos .....	189
<b>12</b>	<b>CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO .....</b>	<b>193</b>
<b>13</b>	<b>POLÍTICA DE ATENDIMENTO AO CORPO DOCENTE E AO CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO .....</b>	<b>194</b>
13.1	POLÍTICA DE CONTRATAÇÃO E DISPENSA DOS COLABORADORES .....	195
13.2	CÓDIGO DE CONDUTA ÉTICA .....	195
13.3	POLÍTICA DE SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO .....	195
13.4	POLÍTICA DE INCENTIVO À QUALIFICAÇÃO .....	196
13.5	POLÍTICAS DE ATENÇÃO .....	196
<b>14</b>	<b>INFRAESTRUTURA .....</b>	<b>199</b>
14.1	INSTALAÇÕES GERAIS .....	199
14.2	RECURSOS AUDIOVISUAIS E MULTIMÍDIA .....	201
14.3	ESPAÇOS FÍSICOS UTILIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURSO .....	201
14.4	LABORATÓRIOS DIDÁTICOS E AMBIENTES DE FORMAÇÃO BÁSICA E ESPECÍFICA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO.....	203
14.5	BIBLIOTECA .....	207
<b>15</b>	<b>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA .....</b>	<b>210</b>
15.1	PRINCÍPIOS E DIRETRIZES .....	210
15.2	FUNCIONAMENTO .....	211
<b>REFERÊNCIAS .....</b>		<b>215</b>

## **1 APRESENTAÇÃO**

Este Projeto Pedagógico de Curso (PPC) é um instrumento norteador do curso de ARQUITETURA E URBANISMO da Universidade Católica de Brasília (UCB), integrando as políticas acadêmicas institucionais, contidas no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) vigência 2023/2027, com base nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) preconizadas na Resoluções CNE/CES nº 2, de 17 de junho de 2010 e CNE/CES nº 1, de 26 de março de 2021.

## **2 INFORMAÇÕES GERAIS DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E DO CURSO**

### **2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REGIÃO, DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E DO CURSO**

O surgimento da Universidade Católica de Brasília (UCB) está atrelado à história de Brasília, de maneira especial. Inserida no contexto regional do Planalto Central, a UCB vem contribuindo de forma significativa para a consolidação da região.

Brasília é uma cidade que nasce com a vocação para a administração pública federal. Assim, foi preciso considerar esta questão, bem como as contradições do sistema político e econômico específicos dessa realidade no projeto de criação da instituição que buscou, de maneira consistente e comprometida, atender à demanda por uma formação acadêmico-profissional de qualidade, e que também valorizasse uma atuação humanista e ética.

Em 12 de março de 1985, foi inaugurado o campus das então Faculdades Integradas Católica de Brasília (FICB), em Taguatinga, com o primeiro conjunto de edificações, ofertando os cursos de Administração, Economia e Pedagogia. A expansão das FICB era inquestionável, confirmando as possibilidades de trabalhos cujos objetivos, diretrizes de ação e metas visavam à elaboração do Projeto para o reconhecimento das FICB em UCB.

A cidade de Taguatinga se tornara um local estratégico. Localizada a 25 km do Plano Piloto, Taguatinga cresceu e se tornou um importante polo econômico, com avenidas, altos edifícios. Neste sentido, pode-se afirmar que a UCB e sua expansão liga-se à própria condição de Brasília, importante espaço geopolítico que atrai pessoas de todo país.

O espaço geográfico do campus em Taguatinga, desde sua inauguração, não só valorizou a área, mas se transformou num ponto de convergência populacional que traz para si pessoas do Plano Piloto, Águas Claras, Núcleo Bandeirante, Guará, Gama, Ceilândia, Samambaia, Brazlândia, Riacho Fundo, além de Taguatinga e outras regiões do Distrito Federal e entorno. Os vários cursos oferecidos, desta forma, buscam responder às

demandas sociais, ofertando à população uma formação acadêmica de qualidade que promova o crescimento e a qualificação pessoal e profissional dos seus estudantes, contribuindo para o desenvolvimento local, regional e nacional.

No final da década de 90 a UCB, depois de consolidar-se por 29 anos na Educação Superior e por seis anos como Universidade, já havia estabelecido sua área de saúde, com os cursos de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Enfermagem, Farmácia e Biologia.

Com a infraestrutura já instalada e ciente da relevância social deste curso para a região, a UCB propôs a abertura do curso de Arquitetura e Urbanismo no Campus Taguatinga, partindo de princípios legais, institucionais, filosóficos e socioculturais perfeitamente identificados com o perfil pedagógico de sua Mantenedora, a União Brasileira de Educação Católica (UBEC), e com os anseios da comunidade na qual estava inserida.

Assim, a partir da Resolução do Conselho Universitário de nº 29, publicada em 28 de abril de 2010 que autorizava o funcionamento, o curso de Arquitetura e Urbanismo iniciou suas atividades no Campus da UCB.

Releva notar que em 2019 foi inaugurado o campus em Ceilândia, com uma estrutura de 15.000m<sup>2</sup> de área total, funciona onde antes era o Centro Salesiano do Aprendiz (CESAM), da Inspeção São João Bosco, uma das províncias fundadoras da UBEC. No local são ofertados os cursos de graduação presencial de Direito, Psicologia, Pedagogia, Letras, Ciências e Matemática.

Nesse sentido, a UCB se coloca no mercado como uma instituição confessional-filantrópica (comunitária) que prima pela formação de qualidade, desenvolvendo suas atividades de forma indissociável entre Pesquisa, Ensino e Extensão, considerando a necessidade da região por profissionais altamente qualificados na administração pública e na iniciativa privada.

## 2.2 CONTEXTO EDUCACIONAL, ECONÔMICO, SOCIAL E CULTURAL – CARACTERÍSTICA LOCAIS E REGIONAIS

A UCB tem estudantes matriculados em cursos de Graduação e Pós-Graduação *Lato Sensu* e *Stricto Sensu*, nas modalidades presencial e a distância. Dispõe de mais de 600 mil m<sup>2</sup> de área e conta com infraestrutura que

privilegia o atendimento às demandas dos cursos/programas por ela oferecidos, e que vão desde salas de aula equipadas com acesso à internet, a recursos multimídia e laboratórios de ponta.

O avanço da modalidade de Educação a Distância veio atender às novas exigências sociais de formação. A UCB dispõe de Polos de Educação a Distância (PEAD), distribuídos em vários locais do território nacional e no exterior – EUA (Boston e Orlando) e Japão (Tóquio e Nagoya) – que contam com toda a infraestrutura necessária para o suporte à aprendizagem dos estudantes e à realização dos encontros e atividades presenciais. Os polos são viabilizados por uma aliança estratégica entre instituições parceiras e a UCB, caracterizando-se como uma grande rede de Educação a Distância e como uma ação com vistas à democratização do acesso ao Ensino Superior.

Nos últimos anos, o mundo tem sofrido profundas transformações, principalmente nos campos tecnológico e econômico, com impactos significativos no mundo do trabalho. A velocidade das mudanças traz novos desafios, exigindo capacidades de aprender e desenvolver novas competências (metacognição) para assimilar e se adaptar a novos contextos, avaliar novas e diferentes situações, lidar com o inesperado, e propor mudanças que tragam impactos positivos para a sociedade em permanente transformação. A mundialização do mercado, dos investimentos, da indústria, da informação e da produção do conhecimento sobre os processos locais, regionais e nacionais caracterizou a globalização. A nova economia sustenta-se, dentre outros aspectos, na utilização eficiente do conhecimento e na capacidade de inovar

O desenvolvimento tecnológico, neste sentido, é aspecto importante a ser considerado, pois tem demandado da sociedade (tanto das organizações quanto das pessoas), cada vez mais, a capacidade de gerar, lidar, produzir, gerir e armazenar, com segurança e de forma ética, dados e informações. O conhecimento, sua produção, gestão e disseminação, ganha novos contornos. Tais transformações resultaram, e ainda resultam, na mudança de valores e na reorganização da política mundial, com reflexo na Educação.

Este contexto é ainda marcado por profundas desigualdades sociais que nos desafiam a construir alternativas criativas para os problemas da nossa época, em especial aos problemas da Educação. Soma-se a isso a pandemia de Covid-19 que, desde 2020 obrigou os cursos a adaptarem suas formas de

aprender e ensinar, bem como adaptar as suas atividades práticas e assistenciais. Os desafios que se colocam na atualidade para o educador parecem que se multiplicam diariamente.

Logo após decretada a Pandemia de Covid-19 pela OMS (12/03/2020), o curso de XXX da UCB traçou um planejamento estratégico para minimizar o impacto nas atividades práticas dos estudantes, com algumas ações a saber:

- monitoramento dos casos de Covid-19 para os estudantes com identificação de sinais e sintomas e preenchimento de formulário específico
- construção de um protocolo de segurança Institucional, referente ao SARS Cov-2
- transferência das atividades teóricas para a modalidade síncrona e, após autorização por órgãos competentes, retomada gradativa das atividades práticas com redução do número de estudantes nos cenários.
- retorno do estudante do estágio ou atividades correspondentes (cursos de saúde previstos em orientações legais), que já estava inserido nos cenários, para as atividades práticas interrompidas por curto período, colaborando no atendimento dos pacientes com Covid-19.

As mudanças que ocorrem em nossa sociedade são caracterizadas tanto pela sua expansão como pelo ritmo acelerado em que elas ocorrem. Compreender a evolução da sociedade e da Educação como fatores interligados, nos leva a apontar que o desenvolvimento de um país está condicionado à qualidade de sua Educação. Por meio dela, existem diferentes possibilidades a serem trabalhadas, desde a socialização e a preparação para o trabalho, até a construção de conhecimentos especializados que permitam novas soluções e promovam a inovação.

O Distrito Federal está localizado na Região Centro-Oeste, no centro-leste do estado de Goiás. Limita-se a leste com os municípios de Cabeceira Grande, estado de Minas Gerais, e Formosa, estado de Goiás; a oeste limita-se com Santo Antônio Descoberto, Padre Bernardo e Águas Lindas; ao norte com Planaltina de Goiás, Padre Bernardo e Formosa e ao sul com Luziânia, Cristalina, Santo Antônio do Descoberto, Cidade Ocidental, Valparaíso e Novo Gama, todos estes municípios pertencentes ao estado de Goiás (SES/DF, 2019).



metade do Século XX, culminando com a construção de Brasília e a transferência da Capital. A região do Planalto Central escolhida para a construção do Distrito Federal era ocupada com latifúndios voltados para a produção agrícola de subsistência e para a pecuária extensiva. Com as transformações estruturais da economia brasileira nas décadas de 1940 e 1950, a população da Região, que era de 370 mil habitantes, passou para 3,0 milhões, inicialmente associada à expansão da atividade agropecuária e, depois, com a urbanização de Brasília. Com a inauguração de Brasília, o adensamento populacional passou a ocorrer inicialmente no interior do Distrito Federal e nas cidades a ele adjacentes, processo que se intensificou no início da década de 1970 com a consolidação da transferência da Capital. A expansão dessa área ocorreu de forma polinucleada e esparsa no território no Distrito Federal, ultrapassando posteriormente seus limites político-administrativos e abrangendo um espaço de influência direta em municípios do Estado de Goiás, formando o aglomerado urbano da Área Metropolitana de Brasília (CODEPLAN, 2018; SES/DF, 2019). Veja-se que há uma interface grande entre a implantação de Brasília, uma cidade planejada urbanisticamente, e os movimentos muito rápidos de expansão populacional e da economia da região, gerando um efeito muito diverso nos diferentes recortes territoriais.

A Tabela 1, apresenta uma caracterização da RIDE DF e Entorno, considerando os municípios e estados que a compõem, o instrumento formal de inclusão e características demográficas e socioeconômicas da região.

Os dados da tabela permitem compreender a relação de dependência das diferentes organizações políticas territoriais entre si e, sobretudo, com a Capital Federal e o Distrito Federal como um todo. A dinâmica regional envolve diferentes funcionalidades de ocupação dos territórios, desde a polarização econômica até fluxos diários da população para o trabalho, deslocamentos para compras ou obtenção de serviços, acesso a meios de comunicação etc. Como se verificou acima, no centro do território ocupado pela RIDE está a área mais densa, composta pelo Distrito Federal, detentor de 66% da população, e uma grande área conurbada na direção sul, acompanhando a BR-040, incluindo-se nessa região os municípios de Valparaíso de Goiás, Cidade Ocidental, Novo Gama e Luziânia. Outros municípios bastante populosos são Águas Lindas de Goiás (margens da BR-070), Formosa (margens da BR-020), Planaltina (BR-

010) e Santo Antônio do Descoberto (BR-060). Esses municípios com o Distrito Federal somam uma população de aproximadamente 4,6 milhões de pessoas. Como se registrou, além da população adscrita no Distrito Federal, para fins de análise do funcionamento da infraestrutura do território, é importante considerar a população residente nos municípios de Goiás e Minas Gerais que compõem a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE), que foi criada com a Lei Complementar nº 94 de 19/02/1998, regulamentada pelo Decreto nº 7.469 de 04/05/2011, e teve a composição alterada pela Lei Complementar nº 163/2018. São de interesse da RIDE os serviços públicos comuns ao Distrito Federal e aos Municípios que a integram devendo para tanto articular-se administrativamente com a União, Distrito Federal e com os Estados de Goiás e de Minas Gerais que a compõem. Atualmente a RIDE é composta por 29 municípios do Estado de Goiás e 4 municípios do Estado de Minas Gerais, além do DF (SES/DF, 2019).

TABELA 1 – Caracterização da Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE DF e Entorno), 2020

Nº	UF	Nome	Legislação	Área (km²)	População Estimada 2020	IDH (2010)	PIB (em R\$ mil) (2015)	Densidade Demográfica (hab./Km²)
1	DF	Distrito Federal	LC 94/1998	5.779,997	3.055.149	0,824	215 613 025	528,57
2	GO	Abadiânia	LC 94/1998	1.045,127	20.461	0,689	289 099	19,58
3	GO	Água Fria de Goiás	LC 94/1998	2.029,416	5.793	0,671	201 809	2,85
4	GO	Águas Lindas de Goiás	LC 94/1998	188,385	217.698	0,686	1 542 997	1.155,60
5	GO	Alexânia	LC 94/1998	847,893	28.010	0,682	730 529	33,03
6	GO	Alto Paraíso de Goiás	LC 163/2018	2.593,905	7.688	0,713	138 658	2,96
7	GO	Alvorada do Norte	LC 163/2018	1.259,366	8.705	0,660	108 906	6,91
8	GO	Barro Alto	LC 163/2018	1.093,248	11.408	0,742	605 006	10,43
9	GO	Cabeceiras	LC 94/1998	1.126,912	8.046	0,668	218 672	7,14
10	GO	Cavalcante	LC 163/2018	6.953,666	9.725	0,584	249 871	1,40
11	GO	Cidade Ocidental	LC 94/1998	389,985	72.890	0,717	642 343	186,90
12	GO	Cocalzinho de Goiás	LC 94/1998	1.789,039	20.504	0,657	285 878	11,46
13	GO	Corumbá de Goiás	LC 94/1998	1.061,955	11.169	0,680	145 059	10,52
14	GO	Cristalina	LC 94/1998	6.162,089	60.210	0,699	1 944 492	9,77
15	GO	Flores de Goiás	LC 163/2018	3.709,427	17.005	0,597	130 968	4,58
16	GO	Formosa	LC 94/1998	5.811,788	123.684	0,744	1 934 488	21,28
17	GO	Goiânia	LC 163/2018	1.547,274	71.075	0,727	1 088 113	45,94
18	GO	Itajá	LC 94/1998	3.961,100	21.508	0,701	3 353 547	53,40
19	GO	Mimoso de Goiás	LC 94/1998	1.386,915	2.583	0,665	37 431	1,86
20	GO	Niquelândia	LC 163/2018	9.843,247	46.730	0,715	1 199 152	4,75
21	GO	Novo Gama	LC 94/1998	194,992	117.703	0,684	799 207	603,63
22	GO	Padre Bernardo	LC 94/1998	3.139,175	34.430	0,651	479 875	10,97
23	GO	Pirenópolis	LC 94/1998	2.205,010	25.064	0,693	373 758	11,37
24	GO	Planaltina	LC 94/1998	2.543,677	90.640	0,669	917 297	35,63
25	GO	Santo Antônio do Descoberto	LC 94/1998	944,145	75.829	0,665	572 101	80,31
26	GO	São João d'Aliação	LC 163/2018	3.327,379	14.085	0,685	229 562	4,23
27	GO	Simolândia	LC 163/2018	347,976	6.879	0,645	86 138	19,77
28	GO	Valparaíso de Goiás	LC 94/1998	61,450	172.135	0,746	2 155 089	2.801,22
29	GO	Vila Boa	LC 94/1998	1.060,172	6.312	0,647	104 363	5,95
30	GO	Vila Propício	LC 163/2018	2.181,583	5.882	0,634	199 087	2,70
31	MG	Arimas	LC 163/2018	5.279,419	17.862	0,656	197 938	3,38
32	MG	Buritiz	LC 94/1998	5.225,186	25.013	0,672	601 789	4,79
33	MG	Cabeceira Grande	LC 163/2018	1.031,409	6.988	0,648	203 236	6,78
34	MG	Unai	LC 94/1998	8.448,082	84.930	0,736	2 439 492	10,05
TOTAL				94.570,389	4.693.793	0,782	239 828 975	49,63

Fonte: Plano Distrital de Saúde (SES/DF, 2019); dados populacionais recuperados de estimativas do TABNET/Ministério da Saúde para 2020; IDH recuperado do IBGE Cidades (cor azul = IDH Muito Alto, verde = Alto; amarelo = Médio; alaranjado = Baixo).

A distribuição da população e dos indicadores sociais e econômicos no DF dá destaque à alta densidade demográfica nas áreas de ocupação mais recentes de expansão da urbanização. Existem “bolsões” de densidade muito acima da média, que se refletem em outros indicadores sociais e econômicos.

TABELA 2 – Distribuição da população por Regiões de Saúde e Regiões Administrativas do Distrito Federal, 2018

Região de Saúde	Região Administrativa (RA)	População 2018	%
CENTRAL	RA1 - Brasília (Asa Norte)	145.311	4,89%
	RA1 - Brasília (Asa Sul)	104.817	3,53%
	RA11 - Cruzeiro	41.457	1,39%
	RA16 - Lago Sul	36.673	1,23%
	RA18 - Lago Norte	39.152	1,32%
	RA 22 - Sudoeste/Octogonal	59.117	1,99%
	RA 23 - Varjão	10.385	0,35%
	<b>Total da Região Central</b>	<b>436.912</b>	<b>14,70%</b>
CENTRO-SUL	RA8 - N. Bandeirante	28.698	0,97%
	RA10 - Guará	126.829	4,27%
	RA17 - R. Fundo I	41.347	1,39%
	RA19 - Candangolândia	18.444	0,62%
	RA 21- R. Fundo II	40.694	1,37%
	RA 24 - Park Way	23.064	0,78%
	RA 25 - SCIA (Estrut.)*	33.494	1,13%
	RA 29 - S.I.A*	2.772	0,09%
<b>Total da Região Centro-Sul</b>	<b>315.342</b>	<b>10,61%</b>	
NORTE	RA5 - Sobradinho I	89.935	3,03%
	RA 6 - Planaltina	195.027	6,56%
	RA 26 - Sobradinho II	83.713	2,82%
	RA 31 - Fercal	10.054	0,34%
	<b>Total da Região Norte</b>	<b>378.729</b>	<b>12,74%</b>
SUL	RA2 - Gama	156.321	5,26%
	RA13 - Santa Maria	133.905	4,51%
	<b>Total da Região Sul</b>	<b>290.226</b>	<b>9,76%</b>
LESTE	RA7 - Paranoá	62.510	2,10%
	RA14 - São Sebastião	95.199	3,20%
	RA 27- Jd. Botânico	23.385	0,79%
	RA 28 - Itapoã	50.073	1,68%
<b>Total da Região Leste</b>	<b>231.167</b>	<b>7,78%</b>	
OESTE	RA4 - Brazlândia	65.814	2,21%
	RA9 - Ceilândia (**)	461.057	15,51%
	<b>Total da Região Oeste</b>	<b>526.871</b>	<b>17,73%</b>
SUDOESTE	RA3 - Taguatinga	239.315	8,05%
	RA12 - Samambaia	226.355	7,62%
	RA15 - Recanto das Emas	141.218	4,75%
	RA 20 - Águas Claras (†)	117.834	3,96%
	RA 30 - Vicente Pires	68.240	2,30%
<b>Total da Região Sudoeste</b>	<b>792.962</b>	<b>26,68%</b>	
<b>TOTAL</b>		<b>2.972.209</b>	<b>100%</b>

Fonte: Plano de Saúde do DF (2019).

O Distrito Federal tem um Índice de Desenvolvimento Humano que se mantém na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano nos últimos anos, de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD). Calculado a partir dos dados da Pesquisa Nacional da Amostra de Domicílios, o IDHM do Distrito

Federal era 0,854, em 2016 e em 2017 era de 0,850. Esse desempenho coloca do Distrito Federal em primeiro lugar entre as 27 Unidades da Federação. Entretanto, esse indicador tem variações por sexo, por cor e por situação do domicílio, conforme se verá. A tendência do IDH no Distrito Federal é de crescimento, conforme demonstra a figura abaixo, calculada com dados dos censos populacionais.



Fonte: IBGE Cidades.

A desagregação do indicador por sexo também é relevante para analisar o contexto do Distrito Federal. Em 2010, o valor para as mulheres no Distrito Federal era 0,851 e, para os homens, de 0,797, o que coloca ambos os grupos na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano. Em números absolutos, a diferença entre ambos era de 0,054. O IDHM da população feminina em 2017 era 0,875, e da população masculina neste mesmo ano era de 0,823, o que coloca os dois grupos na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano.

Analisando as informações por cor, segundo o Censo Demográfico, o IDHM da população negra do Distrito Federal era de 0,788, o que a situava na faixa de Alto Desenvolvimento Humano. Já o IDHM da população branca nesse mesmo ano, era de 0,867, correspondente à faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano. Em números absolutos, a diferença entre ambos era de 0,079. O IDHM da população negra em 2017 era 0,810, posicionado na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano. O IDHM da população branca neste mesmo ano era de 0,890, o que a situava na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano.

Quando os dados são desagregados por situação de domicílio, segundo o Censo Demográfico de 2010, o IDHM da população residente na área urbana do Distrito Federal era 0,829 em 2010, o que a situava na faixa de Muito Alto Desenvolvimento Humano. Já o IDHM da população residente na área rural nesse mesmo ano, era de 0,702, correspondente à faixa de Alto Desenvolvimento Humano. Em números absolutos, a diferença entre ambos era de 0,127.

Os dados do IDHM também podem ser analisados de acordo com as dimensões que o compõe. O IDHM do Distrito Federal apresentou aumento entre os anos de 2000 e 2010, segundo informações do Censo Demográfico. Neste período, a evolução do índice foi de 13,66%. Ao considerar as dimensões que compõem o IDHM, também entre 2000 e 2010, verifica-se que o IDHM Longevidade apresentou alteração de 7,25%, o IDHM Educação apresentou alteração de 27,49% e o IDHM Renda apresentou alteração de 7,20%. Em 2016, era 0,854 e em 2017, 0,850, e, neste período, a evolução do índice foi de -0,47%. Na figura abaixo, vemos que, para as dimensões que compõem o IDHM, também entre 2016 e 2017, o IDHM Longevidade apresentou alteração de 0,56%, o IDHM Educação apresentou alteração de -2,43% e o IDHM Renda apresentou alteração de 0,70%

FIGURA 3 – Evolução do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) segundo as variações das dimensões que o compõe, Distrito Federal, 2000/2010 e 2016/2017



Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano /PNUD.

O IDHM Educação é composto por cinco indicadores, quatro referentes ao fluxo escolar de crianças e jovens, buscando medir até que ponto estão frequentando a escola na série adequada à sua idade. O quinto indicador refere-se à escolaridade da população adulta. A dimensão Educação, além de ser uma das três dimensões do IDHM, faz referência ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 – Educação de Qualidade. Segundo dados do último Censo Demográfico, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola era de 92,46%, em 2010. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 88,32%; a de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 66,32%; e a de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 53,48%. Utilizando dados da PNAD Contínua, é possível identificar que, em 2017, a proporção de crianças de 5 a 6 anos na escola neste ano era de 93,50%. No mesmo ano, a proporção de crianças de 11 a 13 anos frequentando os anos finais do ensino fundamental era de 95,50%, a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo era de 66,75%; e, por fim, a de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio completo era de 69,12%. Ainda com base nas informações da PNAD Contínua, em 2012, 84,31% da população de 6 a 17 anos do Distrito Federal estava cursando o ensino básico regular com menos de dois anos de defasagem idade-série. Em 2017, esse percentual era de 87,31% da população. A taxa de Distorção Idade-Série no ensino médio era de 26,70%, em 2013, e passou para 24,60%, em 2017. Por sua vez, a taxa de evasão no fundamental foi de 2,00%, em 2013 para 2,40%, em 2014. A taxa de evasão no ensino médio foi de 9,90%, em 2013 e em 2014, de 9,80%. Por sua vez, o indicador Expectativa de anos de estudo também sintetiza a frequência escolar da população em idade escolar. Mais precisamente, indica a média de anos de estudo que uma criança que inicia a vida escolar no ano de referência deverá completar ao atingir a idade de 18 anos. Em 2012, segundo informações da PNAD Contínua, essa média era de 9,90 anos e em 2017, foi de 10,33 anos. Outro indicador que compõe o IDHM Educação e mede a escolaridade da população adulta é o percentual da população de 18 anos ou mais com o ensino fundamental completo, que é afetado pela menor escolaridade das gerações mais antigas. Com base nos dados do Censo Demográfico, entre 2000 e 2010, esse percentual passou de 59,48% para 72,32%. Utilizando as informações da PNAD Contínua, nos anos

de 2012 e 2017, esse percentual foi de 76,14% e 78,72%. Em 2017, considerando-se a população de 25 anos ou mais de idade do Distrito Federal, 3,74% eram analfabetos, 76,06% tinham o ensino fundamental completo, 66,42% possuíam o ensino médio completo e 30,59%, o superior completo.

Sobre a dimensão Renda do IDHM, que representa o segundo componente de maior relevância na composição final do Índice em 2010, os dados também são favoráveis. Segundo informações do Censo Demográfico, a renda per capita mensal no Distrito Federal era de R\$ 1.199,44, em 2000 e R\$ 1.715,11, em 2010, a preços de agosto de 2010. Nesse período observa-se que houve crescimento desse valor a uma taxa média anual de 42,99%. As informações da PNAD Contínua mostram que houve crescimento da renda per capita mensal entre os anos de 2016 e 2017, passando de R\$ 1.614,34 para R\$ 1.681,05 (a preços de agosto de 2010), o que equivale a uma variação de 4,13% no período, em termos reais. Entretanto, os indicadores de pobreza não são tão positivos e demonstram que a renda aumentou, concentrando-se nos segmentos populacionais mais abastados. A proporção de pessoas extremamente pobres, ou seja, com renda per capita inferior a R\$70,00 (a preços correntes de agosto de 2010), passou de 1,77%, em 2016, para 2,76%, em 2017. Já a proporção de pessoas pobres (com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00, a preços de agosto de 2010) era de 4,34%, em 2016 e 4,96%, em 2017. Por fim, a proporção de pessoas vulneráveis à pobreza (com renda per capita inferior a R\$255,00, a preços de agosto de 2010), era 11,780%, em 2016 e 11,780%, em 2017. Em 2017, as proporções de extremamente pobres, de pobres e de vulneráveis à pobreza na população feminina eram de 2,94%, de 5,21% e de 12,23%, respectivamente. Já na população masculina, essas mesmas proporções eram de 2,56%, de 4,69% e de 11,28%. Considerando a desagregação da população por cor, nesse mesmo ano, 3,67% dos negros eram extremamente pobres, 6,33% eram pobres e 14,79% eram vulneráveis à pobreza. Na população branca, essas proporções eram de 1,33%, 2,87% e 7,06%, respectivamente. A desigualdade da renda pode ser descrita pelo Índice de Gini. No Distrito Federal, esse índice era de 0,630 em 2000 e de 0,630, em 2010, segundo dados do Censo Demográfico. Mais recentemente, segundo dados da PNAD Contínua, situou-se em 0,570, em 2016 e em 0,591, em 2017.

Entre 2000 e 2010, período entre os dois últimos Censos Demográficos, no Distrito Federal a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais, ou seja, o percentual dessa população que era economicamente, passou de 72,99% para 74,34%. Ao mesmo tempo, a taxa de desocupação nessa faixa etária, ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada, passou de 15,93% para 7,58%. O grau de formalização da população ocupada de 18 anos ou mais de idade era de 71,62 em 2010, sendo maior entre a população masculina e de brancos; dessa população ocupada, a porcentagem com rendimento mensal de até 1 salário-mínimo era de 8,46% em 2010, sendo maior entre a população feminina e de negros.

A esperança de vida ao nascer é o indicador utilizado para compor a dimensão Longevidade do IDHM e faz referência ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3 – Saúde e Bem-estar. A esperança de vida ao nascer da população do Distrito Federal, de acordo com os dados do Censo Demográfico, se alterou em 3,49 anos entre 2000 e 2010. Analisando as informações por situação de domicílio, a esperança de vida ao nascer da população residente na área urbana foi 77,53, já na área rural foi de 73,81, ambas para 2010. Em 2017, de acordo com os dados da PNAD Contínua, a esperança de vida ao nascer era de 78,37 anos. Por sua vez, a mortalidade infantil, definida como a mortalidade de crianças com menos de um ano de idade, passou de 20,71 por mil nascidos vivos, em 2000, para 14,01 por mil nascidos vivos, em 2010, de acordo com os dados do Censo Demográfico. Nas informações por situação de domicílio, em 2010, a mortalidade infantil na área urbana foi 13,64 e na área rural 22,17. Em 2017, de acordo com os dados da PNAD Contínua, a mortalidade infantil era de 10,32 por mil nascidos vivos. Em 2013, esse valor era de 11,22 por mil nascidos vivos.

Na Figura 4 se pode verificar uma oscilação importante do coeficiente de mortalidade infantil no Distrito Federal, com uma tendência de redução significativa no período de 2013 a 2016, com um pico de crescimento nos dois últimos anos da série. Como se verá adiante, esse pico recente está associado à redução da cobertura populacional por atenção básica.

FIGURA 4 – Série histórica do coeficiente de mortalidade infantil no Distrito Federal, 2006 - 2017



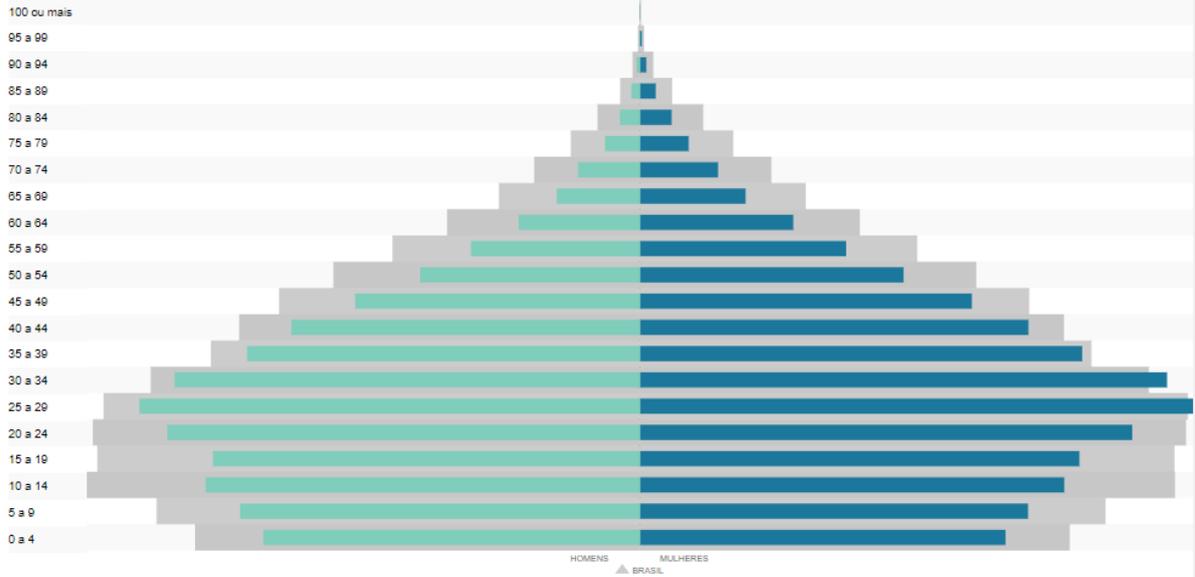
Fonte: IBGE Cidades.

O indicador Razão de Dependência é a proporção de população com menos de 15 anos ou com mais de 65 anos de idade (população economicamente dependente) em relação à população de 15 a 64 anos de idade (população potencialmente ativa). Segundo as informações do Censo Demográfico, a razão de dependência no Distrito Federal era de 46,49%, em 2000 e 40,14% em 2010. Para os mesmos anos, a taxa de envelhecimento registrou 3,29% e 4,97% respectivamente. Ao observar os resultados para 2017, segundo a PNAD Contínua, a razão de dependência atingiu 37,49% e, por sua vez, a taxa de envelhecimento alcançou 8,09%. Taxa de envelhecimento é a razão entre a população de 65 anos ou mais de idade em relação à população total.

Na Figura 5 pode ser verificado que a estrutura etária da população do Distrito Federal é muito diversa daquela do Brasil como um todo. O formato da pirâmide revela uma transição demográfica mais avançada no município e no estado em comparação com o Brasil como um todo, com a maior concentração de população nas faixas de 25 a 34 anos, tanto para o sexo masculino quanto feminino. O desenho da pirâmide populacional indica uma redução de natalidade e da tendência da mortalidade infantil nos últimos anos. Esse desenho também está associado a uma transição epidemiológica, com o aumento das doenças crônicas e aquelas prevalentes na população adulta e idosa.

FIGURA 5 – Pirâmides Etárias do Distrito Federal, Censo Demográfico, 2010

Pirâmide Etária - 2010

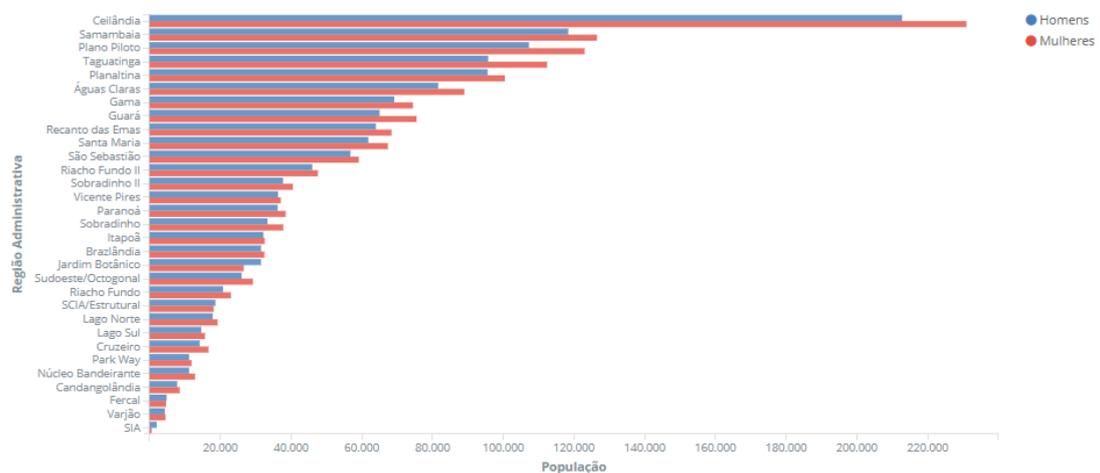


Fonte: IBGE Cidades.

Conforme se verificou na Tabela 2, a população do Distrito Federal não se distribuiu uniformemente pelo território. A figura abaixo detalha a composição da população, por sexo, nas Regiões Administrativas do DF apontando, igualmente, uma distribuição populacional bem desigual no território (Figura 6).

FIGURA 6 – Distribuição da população pelas Regiões Administrativas, Distrito Federal, 2020

População por Região Administrativa - Sexo



Fonte: InfoSaúde/Secretaria da Saúde do Distrito Federal.

Nesse cenário, a preocupação da Educação deve se voltar para a formação de cidadãos críticos, conscientes e profissionalmente competentes, que sejam capazes de interagir com as diferentes áreas do conhecimento, respeitando o outro, a si mesmo e a natureza, ao mesmo tempo em que precisam acompanhar o constante avanço tecnológico.

TABELA 3 – Distribuição da População do Distrito Federal por grupos de características especiais, 2020

Distrito	Total	Homens	Mulheres	Mulheres em Idade Fértil (20 a 49 anos)	Faixa etária (pessoas)			
					0 a 4 anos	5 a 19 anos	60 anos e mais	30 a 69 anos
Região Central	486.912	202.909	284.003	138.009	18.964	46.499	75.485	239.977
..Brasília	250.128	134.300	116.028	78.761	9.974	26.211	45.821	145.378
..Asa Norte	345.311	67.629	77.682	47.839	6.081	15.407	21.455	85.323
..Asa Sul	304.817	46.471	58.346	30.941	3.893	10.804	24.366	89.855
..Cruzeiro	41.457	39.125	22.332	14.023	1.896	5.531	5.819	23.125
..Lago Norte	39.152	39.003	20.149	11.044	1.988	3.717	7.790	23.041
..Lago Sul	36.673	17.583	19.090	9.883	1.264	3.682	9.311	21.542
..Sudoeste/Oct	59.117	27.582	31.135	20.586	3.305	5.378	6.276	36.601
..Varejo do Torço	10.385	5.116	5.269	3.712	987	1.982	480	4.290
Região Centro-Sul	315.342	149.657	165.685	106.554	20.158	46.736	35.782	161.794
..Candangolândia	18.444	8.816	9.628	6.204	1.147	2.718	1.987	9.216
..Gardí	126.828	57.381	69.446	41.904	6.686	15.749	19.629	69.345
..Núcleo Bandeirante	28.698	13.336	15.362	9.903	1.661	4.085	3.561	14.888
..Park Way	23.064	11.354	11.711	7.227	1.300	3.030	3.339	13.203
..Riacho Fundo I	41.347	39.845	21.502	14.634	2.639	6.108	3.544	21.393
..Riacho Fundo II	40.694	39.879	20.815	14.629	3.259	7.612	2.328	38.987
..SCIA (Estrutural)	33.494	17.089	16.405	11.487	3.381	7.162	1.256	13.322
..SIA	2.772	1.957	815	576	134	298	139	1.380
Região Leste	231.167	117.534	113.634	79.448	19.646	40.188	12.952	104.837
..Itapoá	50.073	25.336	24.737	17.701	5.395	9.794	1.486	20.723
..Jardim Botânico	23.385	11.387	11.998	7.726	1.457	3.022	2.526	13.327
..Paranóá	62.530	30.496	32.034	21.455	5.063	10.560	4.875	28.566
..São Sebastião	95.199	30.315	44.884	32.567	7.530	16.808	4.055	42.211
Região Norte	378.729	189.461	189.267	128.711	28.723	64.489	34.762	182.007
..Fercal	10.054	5.190	4.864	3.225	1.008	1.930	684	4.140
..Planaltina	189.027	95.444	99.583	66.721	15.861	35.896	15.873	89.650
..Sobradinho	89.935	42.560	47.375	29.948	5.669	12.991	11.342	46.792
..Sobradinho III	83.713	40.357	43.445	28.817	6.386	13.667	6.863	41.424
Região Oeste	526.871	254.763	272.109	177.511	41.301	85.603	52.264	253.940
..Brasília	65.834	32.628	33.186	21.553	5.245	11.999	6.373	30.301
..Ceilândia	461.057	222.134	238.923	155.958	35.857	73.610	45.891	223.540
Região Sudoeste	792.962	380.176	412.786	274.076	36.743	124.240	71.232	396.439
..Águas Claras	117.834	57.054	60.780	41.796	9.375	14.438	9.367	64.476
..Recanto das Emas	341.238	68.924	72.294	50.732	11.529	28.144	7.734	63.486
..Sambomia	226.335	109.781	116.574	78.746	38.293	39.097	15.088	105.129
..Taguatinga	239.315	130.382	128.933	79.443	13.122	32.467	33.383	126.806
..Vicente Pires	68.240	34.084	34.206	23.339	4.404	10.134	5.660	36.343
Região Sul	290.226	138.959	151.267	99.640	20.159	50.092	28.946	140.088
..Gama	156.321	74.124	82.197	52.628	9.671	25.446	20.361	78.802
..Santa Maria	133.905	64.836	69.069	47.011	10.488	24.646	8.385	61.287
DF	2.972.209	1.427.459	1.544.750	1.003.949	205.484	457.878	311.433	1.492.902

Fonte: InfoSaúde - SES/DF.

Assim, no contexto das transformações, a Universidade precisa refletir sobre as suas estruturas organizacionais e os objetivos traçados para o fazer pedagógico. O desafio de preparar uma geração para a vida, requer não só o conhecimento da realidade em que se está inserido, mas também a participação no enfrentamento dos problemas sociais de sua comunidade na construção de um futuro mais justo, equânime, saudável e sustentável.

## 2.3 CONTEXTO INSTITUCIONAL

### 2.3.1 Mantenedora - União Brasileira de Educação Católica

A União Brasileira de Educação Católica (UBEC) é uma associação civil, confessional, de direito privado, de caráter assistencial, educacional e filantrópico e sem fins econômicos, comunitária e reconhecida como de utilidade pública. Inscrita no CNPJ/MF sob o nº 00.331.801/0001-30, fundada em 08 de agosto de 1972, na Cidade de Brasília-DF, registrada no Cartório do 1º Ofício do Registro Civil de Títulos e Documentos e Pessoas Jurídicas de Brasília-DF, sob nº de ordem 1.132, no Livro A-6, datado de 12 de agosto de 1972, com sede à Avenida Dom Bosco, nº 2.139, Silvânia-GO e, com Escritório Executivo na QS 01 Rua 210 sala 1105 e 1106, Lote 40 – Areal/Águas Claras-DF.

QUADRO 01 – Dados da UBEC

<b>Mantenedora:</b>	União Brasileira de Educação Católica - UBEC						
<b>End.:</b>	QS 1 Rua 210 salas 1105 e 1106					<b>n.:</b>	Lote 40
<b>Bairro:</b>	Areal	<b>Cidade:</b>	Brasília	<b>CEP:</b>	71950-770	<b>UF:</b>	DF
<b>Fone:</b>	(61) 3383-9000			<b>Fax:</b>	(61) 3383-9030		
<b>Site:</b>	<a href="http://www.catolica.edu.br/ubec/">http://www.catolica.edu.br/ubec/</a>						

Fonte: UBEC

Constituída como Associação Civil, religiosa de direito privado e de caráter assistencial, educacional e filantrópica, a UBEC é formada pela união de cinco Províncias Religiosas e uma Diocese: a Província Lassalista de Porto Alegre – Irmãos Lassalistas; a Província São José da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo – Padres e Irmãos Estigmatinos; a Província Marista do Centro Norte do Brasil – Irmãos Maristas; a Inspeção São João Bosco – Salesianos de Dom Bosco; a Inspeção Madre Mazzarello – Irmãs Salesianas; a Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano.

A diretoria da UBEC adota o modelo de Governança Corporativa (aprovado pela Assembleia Geral nº 84, de 17/18 de novembro de 2009), na intenção de aumentar a eficiência e eficácia no trato das ações desenvolvidas em todas as instâncias da UBEC.

Atualmente, além da UCB, a UBEC mantém: o Centro Educacional Católica de Brasília (CECB), o Centro Educacional Católica do Leste de Minas Gerais (CECMG), o Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (UNILESTE), o Colégio Padre de Man (CPM), em Minas Gerais, a Faculdade Católica do Tocantins (FACTO) e a Faculdade Católica Imaculada Conceição do Recife (FCR), além de cinco instituições de Educação Básica em Brasília, Coronel Fabriciano, Timóteo, Joinville e Curitiba.

FIGURA 7 - Unidades de missões mantidas pela UBEC



Fonte: UBEC

Ao longo de meio século de existência, muitas vidas foram e estão sendo transformadas por meio de ações educacionais e sociais desenvolvidas. Atualmente, mais de 27 mil estudantes fazem parte do Grupo e mais de 3,5 mil são atendidos pelo programa de filantropia.

O Plano Estratégico da UBEC (2023-2027) assume como valores institucionais: o humanismo solidário, a gestão compartilhada, a inovação com performance, a ética, a ecologia integral e a espiritualidade. Estes valores demonstram o compromisso do Grupo com sua missão.

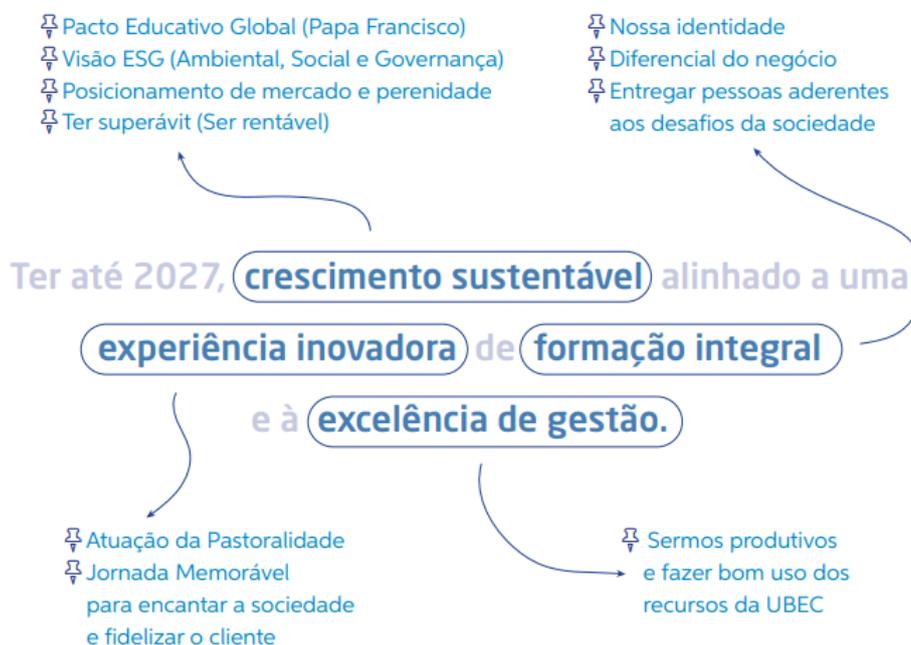
FIGURA 8 – Missão do Grupo UBEC



Fonte: UBEC

FIGURA 9 – Visão do Grupo UBEC

### A Visão do Grupo UBEC é



Fonte: UBEC

São direcionadores da Visão da UBEC, definidos em seu Planejamento Estratégico:

- a) **Crescimento Sustentável:** entendido como o potencial de crescer nos mercados em que atua e, também, em novos mercados, seja por novos negócios ou negócios já existentes. A perspectiva de conhecimento está alinhada à missão Institucional, pois pressupõe o crescimento como uma organização que prima por uma governança social e ambientalmente comprometida. Deve promover, desta forma, o desenvolvimento econômico, social, cultural e ambiental, buscando a perenidade do Grupo

UBEC ao mesmo tempo que garante nosso compromisso com a sociedade;

- b) **Experiência Inovadora:** a experiência inovadora traz uma atuação na jornada do estudante de modo que ele obtenha o máximo de aproveitamento e reconhecimento quanto ao crescimento pessoal e ao sucesso por ter percorrido sua jornada formativa. Neste sentido, o ecossistema educativo do Grupo, que impacta diretamente na experiência do estudante, é composto por vários atributos, dentre eles a formação integral, pensando na completude do ser, e a pastoralidade como um elemento de espiritualização e evangelização;
- c) **Formação Integral:** a formação integral é entendida como um conjunto de ações educativas que promovem o desenvolvimento da pessoa (criança, jovem e adulto) em todas as suas dimensões, envolvendo os aspectos emocional, espiritual, cultural, físico, intelectual, psíquico e social. Requer a compreensão de que a Educação deve promover o crescimento para além da dimensão intelectual, proporcionando o aperfeiçoamento de toda a pessoa e de todas as pessoas. Por esse motivo, na Educação integral defendida e oferecida pelas instituições educacionais do Grupo UBEC, a aprendizagem não se dá apenas na sala de aula e nem só com a presença direta do professor/educador. Ela acontece nos diversos e múltiplos espaços e situações em que os estudantes/educandos vivenciam, por meio de experiências, formas e várias linguagens;
- d) **Excelência em Gestão:** elemento que envolve diversas práticas e resultados associados à produtividade, qualidade educacional, assegurado pelo uso eficiente dos recursos do Grupo.

### 2.3.2 Universidade Católica de Brasília

A Universidade Católica de Brasília (UCB), mantida pela União Brasileira de Educação Católica (UBEC), é regida pela legislação pertinente em vigor, pelos Estatutos da Mantenedora, no que couber, por seu Estatuto, pelo Regimento Geral e por atos normativos internos.

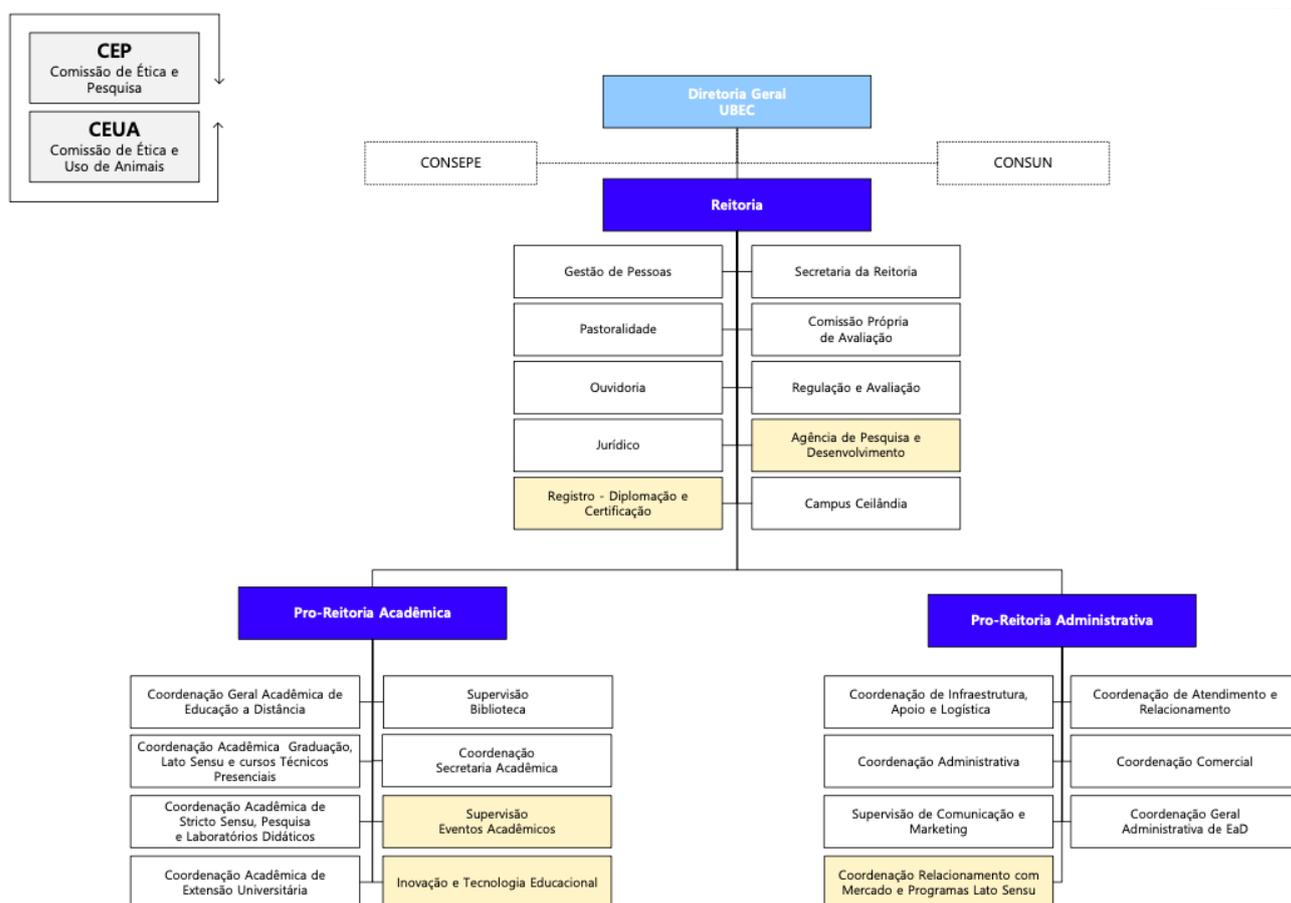
QUADRO 02 – Dados da UCB

<b>Mantida:</b>	Universidade Católica de Brasília – UCB					
<b>End.:</b>	QS 07 – Lote 1 – EPCT					
<b>Bairro:</b>	Águas Claras	<b>Cidade:</b>	Taguatinga	<b>CEP:</b>	71966-700	<b>UF:</b> DF
<b>Fone:</b>	(61)3356 9000					
<b>Site:</b>	<a href="http://www.UCb.br">http://www.UCb.br</a>					

Fonte: UBEC

A UCB goza de autonomia didático-científica, administrativa e disciplinar, dentro dos limites fixados pela legislação federal e por seu Estatuto, adotando o seguinte modelo organizacional:

ORGANOGRAMA 01 – Estrutura UCB



Fonte: UBEC

Toda a gestão da UCB, conforme apresentada no organograma acima, orienta-se pelos princípios cristãos e pauta sua atuação no respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana, tendo como finalidades: formar cidadãos e profissionais conscientes e competentes; promover a Educação cristã pelo diálogo entre razão e fé, integrando os diversos ramos do saber, tendo como

compromisso a busca da verdade; incentivar o exercício da justiça, o fortalecimento da sociedade humana, a compreensão e promoção dos direitos e deveres da pessoa; promover a evangelização da cultura; desenvolver ensino de qualidade; promover a pesquisa científica, tecnológica, filosófica, teológica e cultural em geral, bem como as atividades de Educação continuada; desenvolver atividades de extensão, colocando à disposição da comunidade os resultados das atividades de ensino e pesquisa, mediante cursos e serviços especiais; colaborar com entidades públicas e privadas na busca de um modelo integrado de desenvolvimento, fundado no respeito e na assimilação dos valores culturais, sem perder de vista a formação da consciência crítica para o exercício da cidadania, bem como o caráter universal do saber.

A história da UCB está ligada à própria organização da UBEC, em 1972, graças à iniciativa de diretores de Colégios Religiosos de Brasília, sob a liderança do Padre José Teixeira da Costa Nazareth. Em um primeiro momento, foi criada a instituição responsável por manter a futura Universidade Católica de Brasília, a União Brasileira de Educação Católica. Logo em seguida, foi criada a Faculdade Católica de Ciências Humanas (FUCH), em 1974, como primeira unidade de ensino.

O registro em cartório da Ata da Assembleia, Estatuto e Posse da 1ª Diretoria, realizado no dia 12 de agosto de 1972, oficializou o grupo de Diretores de Escolas Católicas de Brasília na fundação da UBEC - sociedade civil de direito privado e objetivos educacionais, assistenciais, filantrópicos e sem fins lucrativos -, cujo principal objetivo foi criar, na cidade de Brasília, uma Universidade Católica. Eram cerca de dez congregações, todas com mais de 100 anos de experiência internacional em Educação.

Daquelas instituições iniciais, permaneceram seis associadas à frente da UBEC. A primeira unidade, a Faculdade Católica de Ciências Humanas (FUCH), foi sediada provisoriamente no Plano Piloto de Brasília, tendo início em 12 de março de 1974, com os cursos de Economia e Administração de Empresas, que funcionaram no Colégio Sagrado Coração de Maria, e com o curso de Pedagogia, cujas aulas ocorreram no Colégio Marista, na região administrativa de Taguatinga. Nos anos de 1980, duas outras Faculdades: a Faculdade Católica de Tecnologia e a Faculdade de Educação reuniram-se à FUCH. Nessa época, alteraram-se Estatutos e Regimentos, em razão da nova

realidade conjuntural, permitindo uma estrutura de ensino coerente e adequada à sua própria expansão, sendo então instaladas as Faculdades Integradas da Católica de Brasília (FICB).

Os cursos na área de Educação, de capacitação dos docentes da Secretaria de Educação do DF e a Graduação na área de Ciência e Tecnologia foram priorizados, levando-se em conta o conhecimento, experiências históricas e proposições das FICB nessa área. A criação da Faculdade Católica de Tecnologia, reunindo os cursos de Ciências (Matemática, Física, Química e Biologia) e o Curso Superior de Tecnologia em Processamento de Dados, mostrava a expansão gradativa e segura da Católica. Em março de 1985, o *campus*, posteriormente denominado *campus I*, em Taguatinga, foi inaugurado com o primeiro prédio, hoje denominado São João Batista de La Salle. Em 1987, a Instituição oferecia cursos de Graduação tais como o de Ciências Biológicas, Ciência da Computação, Filosofia, Física, Letras, Matemática e Química, com opções em licenciatura e bacharelado, além de cursos de Pós-Graduação.

O desenvolvimento das FICB confirmava as possibilidades dos trabalhos acadêmicos consolidando os objetivos, as diretrizes de ação e as metas na elaboração do projeto para o reconhecimento das FICB como Universidade. Uma das ações necessárias para isso foi a implantação do Curso de Mestrado em Educação, cujas atividades começaram em 1994.

De acordo com a Portaria nº 1.827, de 28 de dezembro de 1994, a Católica foi reconhecida pelo Ministério da Educação e do Desporto como Universidade Católica de Brasília (UCB) e, no dia 23 de março de 1995, foi oficialmente instalada em seu *campus I*, em Taguatinga. Na ocasião, o Chanceler, Irmão Gentil Paganotto, teve a atribuição de nomear o Reitor, Padre Décio Batista Teixeira e entregar a Universidade à comunidade. Durante a gestão do Padre Décio, a UCB contava com 377 professores, 6.990 estudantes e 488 funcionários administrativos. Esse considerável corpo acadêmico ajudou o Reitor a superar as inúmeras dificuldades no processo de organização da Universidade.

Esse momento marca o início das edificações que hoje totalizam 112.460 m<sup>2</sup> de área construída nos *campi* da UCB, com prédios modernos e funcionais. De março de 1995 até 1998 existiam na UCB 20 cursos de Graduação e 24 cursos de Pós-Graduação *lato sensu* (destes, 04 cursos na

modalidade a distância), além de 03 cursos de Pós-Graduação *stricto sensu*. Acompanhando esta linha de planejamentos bem estruturados, consolidou-se a Pós-Graduação *stricto sensu*, acompanhada da implantação de outros cursos de mestrado, como: Economia (1998), Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação (1998), Psicologia (1999), Educação Física (1999), Planejamento e Gestão Ambiental (2000), Ciências Genômicas e Biotecnologia (2000), Direito (2003), Gerontologia (2005). A expansão do *stricto sensu* se fortaleceu com a criação dos cursos de doutorado em Educação, Psicologia, Educação Física, Gerontologia, Ciências Genômicas e Biotecnologia.

#### 2.3.2.1 Missão

A Universidade Católica de Brasília tem como missão promover Educação integral e compromisso social com valores humanos e cristãos para servir à sociedade.

#### 2.3.2.2 Princípios institucionais

A Universidade Católica de Brasília faz parte da rede brasileira e mundial de Instituições de Educação Católica e traz em si a marca do compromisso em promover processos educativos que contribuam para a construção da dignidade da vida. Nesse sentido, professa e se compromete, diante da comunidade humana, a seguir os seguintes princípios fundantes:

- a) o sentido cristão da existência humana, a valorização da vida em todas as suas formas, o respeito à dignidade da pessoa humana e à liberdade pessoal, a busca da verdade e do transcendente e o relacionamento da pessoa humana consigo mesma, com os outros, com o mundo e com Deus;
- b) o confronto, no diálogo entre a fé e a cultura, de critérios e itinerários culturais e religiosos diferentes;
- c) a competência no Ensino, em todos os seus níveis e modalidades;

- d) a construção da comunidade, pelo testemunho solidário do convívio fraterno e da corresponsabilidade;
- e) a formação da consciência e do agir cristãos no âmbito social, para a consolidação da cidadania e a construção de uma sociedade mais justa e fraterna;
- f) a busca constante da eficiência e da eficácia na gestão acadêmica, administrativa e financeira, de acordo com o modelo de Governança Corporativa, assumido pela UBEC;
- g) a formação da consciência em relação ao meio ambiente e ao desenvolvimento sustentável;
- h) gestão pautada na transparência, equidade e conformidade;
- i) unidade de patrimônio e de administração;
- j) indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- k) racionalidade de organização para a utilização máxima dos meios disponíveis, vedada a duplicação de recursos para a realização de objetivos idênticos ou equivalentes;
- l) corresponsabilidade de todos os envolvidos na busca da realização dos objetivos da Universidade;
- m) flexibilidade de métodos e critérios com vistas às diferenças individuais dos estudantes, às peculiaridades regionais e às possibilidades de combinação dos conhecimentos para novos cursos e programas de pesquisa e de extensão;
- n) universalidade de campo, pelo cultivo das áreas fundamentais do conhecimento humano, estudadas em si mesmas ou em razão de ulteriores aplicações em áreas técnico- profissionais.

São princípios que acompanham todo o fazer educativo da UCB, a saber:

- a) Pastoralidade: A UCB é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, conforme a natureza de uma Universidade, mas é também uma comunidade educativa confessional. Assim, tem sua referência numa experiência de fé, por meio da qual busca ser fermento evangélico no mundo social. Daí a importância de compreender a pastoralidade como o primeiro princípio estruturante da instituição;

- b) **Extensionalidade:** O princípio da extensionalidade, sob essa ótica, é valor epistemológico, ético e político buscado pela Instituição no seu processo educativo. Esse valor perpassa, transversalmente, as atividades de ensino-aprendizagem, visando oferecer condições para a geração de competências científicas, profissionais e humanas no mundo do trabalho e em todos os espaços onde a vida pode acontecer;
- c) **Sustentabilidade:** Entre os diversos segmentos que compõem a sociedade estão as instituições de Educação superior, colaboradoras importantes por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, na construção de um conhecimento compatível com a sustentabilidade do desenvolvimento, bem como com a equidade, o equilíbrio e a conservação do planeta e da humanidade. A sustentabilidade pode tornar-se um princípio da instituição à medida que pautar o seu processo de ensino e de aprendizagem, considerando, dentre outros, o aspecto ecológico, econômico, ecumênico, educacional e ético;
- d) **Indissociabilidade:** As atividades do ensino, da pesquisa e da extensão são tempos, espaços e processos de aprendizagem, em vista da formação do educando e da transformação social. Para tanto, a Universidade precisa constituir-se, cada vez mais, numa comunidade de aprendizes onde se desenvolvem os talentos, as competências e as habilidades necessárias para a formação pessoal, profissional e social. A atitude aprendente é, portanto, o elemento integrador das diversas formas de produção e comunicação do conhecimento. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é, acima de tudo, um princípio pedagógico e político que permeia todas as ações que são realizadas na Universidade. Assim, em cada ação realizada, devem estar presentes: o princípio do ensino como processo de autonomia na aprendizagem; o princípio da pesquisa como processo de autonomia da investigação científica; o princípio da extensão como autonomia na ética e na relevância social do conhecimento.

### 2.3.2.3 Valores institucionais

Os valores e os princípios norteadores da existência da UCB estão em consonância com a proposta da sua fundação, com os pilares básicos ideológicos defendidos por sua Mantenedora e com o papel social de uma Universidade.

Valores:

- Humanismo solidário;
- Espiritualidade;
- Ecologia integral;
- Gestão compartilhada;
- Ética;
- Inovação com percepção.

Para o cumprimento dos valores institucionais a UCB empenha suas forças com foco em valores indispensáveis e necessários à sociedade, alinhados à visibilidade pública da Igreja Católica, quais sejam:

- a) Ser testemunho da Igreja na sociedade;
- b) Ser espaço dinâmico de encontro e tensão entre experiência de fé e saber científico, em contínua busca de sentido;
- c) Cumprir sua responsabilidade sociopolítica conforme as orientações da Igreja;
- d) Pronunciar-se com competência sobre questões político-econômico-sociais, tendo presentes princípios ético-religiosos;
- e) Prestar serviços à Igreja e à Sociedade;
- f) Como comunidade educativa católica:
  - atender a todos os estudantes, sejam quais forem suas convicções;
  - ser, para todos, lugar de experiência religiosa; de estímulo à busca do transcendente; de apresentação da proposta cristã sem proselitismo;
  - proporcionar aos estudantes um ambiente favorável para o cultivo de sua identidade e a formação de lideranças cristãs, sendo um lugar de síntese entre fé e razão, sempre em espírito ecumênico, no sentido mais amplo do termo.

- Como Universidade:
- testemunhar e construir comunhão e fraternidade na comunidade acadêmica e estendê-las à comunidade local;
- ter presentes, em suas opções, as necessidades das classes populares;
- respeitar a diferença e propiciar o crescimento dos integrantes da comunidade acadêmica;
- oferecer, à sociedade e à Igreja, profissionais com fundamentada formação ética, cultural, tecnológica e científica.

#### 2.3.2.4 Coordenação de pastoralidade

A Universidade Católica de Brasília (UCB), como um espaço de acolhida, evangelização e Educação na fé, dedica atenção especial aos universitários, docentes e colaboradores, disponibilizando momentos para celebração da vida, reflexão pastoral, vivência dos valores do Reino, ação evangelizadora no meio acadêmico e comunidade externa. E como instrumento para viabilizar essa missão, concretizando os valores e os princípios institucionais, o setor de Coordenação de Pastoralidade dispõe de espaços para a comunidade educativa desenvolver e valorizar a dimensão mística e espiritual em nossas vidas.

A pastoralidade tem seu fundamento no cuidado e no serviço das pessoas, como espiritualidade que inspira, permeia e norteia todas as ações e decisões institucionais, sendo uma dimensão que abarca a totalidade da Instituição, o complexo das suas atividades e o conjunto das pessoas que a compõem. Neste sentido, toda a comunidade acadêmica é convidada a: fazer parte dessa ação que se realiza no cotidiano da vida universitária para construir espaços e momentos celebrativos, reflexivos, meditativos e orantes; ajudar no planejamento de ações pastorais; dar sugestões para aperfeiçoar as já existentes e a criação de novas atividades de vivência da espiritualidade; e promover o diálogo entre fé, cultura, ciência, sustentabilidade ambiental nos

processos educativos em que está inserido e assim contribuir para a efetividade do Reino de Deus em nossas vidas.

Assim, a pastoralidade é o DNA que irrigará toda a vida universitária em todas as suas dimensões, sejam elas pedagógicas, administrativas, financeira, educacional, pastoral e as relações humanas. Tendo esse norte, a UCB apresenta a Coordenação de Pastoralidade como o setor responsável por animar, promover e provocar as ações pastorais no ensino, pesquisa e extensão, extrapolando os muros do Câmpus e irradiando energias de um novo Sol para toda a sociedade.

#### 2.3.2.5 Visão de futuro

Universidade Católica de Brasília será uma instituição de referência na excelência acadêmica e na geração do desenvolvimento sustentável. A visão Institucional é ter até 2027, crescimento sustentável alinhado a uma experiência inovadora de formação integral e à excelência em gestão.

Para a consecução dessa visão de futuro a UCB desenhou objetivos estratégicos com base nas perspectivas de crescimento e na consolidação desta Universidade como referencial de qualidade no Ensino Superior, dentro do cenário local, regional e nacional, bem como pelas diretrizes de sua mantenedora.

A UCB estabeleceu também alguns projetos como balizadores e prioritários para o seu desenvolvimento, bem como a sua correlação entre futuras metas e ações. Esse processo contará com uma avaliação permanente e ajustável, em função de um conjunto de fatores internos e externos inter-relacionados.

Os projetos têm por finalidade apresentar os principais elementos que compõem o processo de revitalização do modelo de gestão da Universidade Católica de Brasília e estabelecer os pilares do planejamento estratégico, visando ao desenvolvimento do Projeto de Universidade.

### 3 CONTEXTO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

A consolidação dos cursos de Arquitetura no Brasil e do próprio campo profissional do arquiteto e urbanista estão historicamente relacionados às demandas institucionais, aos projetos de governo e aos fenômenos da urbanização.

A transferência da capital brasileira do Rio de Janeiro para o Planalto Central e o lançamento do Plano de Metas pelo governo Juscelino Kubitschek, ainda na década de 50, marcaram um importante período para a democracia e o desenvolvimento econômico no país, nos chamados “anos desenvolvimentistas”, quando a cidade de Brasília foi projetada e construída. Inaugurada em 1960, Brasília representou a afirmação da arquitetura moderna no Brasil. Mais que uma simples adesão dos arquitetos brasileiros a essa renovação estética e intelectual, havia a complementaridade entre a formação profissional do arquiteto e o atendimento à demanda desenvolvimentista da nação.

A ampliação do ensino universitário foi um fenômeno percebido em todo o Ocidente entre as décadas de 1980 e 1990. No Brasil, a expansão do ensino de arquitetura e urbanismo foi percebida a partir do crescimento da economia brasileira, da demanda por profissões técnicas e da ampliação de mercado, principalmente pela oferta e demanda de novos cursos de Arquitetura e Urbanismo nas instituições privadas de ensino.

A região Centro-Oeste, em particular, se apresentou como a nova fronteira de expansão no território brasileiro, em termos demográficos e econômicos. Apesar de ter a menor população, a região apresenta a segunda posição geral nos quesitos de rendimento médio per capita, taxa de crescimento anual e grau de urbanização.

Segundo projeções da ONU, até o ano de 2030, 90% da população mundial deverá viver em centros urbanos, o mesmo ocorrendo no Brasil, país com maiores índices de urbanização da América Latina, com 84,4% de sua população morando nas cidades. O Distrito Federal não fica atrás, apresentando o segundo maior grau de urbanização do país, com pouco mais de 96% de sua população vivendo em cidades, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro e à frente de São Paulo.

Foi compreendendo que uma atuação competente do profissional de Arquitetura e Urbanismo é de fundamental importância para garantir as condições de habitabilidade das cidades para as próximas gerações que a Universidade Católica de Brasília propôs a criação do curso de arquitetura e urbanismo, adotando como princípios norteadores:

A qualidade de vida dos habitantes nos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído e sua durabilidade;

O uso de tecnologias em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades;

O equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente natural e construído;

A valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio e responsabilidade coletiva.

Com base nestes princípios, e visando suprir a crescente demanda de profissionais para atuar na complexa região metropolitana onde está localizada, a Universidade Católica de Brasília vem colaborar para a formação de profissionais conscientes de seu papel como cidadãos, por meio de uma prática fundamentada na preservação dos valores culturais e patrimoniais de Brasília e no constante aperfeiçoamento dos espaços urbanos e edificações que compõem a paisagem da Capital Federal.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília foi implantado em 08/12/2009 ad referendum pelo CONSEPE – Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade – sob a Resolução no 164/2009, com objetivo de oferecer vagas já para o 1º semestre de 2010. A primeira estrutura curricular do curso de arquitetura e urbanismo foi aprovada pelo CONSEPE por meio do Parecer Nº 62/2010, quando o curso se situava na área de Ciências Sociais Aplicadas – CSA –, seguindo a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, assim como do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Apresenta-se a seguir quadro síntese com as informações acerca das atividades do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB.

QUADRO 03 – Dados do curso de Arquitetura e Urbanismo

<b>Denominação do Curso:</b>	Arquitetura e Urbanismo		
<b>Modalidade:</b>	Presencial		
<b>Regime de matrícula:</b>	Seriado		
<b>Tempo de integralização</b>	5 anos (10 semestres)		
<b>Carga Horária Total</b>	3600 horas		
<b>Vagas autorizadas</b>	100 vagas anuais (Portaria Nº 110 de 05 de fevereiro de dois mil e vinte e um.		
<b>Situação Legal do Curso</b>	<b>Autorização</b>	<b>Reconhecimento</b>	<b>Renovação</b>
<b>Documento</b>	Resolução CONSEPE nº 97	Portaria MEC nº 40	Portaria MEC nº 110
<b>Data Documento</b>	30/09/2008	14/02/2013	24/12/2015
<b>Data da Publicação D.O.U.</b>	30/09/2008	D.O.U. de 15/02/2013	D.O.U. de 05/02/2021

Fonte: UCB

## **4 ORGANIZAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA**

### **4.1 POLÍTICAS INSTITUCIONAIS DO ÂMBITO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO**

A UCB, atenta ao Art. 207 da Constituição (1988), atua com base na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A organização didático-pedagógica do curso de ARQUITETURA E URBANISMO UCB é estabelecida e atualizada a partir do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) (2023-2027), levando em consideração os aspectos regulatórios, a exemplo das Diretrizes Curriculares Nacionais, no caso do curso, a Resolução CNE/CES nº 2, de 17 de junho de 2010. A implementação das políticas de ensino, pesquisa e extensão tem foco na promoção do desenvolvimento integral da pessoa, da competência para o exercício profissional comprometido com a ética e com a aprendizagem contínua e do exercício da cidadania responsável, engajada e comprometida com os valores humanos e cristãos, visando à transformação da sociedade. As estratégias adotadas pela Universidade trazem a inovação como característica principal, sendo oferecida à comunidade acadêmica opções estratégicas do modelo acadêmico-pedagógico, a saber:

- a adoção da Educação híbrida como forma de estímulo à autonomia intelectual, ao protagonismo, à autoria, ao trabalho colaborativo e ao desenvolvimento de competências relacionadas ao uso qualificado de recursos tecnológicos e informacionais;
- a atenção ao desenvolvimento de conhecimentos de forma inter, multi e transdisciplinar.
- a inserção de 03 componentes curriculares relacionadas ao Programa Propósito de Vida (PPV) possibilitando, dentre outros aspectos, a reflexão necessária acerca do projeto de vida individual e de seu impacto pessoal, profissional e social;
- o cuidado com formação integral e humanística, revelado nos componentes curriculares do PPV, em componentes curriculares específicos, e em atividades e eventos acadêmicos diversos, realizados pela Universidade;

- o destaque às atividades de inserção social a partir de componentes curriculares dedicadas à realização e atuação em projetos de extensão;
- a diversificação curricular promovida pela carga horária destinada às atividades complementares, nas disciplinas optativas e, ainda, pela possibilidade de cursar componentes curriculares de forma eletiva;
- a atenção e o zelo pela formação profissional qualificada que podem ser observados no alinhamento das componentes curriculares específicas às Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos, às macrotendências e demandas sociais e ao perfil de egresso definido;
- o compromisso com a indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão, que marca todas as práticas educativas promovidas na e pela Universidade.

Em destaque, a opção Institucional pela inovação se dá pelo uso de tecnologias e metodologias de aprendizagem ativas que possibilitam o desenvolvimento da criatividade, do protagonismo, da autonomia e da experiência colaborativa, revelando nas práticas educativas a centralidade do estudante e de sua aprendizagem, visando a formação integral que privilegia o autodesenvolvimento e o desenvolvimento da sociedade, comprometido com o respeito ao meio ambiente e com o transcendente.

A organização didático-pedagógica do curso de ARQUITETURA E URBANISMO da UCB contempla as demandas de natureza econômica, social, cultural, política e ambiental. Isso está explícito nos componentes curriculares escolhidos para compor a grade curricular do curso, e implícito nos Planos de Ensino desses componentes curriculares. As políticas institucionais de ensino, pesquisa e extensão, atualmente em vigor na UCB, estão implementadas no curso de ARQUITETURA E URBANISMO.

A estrutura curricular proposta atende aos aspectos de flexibilidade, interdisciplinaridade, acessibilidade pedagógica e atitudinal, compatibilidade da carga horária total, com a previsão de horários protegidos para o estudo e ampla articulação da teoria com a prática.

Os conteúdos curriculares, além de possibilitarem de maneira excelente o desenvolvimento do perfil profissional do egresso, são coerentes com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), com os objetivos do curso, e com as necessidades sociais. Os estudantes têm acesso de maneira transversal, em

grande número de disciplinas, a conteúdos pertinentes às políticas de Educação ambiental, de Educação em direitos humanos, Educação bilíngue (Libras – Português) e de Educação para as relações étnico-raciais.

Considerando que a Universidade visa o desenvolvimento da capacidade reflexiva e crítica em uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, o curso busca implementar tais aspectos procurando possibilitar ao acadêmico o desenvolvimento de uma visão profunda e global sobre o ser humano, combinando os conhecimentos específicos das áreas técnicas com a abordagem de temas diversos. Portanto, o encadeamento dos componentes curriculares permite um arranjo em espiral e de complexidade crescente dos raciocínios utilizados para trabalhar os diversos componentes que compõem a matriz curricular. Assim, a reflexão advinda preliminarmente serve de base à consolidação da matriz, constituindo uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente harmônica, formando uma unidade aos participantes do processo de ensino-aprendizagem.

Englobando tudo isso, este PPC contribui com a missão da instituição, de promover a Educação integral e o compromisso social com valores humanos e cristãos para servir à sociedade. As grandes funções da Universidade são permanentemente enriquecidas e complementadas por uma vasta ação educativa, que envolve os diversos seguimentos da Instituição, propiciando, ao lado do desenvolvimento profissional, o crescimento da pessoa em todas as suas dimensões: social, ética, cultural, afetiva e humanitária. Baseando-se em princípios que assumem eixos transversais, sendo eles: pastoralidade, extensionalidade, sustentabilidade e indissociabilidade. Tais princípios estão instituídos no projeto pedagógico por meio das unidades curriculares, projetos de extensão, horas complementares, atividades práticas supervisionadas obrigatórias, entre outros.

De acordo com o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), a integração entre ensino, pesquisa e extensão de forma indissociável é fundamentada no fazer acadêmico e conduz a mudanças no processo pedagógico por posicionar estudantes e professores como sujeitos ao ato de aprender, ao mesmo tempo em que possibilita uma democratização do saber acadêmico capaz de contribuir na transformação social.

Neste sentido, os elementos que formam a base do projeto pedagógico do curso estão em consonância com o PDI e com o PPI da UCB.

## 4.2 POLÍTICAS DE ENSINO

Da maneira como descrito no PDI 2023-2027, a concepção de ensino adotada pela UCB define este um processo de mediação entre o conhecimento científico elaborado e o contexto social, desenvolvido entre docentes e discentes. Levando em consideração a Resolução CNE/CES nº 2, de 17 de junho de 2010, o curso de ARQUITETURA E URBANISMO, orienta as diferentes estratégias adotadas para o ensino focadas na formação integral do discente, tanto no aspecto intelectual (técnico e profissional) quanto moral e ético, respeitando-se a liberdade do ser humano.

A fim de atender as Diretrizes Pedagógicas da Mantenedora, bem como aos aspectos legais e reguladores pertinentes ao curso, os seguintes elementos são considerados fundamentais: a abordagem curricular por competências, a partir de currículos construídos em torno de uma perspectiva integradora; a flexibilidade curricular, possibilitando a escolha do estudante na composição da sua própria formação; a inovação, elemento de expansão estratégia integrando ensino e pesquisas de ponta desenvolvidas no âmbito da universidade; a acessibilidade integral, garantindo para docentes, discentes e tutores o máximo de aproveitamento educacional de todas as estratégias adotadas, além dos demais pontos trazidos pela defesa de uma Educação emancipatória.

A aprendizagem híbrida também é adotada no curso de ARQUITETURA E URBANISMO, como uma modalidade de aprendizagem baseada na utilização de tecnologias para complementar o modelo presencial, pois utiliza-se de recursos online e digitais para apresentar diferentes formas de aprendizado ao aluno, engajando-o nos temas, exercícios e problemas apresentados.

Além disso, cabe destacar aqui a estrutura diferenciada da biblioteca virtual da instituição. A “Minha Biblioteca” da UCB é uma plataforma digital de livros que possui um vasto acervo de títulos técnicos e científicos. Formada por 16 grandes editoras acadêmicas e 42 selos editoriais, estudantes e professores

têm acesso rápido, fácil e simultâneo a milhares de títulos, que atendem à bibliografia básica e complementar do curso.

A concepção pedagógica do curso de ARQUITETURA E URBANISMO fundamenta-se: no espírito crítico; na valorização de atitudes e estratégias problematizadoras; na inovação; na inserção do estudante na realidade local e no seu papel como protagonista do processo de ensino e de aprendizagem, que se dará em diferentes cenários, incluindo aqueles mediados pelas novas tecnologias educacionais e práticas metodológicas inovadoras.

A integração dos saberes, a centralidade na aprendizagem, a pesquisa como eixo da estruturação curricular, a extensão como partícipe do processo de construção do conhecimento e do compromisso social e a avaliação como reflexão do ensinar e do aprender são os pontos norteadores da concepção didático-pedagógica da UCB, que se assenta no tripé ensino, pesquisa e extensão.

Os fundamentos das Metodologias de Aprendizagem Ativa são elementos importantes da filosofia educacional da UCB e figuram há muito tempo em seus documentos institucionais. Tais fundamentos consideram o estudante protagonista no processo de aprendizagem, no ensino, na pesquisa e na extensão, com foco simultâneo no “conteúdo do sujeito” e no “conteúdo da matéria”. Propõe-se, assim, uma prática educativa calcada na cooperação, interatividade, olhar crítico, reflexivo e criativo, comprometido com a pesquisa orientada para o desenvolvimento sustentável.

#### 4.3 POLÍTICAS DE EXTENSÃO

A extensão é definida como um processo educativo interdisciplinar de caráter científico, cultural e social cujo objetivo é promover a interação entre a Universidade e a sociedade com a participação da comunidade acadêmica. Tem como foco aumentar o protagonismo estudantil e a dimensão acadêmica que impacte na formação do estudante.

As atividades extensionistas na UCB possuem diferentes modalidades:

- a) Projetos: conjunto de ações de caráter comunitário, educativo, cultural, científico e tecnológico, com objetivo bem definido e prazo

determinado. O prazo é definido de acordo com o tempo necessário para alcançar os objetivos da proposta. Tem característica multidisciplinar, ajustados às linhas de pesquisa institucionais. O Programa Ser+ reúne os projetos institucionais e coordena as ações junto às comunidades, organizações e entidades parceiras;

- b) Prestação de serviços: está relacionada à realização das práticas obrigatórias dos cursos ou programas. A prestação de serviços deve ser produto de interesse acadêmico e científico, sendo encarada como um trabalho social. Configura-se como tarefa profissional fundamentada em habilidades e competências inerentes a cada profissão, tais como: atendimento jurídico, à saúde humana, ao público nas áreas de Educação, ciências e tecnologia ou ainda para exames e laudos técnicos, além de prestação de serviços eventuais como assessorias, consultorias e curadoria;
- c) Eventos: ações pedagógicas de caráter teórico ou prático, planejadas e organizadas de modo sistemático, com carga horária de 4 a 180 horas. São organizadas na forma de apresentação pública, livre ou para clientela específica, objetivando a difusão de conhecimento. Tais atividades podem ocorrer com a participação dos cursos. Podem ser: palestras, cursos, workshops, seminários, congressos, exposições, espetáculos, festivais, dentre outros;
- d) Ligas acadêmicas: associações civis e científicas livres, de duração indeterminada, sem fins lucrativos, que visam complementar a formação acadêmica em uma área específica da saúde, por meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Nelas, são desenvolvidas atividades extraclasses com ações voltadas para a promoção da saúde, da Educação e da pesquisa, contribuindo para o desenvolvimento científico e o aprimoramento do futuro profissional;
- e) Componentes curriculares extensionistas: componentes curriculares desenvolvidos no âmbito do curso, envolvendo a prática e a vivência comunitária discente.

As atividades extensionistas estão sustentadas nas seguintes linhas de atuação:

- Sustentabilidade ambiental: consiste em ações que objetivam a manutenção das funções e dos componentes dos ecossistemas para assegurar que continuem factíveis, capazes de se autorreproduzir e adaptarem-se às alterações, mantendo assim a variedade biológica;
- Sustentabilidade econômica: ações que pretendem realizar práticas econômicas, financeiras e administrativas que visam ao desenvolvimento econômico de um país ou empresa, preservando o meio ambiente e garantindo a manutenção dos recursos naturais para as futuras gerações;
- Justiça social e direitos humanos: ações que visam à manutenção do direito à vida, privacidade, igualdade, liberdade, além de outros conhecidos como direitos fundamentais, que podem ser divididos entre direitos individuais, coletivos, difusos e de grupos. Seu foco está na construção moral e política baseada na igualdade de direitos e na solidariedade coletiva;
- Humanização da saúde: ações integradas que visavam mudar substancialmente o padrão de assistência à saúde, com o objetivo de provocar mudanças progressivas, sólidas e permanentes na cultura de atendimento à saúde, em benefício tanto dos usuários-clientes quanto dos profissionais;
- Educação e tecnologia: ações que visam causar mudanças no processo de ensino e aprendizagem, buscando novas soluções para tornar o aprendizado mais significativo, prático, fácil, interativo e até mesmo divertido para as pessoas.

O curso de Arquitetura e Urbanismo desenvolve suas atividades de extensão em paralelo e/ou em conjunto com as atividades do curso de Design de Interiores. O curso desenvolve atividades que contribuem para a formação ampla dos discentes estimulando sua participação ativa, inspirada nas Iniciativas já existentes que proporcionam oportunidade de participação discente, tais como Projetos de Pesquisa e Extensão, a Semana acadêmica do Curso de Arquitetura e Urbanismo (realizada no segundo semestre do ano) e as Aulas Magnas (Realizadas no início de cada semestre). Essas atividades de extensão serão realizadas de forma que possam atender à comunidade, e terão especial atenção

no âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo. As interações com as comunidades envolvidas propiciam uma troca de saberes e formação mútua. Atendendo a demandas reais de regiões carentes do Distrito Federal, busca-se, na prática do design inclusivo, o comprometimento com camadas excluídas de nossa sociedade.

No curso de Arquitetura e Urbanismo são realizadas as seguintes atividades de caráter extensionista que envolvem alunos e professores do curso, além de interagir com outras áreas:

- EIXOS - Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU (implementado como projeto de pesquisa, com fomento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal - FAP/DF em 2017) possui como objetivo principal integrar atividades de pesquisa e extensão, atendendo às demandas sociais, no campo da arquitetura e urbanismo, de comunidades locais.
- ENTRE - empresa Júnior do curso que realiza projetos cobrando um valor abaixo do mercado.
- VARAU - Revista do curso de Arquitetura e Urbanismo.
- Desenhos Urbanos - Atividade de Desenhos Urbanos realizada nas ruas da cidade, com alunos do curso, onde os alunos irão desenhar o espaço urbano.
- Semanarq - Semana da arquitetura realizada no segundo semestre. São realizadas palestras, oficinas, workshops, visitas, concursos (fotografia, projeto, desenho) e outras atividades relevantes para a formação dos estudantes.

#### 4.4 POLÍTICAS DE PESQUISA E/OU INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A Universidade considera a iniciação científica como fundamento da formação do estudante desde o início da Graduação. Essa preocupação se concretiza na oferta de componentes curriculares que o estudante tem contato com as principais questões referentes à fundamentação conceitual da ciência e da prática de pesquisa científica. Contribui ainda para a elaboração de trabalhos

acadêmicos, utilizando as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), salientando a relevância da pesquisa científica para a formação acadêmica e profissional.

É importante ressaltar que estreitar o contato do estudante da Graduação com a pesquisa passa pelo hábito da leitura, por meio da qual aprofunda os conhecimentos adquiridos, familiarizando-se com o vocabulário técnico das obras especializadas. O contato com os textos científicos contribui ainda para o desenvolvimento das competências comunicativas e para o princípio do compartilhamento de conhecimentos. Para tanto, a UCB realiza diferentes ações para orientar os estudantes sobre a pesquisa acadêmica, promovendo diferentes atividades na Trilha de Pesquisa do PPV.

Para além das atividades de iniciação à pesquisa integradas às atividades de ensino, realizadas a partir de pesquisas exploratórias, trabalhos de conclusão de curso, pesquisas de campo e bibliográficas, a UCB também apoia o surgimento de novos talentos em todas as áreas do conhecimento, por meio de programas de iniciação científica. O fomento à pesquisa se dá por meio de editais internos; editais externos e apoio à participação de pesquisadores em eventos científicos na Graduação e Pós-Graduação.

Dentre os objetivos institucionais para a oferta dessas atividades está o de contribuir para a formação de recursos humanos para a pesquisa, incentivando a participação discente ativa em projetos de pesquisa com qualidade acadêmica, mérito científico e orientação adequada e continuada.

Na Graduação, a inserção dos estudantes em atividades de pesquisa e inovação se faz por meio de atividades voluntárias e, também, de bolsas de Iniciação Científica (IC), bolsas de Iniciação Tecnológica e Inovação (ITI) e por meio da vinculação dos projetos de conclusão de curso aos projetos de pesquisa institucionais.

O Programa de Iniciação Científica concede bolsas em três modalidades:

- Programa Interno (PIC/UCB): utiliza recursos financeiros próprios e engloba estudantes voluntários. Nesse caso, as bolsas são distribuídas em forma de cotas e seguem critérios estabelecidos em editais específicos;

- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC – CNPq/UCB): com fomento do Governo Federal, as bolsas institucionais do PIBIC são distribuídas anualmente sob a forma de cotas, a partir dos critérios estabelecidos em editais anuais, que consideram os méritos técnicos e científicos da proposta;
- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/CNPq/UCB): voltado à formação e ao engajamento de estudantes de Graduação em atividades de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação.

A UCB tem em seu corpo docente pesquisadores aptos a atender a editais externos de financiamento à Ciência e Tecnologia, com reconhecimento local, regional, nacional e internacional. A instituição viabiliza as pesquisas por meio de sua infraestrutura laboratorial, alocação de horas para as atividades, bem como recursos para custeio e investimento. O apoio é oferecido tanto para projetos aprovados por agências de fomento (CNPq, FINEP, CAPES, Fundações de Amparo à Pesquisa, organismos internacionais e outros) como para atividades inovadoras ou projetos desenvolvidos em conjunto com empresas privadas. Possui também um programa próprio de apoio à participação de seus pesquisadores em eventos científicos que contribuam para a divulgação dos resultados de projetos de pesquisa.

A UCB participa da organização e da realização dos Congressos de Iniciação Científica do Distrito Federal disponibilizando logística, infraestrutura e o apoio técnico de seu núcleo de eventos, em um esforço conjunto com as outras instituições do DF que possuem Programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

Durante estes eventos, pesquisadores de instituições externas ao DF avaliam os trabalhos dos estudantes como parte do processo de avaliação do Programa PIBIC. Desde 2009, os melhores trabalhos de cada sessão são premiados com a concessão de certificados aos estudantes e seus orientadores. Além dos Congressos anuais de IC do DF, cuja participação é obrigatória, os trabalhos desenvolvidos por estudantes da UCB são encaminhados e aceitos para apresentação em congressos locais, nacionais e internacionais.

A UCB conta com diversos programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* que oferecem oportunidades de pesquisa para os estudantes.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo, por meio de seus professores e alunos, participa de projetos de pesquisa vinculados ao curso e, de forma transversal, a outros cursos da UCB. Os projetos são viabilizados através dos editais internos e, com o apoio de agências de fomento como a FAP/DF. Estas pesquisas envolvem alunos bolsistas de IC, orientados por professores do curso, desenvolvendo trabalhos ligados à Arquitetura e Urbanismo.

#### 4.5 RESPONSABILIDADE SOCIAL DA FORMAÇÃO INTEGRAL

A temática Responsabilidade Social (RS) na Universidade Católica de Brasília encontra-se fundamentada e descrita no PDI como um de seus princípios norteadores. Ciente de seu papel na formação integral de cidadãos competentes para atuação como agentes de transformação social, na defesa do meio ambiente e com o empreendedorismo social.

A missão da UCB deve se refletir em todos os eixos que perpassam o trabalho da Universidade, devendo, portanto, estar evidenciada também nas atividades de extensão. E para que a extensão cumpra seu papel, necessita desenvolver ações com o objetivo de atender a sociedade nos aspectos culturais, científicos, tecnológicos e na prestação de serviços, como resultado da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Concebida como instrumento articulador do ensino e da pesquisa entre si, e da Universidade com a comunidade em que atua, a extensão cumpre papel relevante como instrumento de emancipação.

A Universidade atribui à extensão um escopo amplo e diversificado, que se desdobra em ações voltadas às comunidades interna e externa da Instituição e à comunidade relacionada aos campi da Universidade.

Além disso, a extensão precisa estar alinhada aos objetivos de responsabilidade social da Universidade, neste sentido, a UCB oferece serviços que têm como objetivo servir à comunidade. São clínicas (de odontologia, fisioterapia, nutrição, veterinária, farmácia, psicologia, entre outras). Estrutura para prática esportiva, atendimento jurídico e outros que estreitam os laços da população interna da universidade e externa a ela, e propiciam uma formação não só técnica, mas também embasada em valores humanos.

Assim, visa-se à promoção de um desenvolvimento sustentável para a região e à produção e à disseminação de conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão. Nesse contexto, a articulação entre o Curso de Graduação e a Política de RS fundamenta-se nos propósitos da UCB, previstos no Projeto Pedagógico Institucional (PPI) e no PDI, trazendo para as ações pedagógicas a perspectiva tríade referente à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, bem como a inter-relação entre teoria e prática. Ainda, garante-se atenção especial aos princípios e diretrizes para o ensino, destacando o compromisso com a missão, os valores, os princípios e os objetivos da UCB, a formação integral, a autonomia intelectual, a flexibilidade, a inter, multi e transdisciplinaridade, a pluralidade, a atualização e a excelência acadêmica.

A Política de Responsabilidade Social, que está presente desde a concepção inicial do Curso, integra, conseqüentemente, os percursos formativos dos estudantes, mobilizando a comunidade acadêmica e geral ao permitir que os sujeitos envolvidos possam construir conhecimentos, procedimentos, comportamentos e atitudes, materializando as questões epistemológicas que permeiam o propósito Institucional e que conferem valor às três dimensões do desenvolvimento sustentável - econômico, social e ambiental. Dessa maneira, componentes e atividades do currículo buscam contribuir com a formação dos estudantes, sendo previstas habilidades e competências voltadas à temática da RS. Dito isso, entende-se a RS como dimensão transversal, encontrada de diferentes maneiras, em diferentes tempos e espaços do Curso, perspectivada pelas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ainda, à RS se atribui valor formativo, pois ela permite criar oportunidades de estudo, de ensino e de aprendizagem, promovendo diálogos com as necessidades sociais das comunidades do entorno da Universidade Católica de Brasília, levando os estudantes à proposição de alternativas para as demandas das sociedades contemporâneas, tornando-os agentes de mudanças, de transformação e de consciência cidadã.

Por fim, a concretização da Política de RS apresenta-se e organiza-se de formas múltiplas, desde a integração de objetos de conhecimento específicos nos componentes curriculares da matriz do Curso, que estabelecem relações com este campo, até a execução de trabalhos, ações, atividades e

programas que efetivam conexões dialógicas entre estudantes, professores e comunidades. Em relação a este conjunto, as parcerias públicas e privadas de interesse e de impacto coletivo, colaboram com a inclusão, a justiça social, o desenvolvimento econômico e sustentável, a melhoria da qualidade de vida, da infraestrutura local e a inovação social.

## **5 COERÊNCIA ENTRE O PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO E AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DO CURSO**

A prática da arquitetura e do urbanismo está situada num campo multidisciplinar, que envolve o espaço construído e organizado da sociedade, resultante da ação humana no meio ambiente ao longo do tempo. Suas bases estão na matemática, ciências aplicadas, artes, tecnologia, ciências sociais, política, história, filosofia, entre outros. Por ser uma atividade complexa, é difícil concebê-la de forma precisa, já que seu significado tem muitas acepções e desdobramentos. As atividades do arquiteto e urbanista envolvem desde o desenho do edifício, do mobiliário, e se estendem ao desenho da paisagem, ao planejamento das cidades e regiões.

Sob tais premissas, o curso de arquitetura e urbanismo tem por objetivo principal propiciar um aprendizado de qualidade, num amplo campo do conhecimento necessário para o bom desempenho do profissional contemporâneo. Isso significa formar arquitetos e urbanistas capazes de: compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação a concepção, organização e construção do espaço exterior e interior, abrangendo a edificação, o urbanismo e o paisagismo; conservação do patrimônio construído; proteção do equilíbrio do ambiente natural, e a utilização racional dos recursos disponíveis.

Esse perfil atende as indicações propostas pelas instituições profissionais dos arquitetos brasileiros e estão em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Arquitetura e Urbanismo (DCN Resolução nº 2, de 17/06/2010 e Resolução nº 1, de 26/03/2021) e com o ideário das instituições, tanto educacionais quanto de representação profissional, nacionais e internacionais, bem como com as políticas de formação e atuação do arquiteto no século XXI. Acrescenta-se a tais instruções o Decreto no 5626/2005, cujas exigências são contempladas na grade curricular desse Curso de Arquitetura e Urbanismo.

Seguindo os princípios orientadores das Diretrizes Curriculares Nacionais, a matriz curricular e o Projeto Pedagógico do Curso, inicialmente aprovados pelo CONSEPE, são discutidos e constantemente aprimorados pelo Núcleo Docente Estruturante – NDE. No NDE, registra-se a participação

de professores com distintas especialidades e áreas de formação. De acordo com a Resolução CNE/CES 2/2010 e as alterações recentes dadas pela Resolução CNE/CES 1/2021, os conteúdos curriculares propostos para o curso de Arquitetura e Urbanismo distribuem-se em três núcleos: Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, Núcleo de Conhecimentos Profissionais e o Núcleo de Trabalhos de Conclusão do Curso.

Segundo o Art. 2º da Resolução CNE/CES 1/2021 que altera o Art. 6º, § 1º da Resolução CNE/CES 2/2010, o Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação aborda o embasamento teórico e é constituído por componentes curriculares que abrangem os temas de: Estética e História das Artes; Estudos Sociais e Econômicos; Estudos Ambientais; Desenho; Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão.

O Núcleo de Conhecimentos Profissionais trata da caracterização profissional do egresso. É constituído pelos componentes curriculares de Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo; Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo; Planejamento Urbano e Regional; Tecnologia da Construção; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Técnicas Retrospectivas; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo e, Topografia.

O Núcleo de Trabalhos de Conclusão do Curso trata do desenvolvimento da investigação técnico-científica do aluno no último ano de graduação, supervisionada por um docente, contextualizada em dois componentes curriculares sequenciais obrigatórios de projeto — Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II.

Tomando como exemplo os currículos dos mais conceituados cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, os componentes curriculares foram reunidos em Grupos Temáticos a partir das afinidades pedagógicas entre as ementas, dos pré-requisitos solicitados, das semelhanças entre as formas de abordagem e das demandas por recursos e infraestrutura. São eles:

- Teoria e História
- Expressão, Representação e Linguagem
- Ateliês de projeto (Arquitetura, Urbanismo e/ou Paisagismo)
- Tecnologia
- Estudos Multidisciplinares e Prática Profissional

O grupo de Teoria e História tem papel fundamental na formação do arquiteto e urbanista. Além de fornecer ao estudante o vocabulário técnico e estético da história das civilizações sob o ponto de vista da expressão artística e técnica de cada período estudado, esses componentes curriculares são os fundamentos necessários para a construção de uma base crítica, de repertório arquitetônico, artístico e conceitual. Alguns componentes curriculares de Projeto demandam a conclusão de componentes curriculares teóricos, visando um maior grau de maturidade teórica e estética do estudante. Fazem parte desse grupo: Teoria Geral Da Arte, Teoria E História | Corpo E Espaço Sagrado, Planejamento Urbano E Regional, Teoria E História | Espaço Como Representação, Teoria E História | A Formação Das Cidades Brasileiras, Teoria E História | Vanguardas Artísticas.

O grupo de Expressão, Representação e Linguagem apresenta três vertentes: o desenho à mão livre, o desenho técnico e o desenho empregando ferramentas computacionais. Esses componentes curriculares permitem que o estudante adquira as habilidades necessárias para desenvolver os projetos por meio das linguagens arquitetônicas universais. O objetivo é proporcionar que o aluno atinja maior autonomia na atividade de concepção e representação de projeto. Os componentes curriculares são distribuídos ao longo do curso, para que o aluno tenha continuidade no desenvolvimento dessas competências e habilidades. Corresponde às disciplinas de: Desenho De Expressão, Representação Gráfica E Desenho Universal, Computação Gráfica - Modelagem 3d, Modelo Reduzido E Prototipagem E Programação Visual E Renderização

O grupo dos componentes curriculares de Projeto constitui-se de três grandes eixos da atividade profissional do arquiteto, urbanista e paisagista: arquitetura do edifício, arquitetura da cidade e arquitetura da paisagem. Os temas de cada componente curricular apresentam desafios que crescem conforme se avança no currículo. Os componentes de Urbanismo e Paisagismo têm um alto grau de interdisciplinaridade. Correspondem a todos os Ateliês: Ateliê De Arquitetura | Pequenos Programas, Ateliê De Urbanismo | Escala Da Rua, Ateliê De Arquitetura | Habitação Unifamiliar Sustentável, Ateliê De Paisagismo | Escala Da Quadra, Ateliê De Urbanismo | Escala Da Quadra, Ateliê De Arquitetura | Habitação Coletiva De Interesse Social, Ateliê

De Arquitetura | Grandes Vãos, Ateliê De Arquitetura | Edificação Em Altura, Projeto De Atendimento Comunitário, Ateliê De Paisagismo | Parques, Ateliê De Arquitetura | Funções Complexas, Ateliê De Urbanismo | Grandes Áreas.

Os componentes curriculares do grupo de Tecnologia podem ser subdivididos em: Materiais De Construção E Sustentabilidade, Infraestrutura Das Cidades, Conforto Ambiental Térmico, Sistemas Construtivos E Estruturas, Topografia, Cartografia E Geoprocessamento, Estruturas Aplicadas À Arquitetura | Concreto, Instalações Elétricas Prediais E Automação, Conforto Acústico, Luminotécnica, Acessibilidade E Estruturas Aplicadas À Arquitetura | Aço E Madeira, Instalações Hidráulicas Prediais, Técnicas Retrospectivas E Conservação Do Patrimônio. São componentes técnicos que subsidiam o diálogo com os diversos profissionais envolvidos na concepção técnica e execução do edifício. Aqui o arquiteto tem sua formação criativa articulada com as atividades de gestão e coordenação dos processos da produção arquitetônica. Parte-se do princípio de que esses componentes servem de apoio à atividade projetual.

O grupo de estudos multidisciplinares e prática profissional agregam componentes relativos à legislação e prática profissional, como referenciadas pela Resolução Nº21 do Conselho de Arquitetura e Urbanismo – CAU/BR. Destacam-se a disciplina de Estágio Supervisionado, Atribuição e Legislação Profissional. Destacam -se aqui também as Disciplinas de tronco comum da pastoralidade: Ciência, Comunicação E Sustentabilidade, Relação: Princípios E Valores, Profissão: Competências E Habilidades, Cooperação: Humanismo Solidário, Redes E Comunidades.

O curso oferece ao estudante a oportunidade de cursar disciplina optativa em outros cursos, complementando e diversificando a formação do arquiteto e urbanista de acordo com seus interesses pessoais. Nesse contexto, promove-se ao estudante a maior vivência universitária, integrando-o também com estudantes de outros cursos. O prazo mínimo para a conclusão do curso é de dez semestres.

A estrutura curricular, ao longo dos 10 semestres propostos como prazo mínimo para a conclusão do curso, reúne a construção do conhecimento teórico, histórico, de expressão, representação e linguagem, de vocabulário e tecnologia da construção civil. O grupo de Projeto forma o eixo central e objeto

essencial na formação do arquiteto e urbanista e têm uma lógica multidisciplinar que permite ao estudante a construção permanente de uma síntese.

O curso proporciona também a realização de viagens e visitas de estudo aos estudantes, com a experimentação sensorial e presencial do espaço construído, como as obras arquitetônicas, conjuntos históricos de cidades, regiões de interesse e unidades de conservação do patrimônio natural, conforme as disposições das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em arquitetura e urbanismo. Tais atividades contam com professores de diferentes formações, os quais planejam atividades que trabalham o desenvolvimento de habilidades técnicas e conceituais, dentro do seu contexto histórico, social e físico espacial. O deslocamento do aprendiz, acompanhado por professores, o faz vivenciar o espaço urbano e a arquitetura. Criam-se, assim, situações favoráveis às práticas interdisciplinares a partir da síntese dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

## 5.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Os objetivos do Curso de Arquitetura e Urbanismo enquadram-se nas indicações propostas pelas instituições profissionais dos arquitetos brasileiros e estão em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Arquitetura e Urbanismo (Resolução nº 2/2010 e Resolução CES/CNE nº 1/2021) e com o ideário das instituições, tanto educacionais quanto de representação profissional, nacionais e internacionais, bem como com as políticas de formação e atuação do arquiteto no século XXI.

### 1. Objetivo geral:

Propiciar um aprendizado de qualidade em todo o campo do conhecimento necessário para a boa formação do arquiteto e urbanista em condições de atuar, com grau de excelência profissional como generalista, capaz de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos

sociais e comunidade, adotando como princípios a qualidade de vida dos habitantes nos assentamentos humanos e a qualidade material do ambiente construído e sua durabilidade; o uso de tecnologias em respeito às necessidades sociais, culturais, estéticas e econômicas das comunidades; o equilíbrio ecológico e o desenvolvimento sustentável do ambiente natural e construído, e a valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio e responsabilidade coletiva.

## 2. Objetivos específicos:

- Promover a avaliação criteriosa e constante do conteúdo didático-pedagógico do Curso de modo a garantir seu caráter abrangente, atrelado a uma visão integrada e global do universo da profissão e a um conjunto de valores, que contribuem na formação do profissional como cidadão;
- Garantir a preservação do caráter multidisciplinar no desenvolvimento das atividades acadêmicas, estimulando o aprendizado por meio de construção do conhecimento e da análise crítica dos conteúdos técnico-científicos, garantindo essa mesma visão na futura atuação profissional;
- Desenvolver a permanente associação entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo o desenvolvimento de linhas de pesquisa na Graduação, que possibilitem atuação efetiva dos alunos no Programa de Iniciação Científica da Instituição;
- Incentivar o desenvolvimento e fomento de Atividades de Extensão em serviços sociais comunitários, por meio do Escritório Modelo (EIXOS), da disciplina extensionista: “Projeto de Atendimento Comunitário” e de demais ações do Curso de Arquitetura e Urbanismo;
- Oferecer orientação didática adequada aos objetivos do Curso, com suporte do portal universitário (Graduação Online), das plataformas AVA e da infraestrutura disponível no campus;
- Realizar avaliação periódica dos corpos docente, discente e administrativo do Curso, além de toda a sua infraestrutura;

- Incentivar a utilização do ateliê de projeto em ambiente físico e virtual como núcleo da educação do arquiteto e urbanista em direção às metodologias ativas, promovendo, além das aulas práticas curriculares, atividades de ateliê temático e vertical, que possibilite a integração e a troca entre estudantes dos diversos anos, com orientação dos professores.
- Garantir a implantação do Programa de Atividades Complementares e a promoção de atividades de caráter acadêmico e cultural, que possibilitem ao estudante a complementação da carga horária exigida e ampliação de sua formação. Estas atividades podem ser desenvolvidas em programas da instituição e, em outras atividades externas, conforme resoluções do Programa de Atividades Complementares.

## **6 PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO**

A organização pedagógica do curso de arquitetura e urbanismo da UCB proporciona condições para que o futuro egresso possua sólida formação profissional generalista, com aptidão de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos e grupos sociais, com relação à concepção, organização e construção do espaço edificado, o urbanístico e paisagístico. Ênfase especial é dada à conservação e valorização do patrimônio construído, à proteção do ambiente natural e à utilização racional dos recursos disponíveis. O compromisso do curso é formar um profissional crítico, ator de transformações sociais. Para tanto, e obedecendo às diretrizes curriculares nacionais, os egressos deverão ser capazes de:

- Reconhecer os aspectos antropológicos, sociológicos e econômicos relevantes e de todo o espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas quanto ao ambiente construído;

- Compreender as questões que informam as ações de preservação da paisagem e de avaliação dos impactos no meio ambiente, com vistas ao equilíbrio ecológico e ao desenvolvimento sustentável;
- Desenvolver habilidades para conceber projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo e para realizar construções, considerando os fatores de custo, de durabilidade, de manutenção e de especificações, bem como os regulamentos legais, de modo a satisfazer as exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas, ambientais e de acessibilidade dos usuários;
- Apresentar conhecimentos de teoria e de história da arquitetura, do urbanismo e do paisagismo, considerando sua produção no contexto social, cultural, político e econômico e tendo como objetivo a reflexão crítica e a pesquisa;
- Dominar técnicas e metodologias de pesquisa em planejamento urbano e regional, urbanismo e desenho urbano, bem como compreender os sistemas de infraestrutura e de trânsito, necessários para a concepção de estudos, análises e planos de intervenção no espaço urbano, metropolitano e regional;
- Apresentar conhecimentos para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos, para a definição de instalações e equipamentos prediais, para a organização de obras e canteiros e para a implantação de infraestrutura urbana;
- Compreender os sistemas estruturais e ter domínio da concepção e do projeto estrutural, tendo por fundamento os estudos de resistência dos materiais, estabilidade das construções e fundações;
- Entender as condições climáticas, acústicas, lumínicas e energéticas e dominar as técnicas apropriadas a elas associadas;
- Dominar práticas projetuais e soluções tecnológicas para preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, conjuntos e cidades;
- Possuir habilidades de desenho e o domínio da geometria, de suas aplicações e de outros meios de expressão e representação, tais como desenho de observação e memória, perspectivas e modelagem digital de maquetes, modelos, imagens e realidades virtuais;

- Conhecer os instrumentais de informática para tratamento de informações e representação aplicada à arquitetura, urbanismo, paisagismo e ao planejamento urbano e regional;
- Apresentar habilidade na elaboração e instrumental na feitura e interpretação de levantamentos topográficos, com a utilização de aerofotogrametria, fotointerpretação e sensoriamento remoto, necessários na realização de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo e no planejamento urbano e regional, e
- Atuar com ética, responsabilidade socioambiental e solidariedade no exercício da cidadania.

Assim, como qualificação profissional básica, o egresso do curso de arquitetura e urbanismo irá adquirir as seguintes habilidades:

- Elaborar projetos de novos espaços e edificações, bem como reformular edifícios preexistentes, abrangendo: interiores de edificações; edifícios; conjuntos de edifícios; áreas públicas e privadas; bairros e frações urbanas; cidades e regiões;
- Fiscalizar e administrar obras de arquitetura, urbanismo e paisagismo, e
- Administrar processos que impliquem transformações arquitetônicas, urbanísticas e da paisagem, tanto na esfera pública quanto na privada.

## 6.1 DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SEGUNDO AS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

O percurso formativo do estudante do curso de ARQUITETURA E URBANISMO da UCB foi construído para proporcionar o desenvolvimento de habilidades e competências pertinentes à atuação do futuro profissional, e leva em consideração premissas institucionais e regulamentares.

A preocupação da Educação deve se voltar para o desenvolvimento de cidadãos críticos, conscientes e que saibam lidar com a enorme gama de conhecimento disponível, interagindo com ele por meio das possibilidades advindas do constante avanço tecnológico, sem se descuidar de valores

imprescindíveis como criatividade, coerência, comprometimento, empatia e transparência, os quais devem fazer parte do comportamento de todos aqueles que compõem a comunidade acadêmica da UCB.

Dessa forma, todo o processo de aprendizagem se dá por meio do relacionamento dos diversos atores sociais que se manifesta nas bases de uma Educação voltada para: o desenvolvimento de capacidades cognitivas e socioemocionais, de comunicação, interação, colaboração e boa relação interpessoal; a solução de problemas; a aprendizagem significativa; o autodesenvolvimento e a autonomia; a agilidade mental e a reflexão, os quais perpassam as competências e habilidades a serem desenvolvidas no curso.

Os cursos de graduação da UCB têm como perspectiva:

- a) Desenvolver a integralidade, espiritualidade, respeito, empatia, cooperação, ética, solidariedade, sociabilidade, predileção pelos vulneráveis, culturas do diálogo com o diferente e para a paz;
- b) Promover o autoconhecimento, autonomia, autocuidado, autoconfiança, autocrítica, protagonismo, senso de equidade, determinação, responsabilidade, resiliência e adaptabilidade;
- c) Estimular o pensamento crítico-reflexivo, cidadania, criatividade, inovação e curiosidade intelectual;
- d) Identificar problemas, formular hipóteses e propor/criar soluções;
- e) Desenvolver competência leitora na enunciação e recepção de discursos;
- f) Oferecer novas experiências estéticas, culturais e intelectuais, possibilitando a superação da discriminação, aceitação da diversidade e do pluralismo cultural, bem como novos pensamentos e conhecimentos para o exercício da tolerância e da inclusão;
- g) Assumir compromisso e responsabilidade socioambiental;
- h) Dominar e utilizar tecnologias de informação e comunicação, por meio da consolidação da cultura digital no ambiente acadêmico;
- i) Instrumentalizar para a tomada de decisão pautada em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários das especificidades de cada curso.

A Arquitetura e o Urbanismo estão situados num campo multidisciplinar, que engloba não apenas o espaço construído. Suas bases estão na matemática, ciências aplicadas, artes, tecnologia, ciências sociais, política, história, filosofia, entre outros. As atividades do arquiteto e urbanista envolvem o desenho do edifício, do mobiliário, e se estendem ao desenho da paisagem, ao planejamento das cidades e regiões. O arquiteto e urbanista é, em última instância, o planejador do habitat de todas as atividades humanas, desde a sua escala mais íntima até a escala da cidade. A formação do arquiteto e urbanista, portanto, deve nortear condutas e atitudes de responsabilidade técnica e social baseadas nos princípios da qualidade de vida dos habitantes e dos assentamentos humanos.

Conforme o § 1º do art.3º da Resolução 2, de 17 de junho de 2010, a proposta pedagógica para os cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo deverá assegurar:

A formação de profissionais generalistas, capazes de compreender e traduzir as necessidades de indivíduos, grupos sociais e comunidade, com relação à concepção, à organização e à construção do espaço interior e exterior, abrangendo o urbanismo, a edificação, o paisagismo, bem como a conservação e a valorização do patrimônio construído, a proteção do equilíbrio do ambiente natural e a utilização racional dos recursos disponíveis. (Resolução CNE/CES 2/2010).

Além da competência técnica, a formação do estudante do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB visa o desenvolvimento de habilidades que permitam o convívio saudável com o outro, o domínio da tecnologia da informação, a capacidade empreendedora, a compreensão da realidade do país e o compromisso social baseado no desenvolvimento sustentável do planeta. Assim, o curso busca estabelecer como perfil de formação do estudante a sua formação baseada na missão da universidade, nos princípios fundamentais do PPI, do PDI e das Diretrizes Curriculares estabelecidas pelo Ministério da Educação, proporcionando a formação integral da pessoa humana na sua dimensão espiritual, ética, técnica e de cidadania.

## 6.2 MONITORAMENTO DO PERFIL PROFISSIONAL DO EGRESSO

O Curso de ARQUITETURA E URBANISMO da UCB tem mecanismos de revisão sistemática do perfil do formando, por meio do NDE, do Colegiado de Curso, da Avaliação Institucional e da percepção da coordenação.

O NDE, por sua atribuição inata, fará acompanhamento de todo curso para garantir que:

- a) Os objetivos do curso continuem alinhados ao perfil profissional do egresso e à estrutura curricular e que seus conteúdos estejam atualizados e na medida necessária de carga horária; que respondam às demandas do contexto educacional, às características locais e regionais e apontem para as práticas atuais no campo de ARQUITETURA E URBANISMO;
- b) As políticas institucionais de ensino, extensão e pesquisa, previstas no curso, promovam oportunidades de aprendizagem coerentes com o perfil que se quer formar;
- c) A acessibilidade metodológica esteja adequada e sempre respondendo às demandas discente.

O Colegiado de Curso, pelo PDI, define o perfil do egresso e poderá propor mudanças curriculares para garantir a sua consecução.

O Colegiado de Curso e o NDE, subsidiados pelo Relatório da CPA, farão reflexões e tomarão decisões de mudanças de rumo, se necessário for, para garantir o desenvolvimento das competências constituintes do perfil, visando que o profissional, egresso da UCB tenha um perfil, o mais atualizado possível, com o desenvolvimento científico da área e com a expectativa da sociedade.

O coordenador de curso também tem importante contribuição na revisão constante do perfil do egresso, na medida em que acompanhará o desenvolvimento do curso cotidianamente. Testemunhará se, o que foi idealizado para a construção do perfil está se concretizando, o que precisa de intervenção imediata, que se resolve com diálogo e orientação ao professor, ou mesmo, o que deve ser levado ao NDE e Colegiado de Curso para os devidos encaminhamentos e alinhamento. Ele deverá acompanhar o desempenho dos discentes, comparar resultados do desenvolvimento de habilidades de cada

período, levantar hipótese e inventariar as situações para o corpo docente, discentes e colegiados. O perfil precisa ser revisitado sempre. Todas as atividades e práticas, como também, todos os atores desse processo formativo, devem cooperar para o desenvolvimento e revisão do perfil em formação.

## **7 ESTRUTURA CURRICULAR E COMPONENTES CURRICULARES**

O currículo do curso de Arquitetura e Urbanismo leva em consideração as Resoluções CES/CNE nº 2/2010 e nº 1/2021 e foi concebido em uma abordagem curricular que privilegia o desenvolvimento de competências, estratégia inovadora adotada para implementação das disposições do PDI UCB 2023-2027. Para a consecução dos princípios e das perspectivas que orientam o modelo acadêmico-pedagógico adotado pela UCB, a estrutura curricular da matriz é organizada considerando os seguintes componentes:

- Atividades de extensão universitária a partir da inserção em Projetos de Extensão e atividades de atendimento à comunidade;
- Atividades complementares, visando propiciar ao estudante experiências diversificadas, inerentes e indispensáveis à formação do estudante enquanto cidadão e profissional;
- Estágio curricular supervisionado obrigatório, quando previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais;
- Trabalho de conclusão de curso, quando previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais;
- Componentes curriculares optativas;
- Componentes curriculares do Núcleo de Formação Geral e Humanística do Grupo UBEC, comuns a todos os cursos e Unidades de Missão, com o objetivo de promover a prática pedagógica interdisciplinar, com vistas à superação da estrutura fragmentada do conhecimento e à promoção de conectividade, integração, diálogo, reciprocidade, integralização de saberes para a significação das

aprendizagens e, de modo especial, para o desenvolvimento do Projeto de Vida do estudante;

- Componentes curriculares do Núcleo Comum das Áreas de Conhecimento dos cursos;
- Componentes curriculares de formação específica de cada curso, em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais.

Os componentes curriculares do curso de arquitetura e urbanismo somam 3600 horas. São 3400 horas de componentes obrigatórios, dentre elas, 240 horas de atividades de Projeto de Extensão e 80h de Estágio Supervisionado. Além dos componentes obrigatórios, o curso oferece 80 horas de componentes optativos e 120 horas de Atividades Complementares, a serem somadas ao total de horas no curso, perfazendo 3600 horas. O número de semestres para integralização é de no mínimo 10 e no máximo 14.

A Matriz Curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo está embasada nas resoluções das DCNs conforme quadro a seguir:

Estrutura curricular e atendimento às DCNs de Arquitetura e Urbanismo			
Componente curricular	Atendimento Resolução CNE/CES 2/2010, Art. 5º (competências e habilidades)	Resolução CNE/CES 1/2021, Art. 2º que altera o Art. 6º CNE/CES 2/2010 (campos de saberes)	Resolução CNE/CES 1/2021, Art. 2º que altera o Art. 6º CNE/CES 2/2010, § 5 (tipos de atividades)
DESENHO DE EXPRESSÃO	XI	Desenho, Meios de Representação e Expressão	II
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E SUSTENTABILIDADE	II, III, VII	Estudos Ambientais, Tecnologia da Construção	I, II e IV
CIÊNCIA, COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE	I	Estudos Sociais e Econômicos	I e V
TEORIA GERAL DA ARTE	IV	Estética e História das Artes	I e III
ATELIÊ DE ARQUITETURA   PEQUENOS PROGRAMAS	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
REPRESENTAÇÃO GRÁFICA E DESENHO UNIVERSAL	III, XII,	Desenho, Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão, Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo;	II
INFRAESTRUTURA DAS CIDADES	II, III, VI, VII	Estudos Ambientais, Tecnologia da Construção	I, II e III
RELAÇÃO: PRINCÍPIOS E VALORES	I	Estudos Sociais e Econômicos	I
TEORIA E HISTÓRIA   CORPO E ESPAÇO SAGRADO	V	Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo	I e III
ATELIÊ DE URBANISMO   ESCALA DA RUA	I, VI	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II, III e IV
ATELIÊ DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO UNIFAMILIAR SUSTENTÁVEL	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
COMPUTAÇÃO GRÁFICA - MODELAGEM 3D	XI, XII	Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão,	I e II

		Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo	
CONFORTO AMBIENTAL TÉRMICO	III, IX	Estudos Ambientais, Conforto Ambiental	I, II e IV
SISTEMAS CONSTRUTIVOS E ESTRUTURAS	III, VII, VIII	Tecnologia da Construção, Sistemas Estruturais	I, II e IV
MODELO REDUZIDO E PROTOTIPAGEM	XI, XII	Meios de Representação e Expressão, Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo	II
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	I, II, III,	Estudos Ambientais, Planejamento Urbano e Regional	I, II e III
PROFISSÃO: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	I	Estudos Sociais e Econômicos	I
TEORIA E HISTÓRIA   ESPAÇO COMO REPRESENTAÇÃO	V	Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo	I e III
TOPOGRAFIA, CARTOGRAFIA E GEOPROCESSAMENTO	III, XIII	Topografia	I, II e IV
ATELIÊ DE PAISAGISMO   ESCALA DA QUADRA	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II, III e IV
ATELIÊ DE URBANISMO   ESCALA DA QUADRA	I, III, VI, X	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II, III e IV
ATELIÊ DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO COLETIVA DE INTERESSE SOCIAL	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   CONCRETO	III, VIII	Tecnologia da Construção, Sistemas Estruturais	I, II e IV
INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E AUTOMAÇÃO	III,	Tecnologia da Construção	I, II e IV
ATELIÊ DE ARQUITETURA   GRANDES VÃOS	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
CONFORTO ACÚSTICO, LUMINOTÉCNICA, ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL	III, IX	Conforto Ambiental	I, II e IV
COOPERAÇÃO: HUMANISMO SOLIDÁRIO, REDES E COMUNIDADES	I	Estudos Sociais e Econômicos	I e V
ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   AÇO E MADEIRA	III, VIII	Tecnologia da Construção, Sistemas Estruturais	I, II e IV
INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS PREDIAIS	III,	Tecnologia da Construção	I, II e IV
ATELIÊ DE ARQUITETURA   EDIFICAÇÃO EM ALTURA	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
PROGRAMAÇÃO VISUAL E RENDERIZAÇÃO	XI, XII	Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão, Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo	I e II
PROJETO DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II, IV e V
TEORIA E HISTÓRIA   A FORMAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS	V	Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo	I e III
ATELIÊ DE PAISAGISMO   PARQUES	I, II, III,	Estudos Ambientais, Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II, III e IV
ATELIÊ DE ARQUITETURA   FUNÇÕES COMPLEXAS	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
ESTÁGIO SUPERVISIONADO, ATRIBUIÇÃO E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL	III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, V e VI
TÉCNICAS RETROSPECTIVAS E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO	I, III, X	Técnicas Retrospectivas	I, III e IV
TEORIA E HISTÓRIA   VANGUARDAS ARTÍSTICAS	V	Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo	I e III
ATELIÊ DE URBANISMO   GRANDES ÁREAS	I, III, VI	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, III e IV
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	II, IV, V, VI
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	II, IV, V, VI

ATIVIDADE COMPLEMENTAR	III,	(não se aplica)	V
<b>OPTATIVA (Lista de oferta de disciplinas para cursar como optativa):</b>			
Marketing de Mídias Sociais e Digitais		Estudos Sociais e Econômicos	I
Design Thinking e a busca da Inovação	I	Estudos Sociais e Econômicos, Meios de Representação e Expressão	I
Oratória	I	Meios de Representação e Expressão	I e II
Liderança, Negociação e Grandes Negócios	I	Estudos Sociais e Econômicos	I
Qualificação pessoal e profissional	I	Estudos Sociais e Econômicos	I
Inglês Instrumental			I
Língua Brasileira de Sinais (Libras)			I
ATELIÊ DE DESIGN   ESPAÇOS CORPORATIVOS	I, III,	Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo	I, II e IV
Detalhamento de projeto de paisagismo	III, XI	Desenho e Meios de Representação e Expressão	I e II
Oficina de representação e portfólio	I, XII	Meios de Representação e Expressão	I e II
Planejamento, Orçamento e Controle de Obras	III,	Tecnologia da Construção	I e IV
DETALHAMENTO DE MOBILIÁRIO E DESENHO UNIVERSAL	III, XI	Desenho, Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão	I e II
Fundações e Obras de Contenção	III,	Tecnologia da Construção, Sistemas Estruturais	I, II e IV
Fundamentos do Cinema	I, IV	Meios de Representação e Expressão	I
Animação	I, XII	Meios de Representação e Expressão	I
ANTROPOMETRIA E ERGONOMIA	III,	Desenho Universal e Meios de Representação e Expressão	I e II
Arte e sociedade	IV	Estudos Sociais e Econômicos	I

## 7.1 PROGRAMA PRÓPÓSITO DE VIDA

A Universidade Católica de Brasília (UCB), como um espaço de acolhida, evangelização e Educação na fé, dedica atenção especial aos universitários, docentes e colaboradores, disponibilizando momentos para celebração da vida, reflexão pastoral, vivência dos valores do Reino, ação evangelizadora no meio acadêmico e comunidade externa. E como instrumento para viabilizar essa missão, concretizando os valores e os princípios institucionais, o setor de Coordenação de Pastoralidade dispõe de espaços para a comunidade educativa desenvolver e valorizar a dimensão mística e espiritual em nossas vidas.

A pastoralidade tem seu fundamento no cuidado e no serviço das pessoas, como espiritualidade que inspira, permeia e norteia todas as ações e decisões institucionais, sendo uma dimensão que abarca a totalidade da Instituição, o complexo das suas atividades e o conjunto das pessoas que a compõem. Neste sentido, toda a comunidade acadêmica é convidada a: fazer

parte dessa ação que se realiza no cotidiano da vida universitária para construir espaços e momentos celebrativos, reflexivos, meditativos e orantes; ajudar no planejamento de ações pastorais; dar sugestões para aperfeiçoar as já existentes e a criação de novas atividades de vivência da espiritualidade; e promover o diálogo entre fé, cultura, ciência, sustentabilidade ambiental nos processos educativos em que está inserido e assim contribuir para a efetividade do Reino de Deus em nossas vidas.

Assim, a pastoralidade é o DNA que irrigará toda a vida universitária em todas as suas dimensões, sejam elas pedagógicas, administrativas, financeira, educacional, pastoral e as relações humanas. Tendo esse norte, a UCB apresenta a Coordenação de Pastoralidade como o setor responsável por animar, promover e provocar as ações pastorais no ensino, pesquisa e extensão, extrapolando os muros do Câmpus e irradiando energias de um novo Sol para toda a sociedade.

#### Programa Propósito de Vida:

Em todos os países, as Universidades constituem a sede primeira da investigação científica para o avanço dos conhecimentos e da sociedade, desempenhando um papel determinante no desenvolvimento econômico, social e cultural, sobretudo em um tempo, como o nosso, marcado por rápidas, constantes e visíveis mudanças no campo das ciências e das tecnologias. (PAPA FRANCISCO, 2018, p. 25)

O Programa Propósito de Vida (PPV) objetiva o protagonismo de cada estudante e de cada educador com vistas à formação acadêmica-profissional inspirado em valores fundantes distintos daqueles sustentados pela lógica mercantilista. Tais valores devem considerar as múltiplas maneiras a partir das quais e com as quais as relações do eu-com-o-outro e com-o-mundo se efetivam com vistas a possibilitar amplos e diversos significados da vida universitária. Esses significados devem ultrapassar os meros modelos fixos de compreensão já tão propalados e sustentados por uma concepção de Educação mecanicista, objetivista e instrumental.

No limiar das duas primeiras décadas do Século XXI já temos mostras do esgotamento desse modelo, pois ele não abre espaço para o protagonismo estudantil e muito menos promove uma formação humanizante e inspiradora que

considere as múltiplas e infinitas maneiras de atuar ética e solidariamente visando um mundo mais justo e fraternal.

Nesse sentido, o PPV objetiva contribuir para a formação gradativa/processual do estudante promovendo, ao longo da sua jornada acadêmica, experiências significativas que ampliem seus horizontes de modo a aprimorar o ser ético, o ser histórico e o ser solidário. Todas estas três dimensões se sustentam no agir solidário porque são pautadas na busca de sentidos que revelem originalidade e autenticidade das suas ações. Assim, todo o processo educativo deve se direcionar para a busca da felicidade, pois essa contribuirá para a consolidação de novos sentidos da formação profissional sempre atrelada a princípios humanísticos. Trata-se assim de favorecer o florescimento de cada uma dessas dimensões.

Em se tratando da busca por uma formação humanística com vistas a ampliar os sentidos do que significa ser graduado pela Universidade Católica de Brasília, o PPV tem como finalidade favorecer o florescimento de cada uma dessas dimensões. A oferta das três componentes curriculares que compõem o Núcleo de Formação Geral e Humanística deve promover um complemento valoroso à formação técnica, científica e profissional.

#### 7.1.1 O ser ético

Trata-se de considerar então o ser ético que se instaura no mundo e procura realizações significativas a partir de si mesmo. Será ele capaz de perceber que pode e deve agir solidariamente e para isso reconhecerá o outro como dimensão fundamental para a realização dos seus projetos existenciais.

A dimensão ética a ser fomentada não se constitui numa mera questão de discussão acadêmica ou de caráter formal. Busca-se acentuar a ética atrelada à própria condição humana, ou seja, refere-se ao ser de possibilidades porque revela o seu inacabamento, sua indeterminação e sua pluralidade. O estudante deve, portanto, construir e desconstruir seu próprio ser, pois sua condição primeira e fundamental é a de seguir fazendo-se pessoa a partir das experiências reveladoras de si mesmo.

Considerando que as exigências e os desafios para a formação profissional têm se tornado cada vez mais complexos, torna-se imperioso o agir

ético de modo a proporcionar uma convivência respeitosa e feliz porque pautada em princípios humanísticos.

### 7.1.2 O ser histórico

A outra dimensão relevante que o PPV busca promover na formação do estudante é a sua condição de ser histórico. Tal condição deve ser fomentada nas experiências plurais a serem realizadas ao longo da sua vida acadêmica. Cabe salientar então que os fundamentos autenticamente históricos do ser se revelam a partir do momento em que este se faz como protagonista da história e da sua própria história. Dada a sua natureza inacabada, o estudante deve rearticular constantemente os sentidos do arcabouço teórico-conceitual da sua área com as vivências significativas a serem adquiridas ao longo de todo o processo formativo. Assim, perceberá a relevância de pautar suas ações em valores humanísticos, favorecendo a ampliação dos significados da sua própria história de vida.

A proposta das componentes curriculares do PPV é contribuir para que o estudante perceba os sentidos de pertencimento. Esses se efetivam não só porque o ser está num determinado tempo histórico, mas antes de tudo, porque ele se faz como ser histórico a partir daquilo que realiza no mundo com o outro. Assim, ele pertence à história porque dela é protagonista cada vez mais engajado, pois visa a construção permanente do seu ser.

Desse modo, a proposta do PPV procura promover no estudante a compreensão de que o ser não é temporal por estar na história, mas existe historicamente por ser temporal. Fundada na temporalidade, a historicidade do ser enquanto capacidade de construir uma história é um modo que ele tem de assumir o seu próprio futuro.

### 7.1.3 O ser solidário

Uma terceira dimensão promovida pela proposta do PPV é a da pastoralidade como valor agregador de toda e qualquer área de formação e atuação profissional. A condição concreta da existência humana exige que olhemos o outro como resposta ao apelo fundamental à solidariedade.

Num mundo em que a dinâmica social é marcadamente definida por interesses materiais e individualistas, onde as mudanças ocorrem de maneira acelerada e essas por sua vez resultam numa situação de constantes crises sociais, emocionais, culturais e identitárias, torna-se cada vez mais urgente a reelaboração de sentidos sobre a formação acadêmica e profissional.

Trata-se então de redefinir constantemente os papéis do educador e do educando, pois fazem-se necessárias ações que promovam a solidariedade e o olhar constante para o outro assim como o bom pastor olha para suas ovelhas. Constitui-se tarefa inadiável o compromisso por uma Educação superior que promova mudanças radicais de paradigma e a proposta do PPV se dispõe a ser contribuição significativa para isso.

Neste sentido, cabe destacar que os objetivos do PPV serão consolidados por meio de diferentes estratégias e abordagens acadêmicas. A primeira delas é caracterizada pela oferta das três componentes curriculares do Núcleo de Formação Geral e Humanística. São elas:

- a) Relação: Princípios e Valores;
- b) Profissão: Competências e Habilidades;
- c) Cooperação: Humanismo Solidário, Redes e Comunidades.

Além da oferta das componentes curriculares acima destacadas, com o intuito de abarcar as diversas áreas de formação que compõem os cursos de graduação, o PPV contempla também a realização de 6 (seis) trilhas de desenvolvimento relacionadas à consecução das atividades complementares, componente curricular obrigatório nos cursos. São elas: (1) Liderança, (2) Pesquisa, (3) Esporte, (4) Cultura, (5) Espiritualidade e (6) Empreendedorismo. As trilhas apresentam, ainda, estreita relação com a atuação discente nos projetos de extensão, em especial os que atuam no atendimento às comunidades e instituições parceiras por meio do Programa Ser+.

O Programa Propósito de Vida objetiva, desta forma, uma ressignificação dos sentidos da formação acadêmica em consonância com os princípios norteadores do Grupo UBEC. Sua finalidade maior se exprime na identificação dos interesses dos estudantes pela busca de projetos significativos e inspiradores que possam nortear sua vida pessoal, acadêmica e profissional e seus projetos futuros. Nesse sentido, o PPV espera contribuir para que, ao longo da formação acadêmica, se efetivem vivências pautadas em princípios éticos e

solidários que marcam a identidade do Grupo UBEC. Trata-se, portanto, de manter e reforçar o espírito fundante e a razão de ser de uma Educação solidária, ética, evangelizadora e, por isso, promotora de espírito humanizador.

## 7.2 CONTEÚDOS PERTINENTES ÀS POLÍTICAS PARA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, EDUCAÇÃO AMBIENTAL, EDUCAÇÃO BILÍNGUE E ECOLOGIA INTEGRAL

A Resolução CNE/MEC nº 1, de 17 de junho de 2004, institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. E a Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos (EDH).

As observações, recomendações e definições presentes nessas Resoluções, bem como no Parecer CNE/CP nº 03, de 10 de março de 2004 devem orientar as definições curriculares e as políticas institucionais no que tange à Educação das Relações Étnico-raciais e ao Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, bem como as políticas para a Educação dos Direitos Humanos. Neste sentido, institui a obrigatoriedade da inclusão de conteúdos relacionados ao tratamento destas questões, tendo como meta promover a Educação de cidadãos atuantes e conscientes na sociedade brasileira, marcadamente multicultural e pluriétnica, buscando relações étnico-sociais positivas para a construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária.

A Educação das Relações Étnico-raciais, segundo a Resolução CNE/MEC nº 1/2004 (art. 2º, §1), tem por objetivo “a divulgação e produção de conhecimentos, bem como de posturas e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam, a todos, respeito aos direitos legais e valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira”. Já o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem por objetivo “o reconhecimento e valorização da identidade, história e cultura dos afro-brasileiros, bem como a garantia de reconhecimento e igualdade de valorização

das raízes africanas da nação brasileira, ao lado das indígenas, europeias e asiáticas” (Resolução CNE/MEC nº01/2004, art. 2º §2º).

E é pela Educação para o atendimento aos Direitos Humanos que alcançaremos uma sociedade melhor e mais justa. A própria Resolução CNE/CP nº 1/2012 afirma que “a Educação em Direitos Humanos emerge como uma forte necessidade capaz de reposicionar os compromissos nacionais com a formação de sujeitos de direitos e de responsabilidades.”. Reafirma ainda que tal Educação “poderá influenciar a construção e a consolidação da democracia como um processo para o fortalecimento de comunidades e grupos tradicionalmente excluídos dos seus direitos.”. Toda a compreensão da EDH se fundamenta nos seguintes princípios: dignidade humana; igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades; laicidade do Estado; democracia na Educação; transversalidade, vivência e globalidade; sustentabilidade socioambiental.

Cabe ressaltar que os princípios que orientam a Resolução CNE/CP nº 02/2012 (que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental) e a Resolução CNE/CP nº 01/2012 (que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação em Direitos Humanos) são princípios norteadores da Educação preconizada pela UCB, assumidos em sua missão. Dessa forma, as questões relacionadas à formação de uma consciência cidadã, marcada pelo respeito à diversidade, pela defesa dos direitos civis, políticos, sociais, ambientais, econômicos e culturais, na construção de uma sociedade justa e equânime, representam o projeto de formação desta Universidade, encontrando-se presentes em suas políticas institucionais.

Assim, os conteúdos que suportam esta proposta formativa são trabalhados de forma mais abrangente, em componentes curriculares de formação humanística geral, como “Relação: princípios e valores”, “Profissão: competências e habilidades”, “Cooperação: Humanismo solidário, redes e comunidades”.

O Decreto nº 4.281/2002, que regulamenta a Lei nº 9.795/1999 (Política Nacional de Educação) e a Resolução CNE/CP nº02, de 15 de junho de 2012 (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental), compõe o marco legal específico que orienta a atuação da UCB em relação à Educação Ambiental.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental (Resolução CNE/CP nº02/2012, art. 3º), a Educação Ambiental “visa à construção de conhecimentos, ao desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores sociais, ao cuidado com a comunidade de vida, a justiça e a equidade socioambiental, e a proteção do meio ambiente natural e construído” e não deve ser implantada como disciplina ou componente curricular específico (art. 8º).

Da mesma forma que a Universidade aborda as questões da Educação das Relações Étnico-Raciais, do Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana e da Educação em Direitos Humanos, as questões e conteúdos relacionados à Educação Ambiental também são tratados de forma transversal e nos componentes curriculares do Núcleo de Formação Geral e Humanística, citados anteriormente. Por fim, cabe destacar que a Educação Ambiental, em especial seu aspecto de sustentabilidade, é contemplada na missão da UCB, orientando a gestão da Universidade e sua atuação por meio dos programas e projetos de pesquisa e extensão, considerando de forma especial a perspectiva da ecologia integral, preconizada pelo Papa Francisco na carta encíclica *Laudato Si'*. Neste sentido, defende-se o estudo e a promoção das relações entre os organismos vivos e o meio ambiente, em defesa das condições de vida e de sobrevivência, questionando os modelos de desenvolvimento, consumo e produção em favor da vida e do planeta.

Assim, os conteúdos que suportam esta proposta formativa são trabalhados de forma mais abrangente, em componentes curriculares de formação humanística geral, quanto em componentes curriculares específicas, além de orientar a atuação discente em suas práticas extensionistas e na realização das Trilhas formativas do PPV. Ademais, esses conteúdos são também contemplados de maneira transversal por meio da oferta de palestras, mesas-redondas, encontros e eventos culturais ao longo dos semestres.

No curso de Arquitetura e Urbanismo, a temática ambiental é tratada de diversas maneiras, em especial, nos componentes curriculares abaixo:

- Materiais de Construção e Sustentabilidade - entre os assuntos estudados dos materiais ela aborda: Propriedades, comportamentos e implicações ambientais. Cadeia produtiva dos materiais (Avaliação do Ciclo de Vida). Sistemas construtivos sustentáveis e tecnologias vernaculares. Decisões sobre sistemas construtivos aplicados à

viabilidade econômica e ambiental. Conceitos de sustentabilidade e noções de certificações e gestão de resíduos.

- Infraestrutura das Cidades - Entre os temas abordados estão: Saneamento básico (abastecimento de água, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, esgotamento sanitário e drenagem de águas pluviais). Interações entre projeto urbanístico e infraestrutura urbana: relações com tipos de solo e com relevo, relações entre densidade populacional e infraestrutura, composição de custos no espaço urbano. Relações com o meio ambiente: infraestrutura e sustentabilidade.
- Ateliê de Arquitetura | Habitação unifamiliar sustentável - Este ateliê aborda a realização de um projeto de habitação unifamiliar a partir do estudo de tecnologias limpas e energias renováveis. Envolve o estudo de tipologias, materiais e tecnologias construtivas tradicionais da arquitetura residencial.
- Conforto ambiental térmico - envolve o estudo das técnicas e tecnologias referentes ao estabelecimento do conforto térmico frente aos fatores climáticos determinantes entre outras condicionantes apresentadas. Análise da viabilidade construtiva das técnicas sustentáveis para o controle bioclimático.
- Sistemas Construtivos E Estruturas - Decisões sobre sistemas construtivos aplicados à viabilidade econômica e ambiental.
- Estruturas Aplicadas À Arquitetura | Aço E Madeira - Noções de viabilidade econômica e manutenção das estruturas de aço e madeira.
- Planejamento Urbano E Regional - Os aspectos sociais e ambientais do desenvolvimento urbano.
- Ateliê De Paisagismo | Parques - Estudos ambientais. Ecossistemas e biomas brasileiros.

### 7.3 FLEXIBILIDADE CURRICULAR

Flexibilidade curricular dos cursos de graduação se constitui a adoção de estratégias acadêmicas e de atividades didáticas, que despertem no estudante a necessidade de interação com outras áreas do saber e, de modo

especial, com o mundo do trabalho e da cultura, desde o início do curso. Assim, se faz necessário que se articule, no processo de formação do aluno, maior comunicação e permeabilidade entre diferentes cursos, buscando eixos comuns e disciplinas que permitam a formação ampla dos universitários, com mobilidade entre cursos. A integração entre cursos por meio de eixos temáticos comuns é uma prática que estimula a mobilidade do aluno na Educação superior e favorece sua formação interdisciplinar.

Nesse sentido, a UCB busca ampliar a flexibilidade curricular como prática pedagógica que favorece o desenvolvimento da autonomia do aluno e a sua formação interdisciplinar e integral. Essa flexibilização implica rever as disciplinas, buscando aspectos integradores e organizações curriculares que favoreçam a interdisciplinaridade.

O Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2014/2024 estabelece que as Instituições de Ensino superior deverão buscar a flexibilização de seus currículos, ofertando, no mínimo, 10% (dez por cento) da carga horária do curso em programas de extensão.

Há também pareceres do CNE (nº 776/97 e nº 583/2001) que defendem flexibilidade na organização de cursos, para atender à crescente heterogeneidade da formação inicial e às expectativas e interesses dos sujeitos que fazem a Educação, bem como a revisão dos cursos que burocratizados e fragmentados revelam incongruência com as tendências contemporâneas para uma boa formação na graduação como uma etapa inicial da formação continuada.

Assim, na UCB a Flexibilização curricular é identificada:

- na busca de articulação entre teoria e prática desde os momentos mais precoces do curso;
- nas Atividades Complementares, que integram obrigatoriamente o currículo desse curso. Com base no princípio de que o aluno é o agente da aprendizagem, ele é estimulado a aprender a aprender e a ter responsabilidade e compromisso com sua Educação, sendo estas atividades um dos mecanismos que proporcionarão a participação do aluno na construção do saber com experiências inovadoras. A proposta também permite ao discente a participação na formação do seu currículo, atendendo à necessidade de diversificação do conhecimento;

- na implantação de disciplinas optativas no Curso que são decorrentes das escolhas do sujeito que constrói o próprio conhecimento e percurso formador;
- nas metodologias ativas e problematizadoras, que possibilita ao aluno vivenciar a práxis educativa, construindo e fundamentando as decisões para a solução de problemas, o que favorece a interdisciplinaridade e a percepção da realidade;
- na extensão, cumprindo o que preconiza a Resolução CNE/CES Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, que foi alterada pelo CNE, pelo Parecer CNE/CES Nº 498/2020;
- na pesquisa, que trazem diferencial à formação, e, se concretiza quando se transforma em trajetórias autônomas e particulares, nos currículos de cada discente, enriquecidos de conhecimentos diversificados.

Na “sociedade do conhecimento”, uma das habilidades exigidas é a de trabalhar em grupo, pensar coletivamente, com pessoas com pontos de vistas e conhecimentos diferenciados. Acreditamos que favorecer a convivência entre estudantes de diferentes áreas do saber por meio de Componentes curriculares que tenham um eixo comum é uma forma de desenvolver essa habilidade. Ampliar o desenvolvimento de atividades relacionadas a empreendedorismo, incluindo no currículo projetos e/ou Componentes curriculares que estimulem o empreendedorismo é também uma exigência que se faz na inserção social dos cidadãos.

Nessa perspectiva, também se busca ampliar a integração entre a graduação e a pós-graduação. Esta deverá ocorrer não apenas por intermédio de docentes que lecionem em ambos os níveis de ensino, mas também pela participação de estudantes em grupos de pesquisa da pós-graduação e até na possibilidade de o aluno frequentar aulas de determinadas disciplinas da pós-graduação, conforme cada curso reger.

## 7.4 INTERDISCIPLINARIDADE

A interdisciplinaridade não está ligada apenas à organização dos conteúdos em si, mas também à ação do professor e do processo de ensino que ele utiliza para que o aluno aprenda, bem como à organização que a instituição propõe para que o aluno se movimente entre as várias áreas de conhecimento e disciplinas acadêmicas.

Tanto a interdisciplinaridade, quanto a transdisciplinaridade ocorrem no sujeito, no professor e no aluno e surgirão a partir das possibilidades concebidas no âmbito dos processos de ensino e de aprendizagem. Quanto ao professor, que domina a disciplina, que entende profundamente as hierarquias conceituais nela presentes e que adota processos de ensino planejados e intencionais, cabe atravessar fronteiras das áreas do conhecimento e encarar a complexidade da realidade do pensamento pontual. Aos estudantes cabe o desafio de romperem, invadirem e mesclarem essas fronteiras na busca de solução às questões postas pelos problemas do cotidiano e das áreas de saberes diversos.

Objetiva-se, assim, que os projetos pedagógicos dos cursos da UCB garantam a possibilidade de o aluno movimentar-se entre as várias áreas dos saberes, buscando as interlocuções e as complementações de sua formação. Assim, os Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) têm a liberdade para inovarem e usarem a criatividade na elaboração de seus Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC).

Alguns procedimentos são importantes para que se possa ser bem-sucedido no desenvolvimento de uma organização curricular inovadora e do protagonismo estudantil. Uma das orientações para isso é a ênfase que as próprias DCNs colocam na redução do tempo que o aluno passa dentro de uma sala de aula.

Consequentemente, as atividades complementares são consideradas de fundamental importância no desenvolvimento do currículo e exigem, da parte do aluno e da IES, sistematização e organização para seu cumprimento.

As atividades de síntese e integração de conhecimentos são também oportunidades tanto para o desenvolvimento do protagonismo estudantil como para o estímulo à interdisciplinaridade.

Essa mobilidade e flexibilidade na construção do currículo do aluno possibilita uma formação profissional generalista e adaptável a situações novas e emergentes, sem renunciar à fundamentação técnica e teórica de sua área de formação.

Oferecer sentido ao trabalho acadêmico é o grande desafio da Educação. A visão interdisciplinar dos problemas ligados ao fazer profissional não apenas oferece sentido como multiplica as possibilidades de solução de problemas. Ao oferecer a perspectiva de busca de solução de problemas - não de respostas a perguntas - muda inteiramente a perspectiva do ensino profissional, tornando-o útil, real e efetivo.

Para se atingir os objetivos de sua atuação na área de ensino, pesquisa e extensão, a UCB declara, em acordo com os aspectos gerais da maioria das Diretrizes Curriculares Nacionais que objetiva formar profissionais com:

- Formação generalista, humanista e reflexiva;
- Visão do seu contexto socioeconômico e cultural;
- Preocupação ambiental;
- Visão crítica, criativa e empreendedora;
- Competências e habilidades, explicitadas no PPC, requeridas para o exercício profissional;
- Atitudes com ênfase nos princípios e valores.

As DCNs apresentam uma clara e explícita articulação entre os elementos de competências, habilidades e atitudes, as estratégias de ensino e aprendizagem e os esquemas de avaliação. Diante do exposto a UCB entende que o modo como o professor desenvolve o processo de ensino e aprendizagem permitirá o desenvolvimento do aluno. Professor, conteúdo e aluno desempenham papéis fundamentais e complementares.

Diante do exposto, é possível definir que a coerência entre as atividades de ensino dos níveis da graduação e pós-graduação acontece quanto as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito da IES estão articuladas com a proposta pedagógica e aplicadas nesses dois níveis, mantendo um correto alinhamento entre políticas, objetivos e metas.

Há também pareceres do CNE (nº 776/97 e nº 583/2001) que defendem flexibilidade na organização de cursos, para atender à crescente

heterogeneidade da formação inicial e às expectativas e interesses dos sujeitos que fazem a Educação, bem como a revisão dos cursos que burocratizados e fragmentados revelam incongruência com as tendências contemporâneas para uma boa formação na graduação como uma etapa inicial da formação continuada.

## 7.5 ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

No Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Brasília, a articulação teoria-prática baseia-se na tese segundo a qual o conhecimento deve emergir da prática e a ela retornar mediado pela reflexão teórica. Trata-se de enfatizar o estudo e a reflexão epistemológica sobre a construção do conhecimento no contexto social do educando e dos desafios presentes.

As metodologias ativas contribuem com esta articulação, ao estimular no curso a aplicação de metodologias dinâmicas do processo ensino-aprendizagem como instrumentos de desenvolvimento do discente, disseminando também a cultura da pesquisa, da discussão, do debate, do levantamento de situações-problema para análise crítica.

## 7.6 CONTEÚDOS PARA OS CURSOS DE GRADUAÇÃO

Os conteúdos curriculares, previstos no PPC, possibilitam o efetivo desenvolvimento do perfil profissional do egresso, considerando a atualização da área, a adequação das cargas horárias (em horas-relógio), a adequação da bibliografia, a acessibilidade metodológica, a abordagem de conteúdos pertinentes às políticas de Educação ambiental, de Educação em direitos humanos e de Educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena, diferenciam o curso dentro da área profissional e induzem o contato com conhecimento recente e inovador.

Para alcançar o perfil profissional delineado e atender às políticas de ensino, os conteúdos serão selecionados para favorecer o desenvolvimento de

competências e habilidades dos estudantes. Os conteúdos serão tratados metodologicamente para que o aluno se aproprie ativamente dos conceitos e desenvolvam as competências necessárias para atuar como médicos. A seleção dos conteúdos passa pelo direcionamento das DCNs e das entidades profissionais e pesquisadores das várias áreas de conhecimento.

As estratégias de ensino foram escolhidas a partir do tipo de conteúdo, para garantir a consecução do perfil de egresso desejado. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais de todos os cursos têm apontado para um currículo que possibilita uma formação de perfil profissional generalista e adaptável a situações novas e emergentes. Conseqüentemente a UCB orienta os professores para que desenvolvam um trabalho de articulação entre conteúdos e estratégias pedagógicas de forma a favorecer ao aluno o desenvolvimento de competências para:

- Reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente, introduzir modificações no processo em que estiver envolvido, atuar preventivamente, transferir e generalizar conhecimentos e exercer, em diferentes graus de complexidade, o processo de tomada de decisão, com fundamentação ética e responsável;
- Desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional e o meio, inclusive nos processos de negociação e nas comunicações interpessoais ou intergrupais;
- Refletir e atuar criticamente sobre a esfera de sua atuação, compreendendo sua posição e função na estrutura ou sistema sob sua responsabilidade, controle e/ou gerenciamento;
- Desenvolver raciocínio crítico e analítico para operar com valores nas relações formais e causais entre fenômenos característicos de sua área de atuação, expressando-se de modo crítico e criativo diante dos diferentes contextos;
- Ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa, vontade de aprender, abertura às mudanças e consciência da qualidade e das implicações éticas do seu exercício profissional;

- Desenvolver capacidade de transferir conhecimentos da vida e da experiência cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional, em diferentes modelos e sistemas, revelando-se profissional versátil;
- Dominar os conhecimentos científicos básicos da sua área de atuação e ter raciocínio crítico na interpretação dos dados, na identificação da natureza dos problemas e na sua resolução;
- Conhecer os princípios da metodologia científica, possibilitando-lhe a leitura crítica de artigos técnico-científicos e a participação na produção de conhecimentos;
- Lidar criticamente com a dinâmica do mercado de trabalho e com as políticas de sua área profissional;
- Atuar em equipe multiprofissional;
- Manter-se atualizado com a legislação pertinente à sua área profissional;
- Manter-se atualizado com a evolução do conhecimento e das práticas profissionais em seu campo de atuação, através do envolvimento com a formação continuada;
- Dentro de sua área profissional de formação, ampliar a preocupação com o desenvolvimento de ações sustentáveis e responsáveis em relação ao meio ambiente.

## 7.7 MATRIZ CURRICULAR DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO

O princípio estabelecido no PPI da UCB de que “[...] para alcançar o perfil profissional delineado e atender às políticas de ensino, devem ser selecionados conteúdos que favoreçam o desenvolvimento de competências e habilidades nos estudantes [...]”, será respeitado no âmbito do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO, mas, com suas especificidades. Cada semestre corresponde a 1 (um) conjunto de 20 (vinte) semanas, constituído por 4 a 5 (cinco) componentes curriculares.

Cada Componente curricular (CC) corresponde a um conjunto de conteúdos integrados reunindo conhecimentos básicos e específicos. A

componente curricular integra várias áreas do conhecimento, articulando-as, indo muito além da justaposição de conteúdo.

O currículo do Curso de ARQUITETURA E URBANISMO da UCB propicia formação dos estudantes para atuarem com responsabilidade social e compromisso com a defesa da cidadania, da dignidade humana.

Cabe enfatizar que o desenho desta proposta inovadora intra e interdisciplinar e transversal propicia uma conjugação de saberes, o aperfeiçoamento e a atualização técnico-científica, primando por uma formação na área humanística e de conhecimento técnico, com espírito científico, empreendedor e consciente da ética profissional.

O currículo do curso de ARQUITETURA E URBANISMO da UCB está coerente com os objetivos do curso e com o compromisso da mantenedora com a região onde está inserida, orienta para a formação de profissionais integrados com a realidade local e a qualificação despertada para o aproveitamento das potencialidades socioeconômicas e culturais, de modo a tornar os futuros profissionais aliados para o desenvolvimento regional. A visão crítica, empreendedora e humanística da realidade social, trabalhada ao longo de todo o curso, insere no aluno, por meio da conjugação da teoria à prática, uma perspectiva pluralista da prática das disciplinas e das atividades acadêmicas previstas para o curso.

Respeitando os aspectos pedagógicos, o currículo do curso conta com atividades complementares, abordando as áreas de conhecimento, habilidades, atitudes e valores éticos fundamentais à formação profissional.

A matriz curricular dá visibilidade ao percurso que o aluno deve fazer para integralização curricular, indicando, para cada período as disciplinas e atividades complementares sugeridas, assim como as respectivas cargas horárias teóricas e práticas.

## 7.8 MATRIZ, EMENTAS E REFERÊNCIAS

### MATRIZ DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA - UCB

QS 07 LOTE, Nº01, AGUAS CLARAS

BRASÍLIA - DF - BRASIL CEP 71920-540

Reconhecida pela Port. Min. nº 1827 de 28/12/1994, publicada no D.O.U de 30/12/1994, Recred. pela P.M. nº 624 de 17/05/2012, D.O.U de 18/05/2012. Credenciada pela P.M. Nº 4419, de 30/12/2004.

#### CURRÍCULO PLENO DO CURSO

Curso: GPA01 - ARQUITETURA E URBANISMO

Currículo: GPA01B03T

Matriz Curricular: ARQUITETURA E URBANISMO 03 1º/2023 M/N SERIADO - GPTA

Carga Horária Total: 3600

Créditos Totais: 174

Carga Horária Disc. Obrigatória: 3400

Créditos Disc. Obrigatória: 170

Carga Horária Disc. Optativa: 80

Créditos Disc. Optativa: 4

Carga Horária Disc. Eletiva: 0

Créditos Disc. Eletiva: 0

Carga Horária Ativ. Complementar: 120

Créditos Ativ. Complementar: -

Grau: BACHAREL(A)

Data Início: 01/02/2023

Habilitação: BACHARELADO

Data Término:

Aprovação: Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Bacharelado, autorizado pela Resolução nº 29/2010 - CONSEPE de 28/04/2010. Renovação de Reconhecimento Portaria SERES/MEC nº 110 de 04/02/2021, publicada no DOU em 05/02/2021.

TURNOS DISPONÍVEIS:  Matutino  Vespertino  Noturno  Integral

Sem.	Seq.	Cód. Disc.	Disciplinas	Mod.	Pré-Requisito(s)		Qt.d. Créd.	Carga Horária				
					Disciplina(s)	Min. Cr.		Teor.	Prát./Lab.	Ext.	TDE	Tot.
1º	1	GPNCAB02T	DESENHO DE EXPRESSÃO	HIB			4	0	50	0	30	80
1º	2	GPAD1H01T	MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E SUSTENTABILIDADE	HIB			4	20	30	0	30	80
1º	3	GPNGH023T	CIÊNCIA, COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE	EXT			6	0	0	120	0	120
1º	4	GPNCAB02T	TEORIA GERAL DA ARTE	HIB			4	30	20	0	30	80
2º	5	GPAD1H02T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   PEQUENOS PROGRAMAS	HIB			4	0	50	0	30	80
2º	6	GPNCAB09T	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA E DESENHO UNIVERSAL	HIB			4	0	50	0	30	80
2º	7	GPAD1H03T	INFRAESTRUTURA DAS CIDADES	HIB			4	30	20	0	30	80
2º	8	GPNGH040T	RELAÇÃO: PRINCÍPIOS E VALORES	HIB			4	50	0	0	30	80
2º	9	GPAD1H04T	TEORIA E HISTÓRIA   O COTIDIANO, O SAGRADO E A CIDADE	HIB			4	30	20	0	30	80
3º	10	GPAD1H07T	ATELIÊ DE URBANISMO   ESCALA LOCAL	HIB			4	0	50	0	30	80
3º	11	GPAD1H05T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO UNIFAMILIAR SUSTENTÁVEL	HIB			4	0	50	0	30	80
3º	12	GPNCAB12T	COMPUTAÇÃO GRÁFICA - MODELAGEM 3D	HIB			4	0	50	0	30	80
3º	13	GPAD1H08T	CONFORTO AMBIENTAL TÉRMICO	HIB			4	20	30	0	30	80
3º	14	GPAD1H09T	SISTEMAS CONSTRUTIVOS E ESTRUTURAS	HIB			4	20	30	0	30	80
4º	15	GPAD1H11T	MODELO REDUZIDO E PROTOTIPAGEM	HIB			4	0	50	0	30	80
4º	16	GPAD1H12T	PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL	HIB			4	30	20	0	30	80
4º	17	GPNGH033T	PROFISSÃO: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES	HIB			4	50	0	0	30	80
4º	18	GPAD1H13T	TEORIA E HISTÓRIA   ESPAÇO COMO REPRESENTAÇÃO	HIB			4	30	20	0	30	80
4º	19	GPNCAB11T	TOPOGRAFIA, CARTOGRAFIA E GEOPROCESSAMENTO	HIB			4	30	20	0	30	80
5º	20	GPAD1H06T	ATELIÊ DE PAISAGISMO   PRAÇAS E JARDINS	HIB			4	0	50	0	30	80
5º	21	GPAD1H10T	ATELIÊ DE URBANISMO   INTERVENÇÕES URBANAS	HIB			4	0	50	0	30	80
5º	22	GPAD1H14T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO COLETIVA DE INTERESSE SOCIAL	HIB			4	0	50	0	30	80
5º	23	GPAD1H17T	ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   CONCRETO	HIB			4	30	20	0	30	80
5º	24	GPAD1H17T	INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E AUTOMAÇÃO	HIB			4	20	30	0	30	80
6º	25	GPAD1H18T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   GRANDES VÃOS	HIB			4	0	50	0	30	80
6º	26	GPAD1H19T	CONFORTO ACÚSTICO, LUMINOTÉCNICA, ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL	HIB			4	20	30	0	30	80
6º	27	GPNGH023T	COOPERAÇÃO: HUMANISMO SOLIDÁRIO, REDES E COMUNIDADES	EXT			6	0	0	120	0	120
6º	28	GPAD1H20T	ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   AÇO E MADEIRA	HIB			4	30	20	0	30	80
6º	29	GPAD1H21T	INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS PREDIAIS	HIB			4	20	30	0	30	80
7º	30	GPAD1H21T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   EDIFICAÇÃO EM ALTURA	HIB			4	0	50	0	30	80
7º	31	GPNCAB18T	PROGRAMAÇÃO VISUAL E RENDERIZAÇÃO	HIB			4	0	50	0	30	80
7º	32	GPAD1EC22T	PROJETO DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO	EXT			6	0	0	120	0	120
7º	33	GPAD1H23T	TEORIA E HISTÓRIA   FORMAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS	HIB			4	30	20	0	30	80
8º	34	GPAD1H30T	ATELIÊ DE PAISAGISMO   PARQUES	HIB			4	0	50	0	30	80
8º	35	GPAD1H24T	ATELIÊ DE ARQUITETURA   FUNÇÕES COMPLEXAS	HIB			4	0	50	0	30	80

## CURRÍCULO PLENO DO CURSO

Curso: GPA01 - ARQUITETURA E URBANISMO

Currículo: GPA01B03T

Matriz Curricular: ARQUITETURA E URBANISMO 03 1º/2023 M/N SERIADO - GPTA

Sem.	Seq.	Cód. Disc.	Disciplinas	Mod.	Pré-Requisito(s) Disciplina(s)	Min. Cr.	Qtd. Créd.	Carga Horária				
								Teor.	Prát./Lab.	Ext.	TDE	Tot.
8ª	36	GPA01B03T	ESTÁGIO SUPERVISIONADO, ATRIBUIÇÃO E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL	EST			4	0	80	0	0	80
8ª	37	GPA01B03T	TÉCNICAS RETROSPECTIVAS E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO	HIB			4	20	30	0	30	80
8ª	38	GPA01B03T	TEORIA E HISTÓRIA   VANGUARDAS ARTÍSTICAS	HIB			4	30	20	0	30	80
9ª	39	GPA01B03T	ATELIÊ DE URBANISMO   GRANDES ÁREAS	HIB			4	0	50	0	30	80
9ª	40	GPA01B03T	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I	TCC			4	0	50	0	30	80
10ª	41	GPA01B03T	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II	TCC			4	0	50	0	30	80
10ª	-	-	DISCIPLINA OPTATIVA				4	0	0	0	0	0
<b>TOTAIS:</b>							<b>174</b>	<b>540</b>	<b>1990</b>	<b>360</b>	<b>1110</b>	<b>3400</b>

**CURRÍCULO PLENO DO CURSO**
**Curso:** GPA01 - ARQUITETURA E URBANISMO

**Currículo:** GPA01B03T

**Matriz Curricular:** ARQUITETURA E URBANISMO 03 1º/2023 M/N SERIADO - GPTA

**DISCIPLINAS OPTATIVAS DO CURRÍCULO**

Sem.	Seq.	Cód. Disc.	Disciplina	Pré-Requisito(s)		Qtd.	Carga Horária					
				Disciplina(s)	Min. Cr.		Teor.	Prát./Lab.	Ext.	TDE	Tot.	
		GPA04HB29T	FUNDAÇÕES E OBRAS DE CONTENÇÃO		0	8	40	60	0	60	160	
		GPA04HB30T	PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E CONTROLE DE OBRAS		0	8	100	0	0	60	160	
		GPA12HB07T	ATELIÊ DE DESIGN   ESPAÇOS CORPORATIVOS		0	8	0	100	0	60	160	
		GPA12HB08T	DETALHAMENTO DE MOBILIÁRIO E DESENHO UNIVERSAL		0	8	0	100	0	60	160	
		GPA20HB05T	DETALHAMENTO DE PROJETO DE PAISAGISMO		0	8	0	100	0	60	160	
		GPE13HB01T	ARTE E SOCIEDADE		0	8	100	0	0	60	160	
		GPE13HB07T	ANIMAÇÃO		0	8	0	100	0	60	160	
		GPE24HB02T	FUNDAMENTOS DO CINEMA		0	8	100	0	0	60	160	
99		GPE25HB13T	OFICINA DE REPRESENTAÇÃO E PORTFÓLIO		0	8	0	100	0	60	160	
		GPNC4HB08T	ANTROPOMETRIA E ERGONOMIA		0	8	60	40	0	60	160	
		GPND0IO91T	DESIGN THINKING E A BUSCA DA INOVAÇÃO		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO92T	INGLÊS INSTRUMENTAL		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO93T	LIDERANÇA, NEGOCIAÇÃO E GRANDES NEGÓCIOS		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO94T	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO95T	MARKETING DE MÍDIAS SOCIAIS E DIGITAIS		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO96T	ORATÓRIA		0	8	100	0	0	60	160	
		GPND0IO97T	QUALIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL		0	8	100	0	0	60	160	
						<b>TOTAIS:</b>	<b>136</b>	<b>1100</b>	<b>40</b>	<b>0</b>	<b>1020</b>	<b>2720</b>

**DISCIPLINAS ELETIVAS DO CURRÍCULO**

Sem.	Seq.	Cód. Disc.	Disciplina	Pré-Requisito(s)		Qtd.	Carga Horária					
				Disciplina(s)	Min. Cr.		Teor.	Prát./Lab.	Ext.	TDE	Tot.	
			Grand Total		0	0	0	0	0	0	0	
						<b>TOTAIS:</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>

\* TDE - Trabalho Discente Efetivo - autoinstrucional

## EMENTÁRIO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

UNIDADE CURRICULAR: DESENHO DE EXPRESSÃO	
<b>SEMESTRE:</b> 1º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b> <p>Bases do desenho à mão livre. Percepção de proporções, formas e volumes. Desenvolvimento da expressão gráfica à mão livre. Desenhos de objetos de observação, memória e criação. Produção de desenhos de croquis. Estudo de movimentos, estrutura e eixos. Introdução à perspectiva. Primitivas geométricas, razões e proporções.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b> <p>DOCZI, György. O poder dos limites: harmonias e proporções da natureza, arte e arquitetura. São Paulo: Mercuryo, 1990.</p> <p>REID, Grant W. Landscape Graphics, Plan, Section, and Perspective Drawing of Landscape Spaces. Revised Edition. New York: Watson-Guption, 22.</p> <p>YANES, Magali Delgado; DOMINGUEZ, Ernest Redondo. Desenho livre para arquitectos. Barcelona, Espanha: Editorial Estampa, 2004.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b> <p>EDWARDS, Betty. Desenhando com o lado direito do cérebro. Rio de Janeiro: Ediouro 2000.</p> <p>ELAM, Kimberly. Geometria do design: estudos sobre proporção e composição. São Paulo: Cosac Naify Edições Ltda., 2010.</p> <p>MARTÍN, Gabriel. Fundamentos do desenho artístico: aula de desenho. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p> <p>PECK, Stephen Rogers. Atlas of human anatomy for the artist. [S.l.]: Oxford Usa Trade, 1951.</p> <p>SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO E SUSTENTABILIDADE</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 1º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Estudo das características dos materiais básicos e sistemas construtivos convencionais e vernaculares da Arquitetura e do Urbanismo. Organização do canteiro de obras. Processos de seleção de materiais e técnicas em processos de projeto e execução, classificação, coberturas, estruturas e fundações. Noções de elementos construtivos. Sistemas de vedação e revestimentos. Planejamento da construção. Propriedades, comportamentos e implicações ambientais. Cadeia produtiva dos materiais (Avaliação do Ciclo de Vida). Sistemas construtivos sustentáveis e tecnologias vernaculares. Manutenção e preservação predial. Decisões sobre sistemas construtivos aplicados à viabilidade econômica e ambiental. Conceitos de sustentabilidade e noções de certificações. Gestão de resíduos. Noções de especificação de materiais.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>ALMEIDA, Maria Cascão Ferreira de. Estruturas isostáticas. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>BOTELHO, Manoel Henrique Campos. Concreto armado eu te amo: para arquitetos. 2ª ed., revisada e ampliada. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.</p> <p>GILBERT, Anne M. Fundamentos da análise estrutural. 3. Porto Alegre: ArtMed, 2010.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ADÃO, Francisco Xavier; HEMERLY, Adriano Chechetto. Concreto Armado: Novo Milênio - Cálculo Prático e Econômico. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2010.</p> <p>BAUD, Gérard. Manual de pequenas construções: alvenaria e concreto armado. São Paulo: Hemus, 2002.</p> <p>CARVALHO, Roberto Chust; PINHEIRO, Libânio Miranda. Cálculo e detalhamento de estruturas usuais de concreto armado. São Paulo: Pini, 2009.</p> <p>ENGEL, Heino. Sistemas de estruturas: Sistemas estruturais. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.</p> <p>SALVADORI, Mario George. Por que os edifícios ficam de pé: a força da arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: EXTENSÃO - CIÊNCIA, COMUNICAÇÃO E SUSTENTABILIDADE</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 1º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 120 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Ciência e fundamentos do conhecimento científico. Método científico. Investigação científica baseada em evidências. Etapas de elaboração da pesquisa científica. Estudo das práticas de Comunicação, narrativas e oralidade. Aprendizagem baseada em experimentação e os conceitos de aprendizagem criativa. Cultura Maker e Design Thinking. Extensão Universitária e Intervenção Sociocultural a partir dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BRITO, Maria Eduarda et al. Desenvolvendo competências comportamentais no meio acadêmico. ANALECTA-Centro Universitário Academia, v. 5, n. 5, 2020.</p> <p>NUNES, Suzana Gilioli; MORAES, Nelson Russo de; SOUZA, Fernando da Cruz. As mídias digitais e a nova sociedade: um olhar sobre as interações humanas e as relações organizacionais. 2020.</p> <p>SÍVERES, Luiz. A extensão como princípio de aprendizagem. 2008. Disponível em: <a href="https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/1946/1266">https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/1946/1266</a> . Acesso em: 24 fev. 2022.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>AUDY, Jorge. A inovação, o desenvolvimento e o papel da Universidade. Estudos avançados, v. 31, p. 75-87, 2017.</p> <p>GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: Para quê? Disponível em: <a href="http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf">http://www.paulofreire.org/images/pdfs/Extens%C3%A3o_Universit%C3%A1ria_-_Moacir_Gadotti_fevereiro_2017.pdf</a></p> <p>LUNA, Sergio Vasconcelos de. Planejamento de pesquisa: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1996. 108 p.; 18 cm. - (Série Trilhas)</p> <p>PESSOA, Luísa Martins. INOVAÇÃO, CRIATIVIDADE E DESIGN THINKING: INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS. Universidade de Lisboa, 2018. <a href="https://www.academia.edu/download/59205491/Inovacao_Criatividdade_DesignThinking_Introduc_aoAosConceitos20190510-111542-l5nuik.pdf">https://www.academia.edu/download/59205491/Inovacao_Criatividdade_DesignThinking_Introduc_aoAosConceitos20190510-111542-l5nuik.pdf</a></p> <p>RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. A extensão universitária como indicativo de responsabilidade social. 2011. Disponível em: <a href="https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3185/2079">https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3185/2079</a>. Acesso em: 04 ago. 2021.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TEORIA GERAL DA ARTE</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 1º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A dimensão artística da produção arquitetônica e urbanística. Natureza das diferentes linguagens históricas e sua expressão no espaço socialmente utilizado. Principais correntes e suas relações com contextos históricos. Espaço como modo de objetivação da consciência humana: o conceito de excelência em arquitetura e no espaço da cidade. Imaginação criadora e poética do gosto arquitetônico na cultura ocidental. Estética do projeto arquitetônico e urbanístico.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>GOMBRICH, Ernst Hans Josef. A história da Arte. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2000.</p> <p>SUASSUNA, Ariano. Iniciação à Estética. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.</p> <p>WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: Uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1986.</p> <p>DONDIS, Donis A.; CAMARGO, Jefferson Luiz (Trad.). Sintaxe da linguagem visual. 2. ed São Paulo: Martins Fontes, 2003.</p> <p>KANDINSKY, Wassily; BRANDÃO, Eduardo (Trad.). Ponto e linha sobre plano: contribuição à análise dos elementos da pintura. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.</p> <p>OSTROWER, Fayga. Sensibilidade do intelecto. Rio de Janeiro: Campus, 1998.</p> <p>SCHILLER, Friedrich; SCHWARZ, Roberto; SUZUKI, Marcio (Trad.). A educação estética do homem numa série de cartas. São Paulo, SP: Iluminuras, 2010. 154 p.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELÊ DE ARQUITETURA   PEQUENOS PROGRAMAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 2º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Prática projetual experimental das formas e composições arquitetônicas. Análise e diagnóstico de espaços existentes. Ensaio sobre função, estrutura e significado da forma. Edificações de baixa complexidade. Aplicação dos estudos ergonômicos e das condicionantes bioclimáticas, ambientais, de segurança e de acessibilidade. Levantamento cadastral e análise de espaços construídos existentes. Programa de Necessidades no contexto geográfico, cultural e social. Estudo de Fluxos. Estudo Preliminar e Anteprojeto.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>AZEREDO, Hélio Alves de. O edifício até sua cobertura. 2. ed., rev. 10284 São Paulo: Edgard Blücher, c1997.</p> <p>LITTLEFIELD, David. Manual do arquiteto planejamento, dimensionamento e projeto. Porto Alegre: Bookman, 2015.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CHING, Francis D.K. Arquitetura, forma, espaço e ordem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.</p> <p>DONDIS, Donis A. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.</p> <p>FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico. São Paulo: Annablume, 2008.</p> <p>BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.</p> <p>HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.</p> <p>NEUFERT, Ernst. Neufert: Arte de projetar em arquitetura. Barcelona: Gustavo Gilli, 1976.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: REPRESENTAÇÃO GRÁFICA E DESENHO UNIVERSAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 2º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Estudo da linguagem e das técnicas do desenho e da representação arquitetônica. Normas, convenções, técnicas e instrumentos para desenvolvimento da expressão gráfica para o desenho arquitetônico. Desenho Universal e acessibilidade. Introdução aos programas computacionais de representação gráfica 2D.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>FERREIRA, Patricia. Desenho de arquitetura. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2008.</p> <p>MONTENEGRO, Gildo A. Desenho arquitetônico. São Paulo: Blücher, 2001.</p> <p>YEE, Rendow. Desenho arquitetônico: um compêndio visual de tipos e métodos. Rio de Janeiro: LTC, 2009.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>DOCZI, György. O poder dos limites: harmonias e proporções da natureza, arte e arquitetura. São Paulo: Mercuryo, 1990.</p> <p>REID, Grant W. Landscape Graphics, Plan, Section, and Perspective Drawing of Landscape Spaces. Revised Edition. New York: Watson-Guptill, 2002.</p> <p>YANES, Magali Delgado; DOMINGUEZ, Ernest Redondo. Desenho livre para arquitectos. Barcelona, Espanha: Editorial Estampa, 2004.</p> <p>NEUFERT, Ernst e Peter. Arte de projetar em arquitetura. Ed. Gustavo Gili, 2012. Barcelona: Promopress, 2008.</p> <p>SAMARA, Timothy. Grid: construção e desconstrução. São Paulo: Cosac Naify, 2007.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: INFRAESTRUTURA DAS CIDADES</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 2º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A infraestrutura urbana e seus sistemas. Conceito, histórico e classificações. Sistema viário e modais de transporte. Saneamento básico (abastecimento de água, limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, esgotamento sanitário e drenagem de águas pluviais). Inovações no sistema energético e de comunicações. Relações com o meio ambiente: infraestrutura e sustentabilidade. Interações entre projeto urbanístico e infraestrutura urbana: relações com tipos de solo e com relevo, relações entre densidade populacional e infraestrutura, composição de custos no espaço urbano. Inovações em infraestrutura urbana.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>DEL RIO, Vicente. Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento. São Paulo: PINI, 1990.</p> <p>LEITE, Carlos; AWAD, Juliana Di Cesare Marques. Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p> <p>MASCARÓ, Juan. e Yoshinaga, Mario. Infraestrutura Urbana. [S.l.]: Masquatro, 2005.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CARVALHO FILHO, José dos Santos. Comentários ao Estatuto da Cidade. 5ª. São Paulo Atlas 2013 recurso online</p> <p>CARVALHO, Vilson Sérgio de. Educação ambiental urbana. Rio de Janeiro, RJ: Walk Editora, 2008.</p> <p>MASCARÓ, Juan Luis. O custo das decisões arquitetônicas. 5. ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2010.</p> <p>MASCARÓ, Juan Luis (Coord.). Sustentabilidade em urbanizações de pequeno porte. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2010.</p> <p>VAN LENGEN, Johan. Manual do arquiteto descalço. Bom Jardim: Tiba, 1997.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: RELAÇÃO: PRINCÍPIOS E VALORES</b>	
<b>SEMESTRE: 2º</b>	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 80 horas</b>
<b>EMENTA</b>	
<p>Programa Propósito de Vida (Inspirações). Projeto de vida. Relacionamento do eu, outro, planeta e transcendente. História de vida. Fundamentos da ética. Felicidade. Espiritualidade Existencial. Consciência da Educação Superior. Competências acadêmicas. Habilidades educacionais.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BOFF, L. Ética e moral. A busca dos fundamentos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.</p> <p>FREIRE, P. Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.</p> <p>ROHR, F. Educação e espiritualidade. Contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BOFF, L. Espiritualidade: um caminho de transformação. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2001 recurso online.</p> <p>BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J.A.; GUIMARÃES, S.E.R. Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, recurso online.</p> <p>DWIGHT, F. Ética. Porto Alegre: Artmed, 2017 recurso online.</p> <p>GARCIA, O. M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2018 recurso online.</p> <p>PEGORAGO, O. Ética dos maiores mestres através da história. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 recurso online.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TEORIA E HISTÓRIA   O COTIDIANO, O SAGRADO E A CIDADE</b>	
<b>SEMESTRE: 2º</b>	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 80 horas</b>
<b>EMENTA</b>	
<p>História da arquitetura, da arte e do urbanismo desde os primórdios da civilização até o final da Idade Média. Análise do contexto e condicionantes culturais, físico-ambientais, sociais, econômicos e políticos. Paralelo com a arte, a arquitetura e o urbanismo da América Latina. Análise morfológica da forma e Gestalt.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2009.</p> <p>JANSON, H. W. História geral da arte. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.</p> <p>UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3. Porto Alegre Bookman 2015 1 recurso online ISBN 9788565837811.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CORBUSIER, Le. A viagem do oriente. Trad. P. Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.</p> <p>FLORIÊNSKI, Pável. A perspectiva inversa . São Paulo, SP: Editora 34, 2012.</p> <p>GOMBRICH, Ernest Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008.</p> <p>RYKWERT, Joseph. A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006.</p> <p>ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 6. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE URBANISMO   ESCALA LOCAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 3º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Teorias do desenho urbano. Percepção das escalas urbanas. Metodologias de análise do espaço urbano. Métodos e técnicas de pesquisa para o levantamento, o registro e a análise da área de projeto. Projetos de pequenas intervenções urbanas. Representação de projeto urbano.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 2010.</p> <p>GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013. xv, 262 p.</p> <p>MASCARÓ, Juan Luis. Loteamentos urbanos. 2a ed. Porto Alegre: Masquatro, 2005.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.</p> <p>CHOAY, Françoise. O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. 6a ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>HALL, Peter. Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007.</p> <p>LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1985.</p> <p>PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto Ed., 1985.</p> <p>ROGERS, Richard George; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona: Gustavo Gili, c2001.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO UNIFAMILIAR SUSTENTÁVEL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 3º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Projeto de habitação unifamiliar a partir do estudo de tecnologias limpas e energias renováveis. Estudo de tipologias, materiais e tecnologias construtivas tradicionais da arquitetura residencial: contextos local, regional e internacional.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CORBELLA, Oscar. Em busca de uma arquitetura sustentável para os trópicos: conforto ambiental. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2009.</p> <p>MASCARÓ, Juan Luis. O custo das decisões arquitetônicas. 5 ed. Porto Alegre, RS: Masquatro, 2005.</p> <p>LEITE, Carlos; AWAD, Juliana Di Cesare Marques. Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano . Porto Alegre, RS: Bookman, 2012.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BEINHAUER, Peter. Atlas de detalhes construtivos: construção nova: com mais de 400 pormenores. 2. ed., rev. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, c2012. LACAZE, Jean Paul. A cidade e o urbanismo. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.</p> <p>BROWN, G. Z; DEKAY, Mark. Sun, wind &amp; light: architectural design strategies. 2nd ed. New York: John Wiley &amp; Sons, c2001.</p> <p>CUNHA, Eduardo Grala da (Coord.). Elementos de arquitetura de climatização natural: método projetual buscando a ciência energética nas edições. 2. ed. Porto Alegre, RS: Masquatro, 2006.</p> <p>FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. Desenho ambiental: uma introdução à arquitetura da paisagem com o paradigma ecológico . 2. ed. São Paulo, SP: ANNABLUME, 2008. 224 p.</p> <p>KEELER, Marian; BURKE, Bill; SALVATERRA, Alexandre. Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: COMPUTAÇÃO GRÁFICA - MODELAGEM 3D</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 3º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Introdução às técnicas de modelagem tridimensional física e assistidas por computador. O modelo reduzido como instrumento de investigação, concepção, desenvolvimento e representação do objeto arquitetônico. A relação entre a solução estrutural e a forma na representação tridimensional da arquitetura. Modelagem por superfície, sólidos e objetos paramétricos. Utilização de sistemas de modelagem BIM (Building Information Modeling) como ferramentas de desenvolvimento, documentação e representação gráfica do objeto arquitetônico. Uso da representação tridimensional como opção de representação do imaginário e solução construtiva. Solução arquitetônica aplicada ao Desenho universal.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BERASATEGUI, Marina. Rendering para arquitectos: aulas de dibujos profesional. Barcelona: Parramón Ediciones, 2009.</p> <p>BIRN, Jeremy. [Digital] lighting &amp; rendering. 2ª Ed. Berkeley: New Riders, 2006.</p> <p>OLIVEIRA, Adriano de. Desenho computadorizado técnicas para projetos arquitetônicos. São Paulo Erica 2014 1 recurso online ISBN 9788536519685</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>COMPUTER ARCHITECTURE NEWS. New York, NY: ACM Special Interest Committee on Computer Architecture, 1972. ISSN 0163-5964 Disponível em: . Acesso em: 13 fev. 2015.</p> <p>FRENCH, Thomas Ewing; VIERCK, Charles J. Desenho técnico e tecnologia gráfica. 8. ed. São Paulo: Globo, 2005.</p> <p>GASPAR, João. VectorWorks 2008: passo a passo. São Paulo: VectorPro, 2008.</p> <p>KUHLO, Markus; EGGERT, Enrico. Architectural rendering with 3ds Max and V-Ray: photorealistic visualization. Oxford: Focal press, 2010.</p> <p>READ, Phil; KRYGIEL, Eddy; VANDEZANDE, James. Autodesk revit architecture 2012: guia de treinamento oficial. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p> <p>CONSALEZ, Lorenzo; MAISSA, Daniela. Maquetes: a representação do espaço no projeto arquitetônico. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.</p> <p>GASPAR, João. Google SketchUp Pro 8: passo a passo. São Paulo, SP: VectorPro, 2011.</p> <p>MILLS, Criss. Designing with models: a studio guide to making and using architectural design models. 3. ed. Hoboken: John Wiley &amp; Sons, 2011.</p> <p>HERZOG, Thomas. Timber construction manual. Basel: Birkhäuser, 947 2008.</p> <p>KNOLL, Wolfgang; HECHINGER, Martin. Maquetas de arquitectura: Técnicas e construcción. México: Gustavo Gili, 1998.</p> <p>NACCA, Regina Mazzocato. Maquetes e miniaturas. São Paulo: Giz editorial, 2009.</p> <p>PAINE, Sheperd. How to build dioramas. 2nd ed Waukesha, WI: Kalmbach Books, 1999.</p> <p>ROCHA, Paulo Mendes da. Maquetes de papel. São Paulo: Cosac Naify, 2007.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: CONFORTO AMBIENTAL TÉRMICO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 3º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Estudo das técnicas e tecnologias referentes ao estabelecimento do conforto térmico frente aos fatores climáticos determinantes entre outras condicionantes apresentadas. Noções dos sistemas de cálculos aplicados: insolação, ventilação natural, conservação da energia térmica. Análise da viabilidade construtiva das técnicas sustentáveis para o controle bioclimático.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BROWN, G. Z. Sol, vento e luz estratégias para o projeto de arquitetura. Porto Alegre, Bookman, 2004.</p> <p>CAMBIAGHI, Silvana. Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: SENAC, 2007.</p> <p>KEELER, Marian; BURKE, Bill; SALVATERRA, Alexandre. Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis. Porto Alegre: Bookman, 2010.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ABRANTES, Antônio Francisco. Atualidades em ergonomia: logística, movimentação de materiais, engenharia industrial, escritórios. São Paulo: IMAM, 2004.</p> <p>DUL, Jan; WEERDMEESTER, B. A. Ergonomia prática. São Paulo: Edgard Blücher, 2004.</p> <p>CUNHA, Eduardo Grala da (Coord.). Elementos de arquitetura de climatização natural: método projetual buscando a eficiência energética nas edificações. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2006.</p> <p>GRANDJEAN, Etienne. STEIN, João Pedro (Trad.). Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem. Porto Alegre: Bookman, 2006.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. Dimensionamento humano para espaços interiores: um livro de consulta e referência para projetos. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.</p> <p>PINHEIRO, Antônio Carlos da Fonseca Bragança. Conforto ambiental, iluminação, cores, ergonomia, paisagismo e critérios para projetos. São Paulo Erica 2014.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: SISTEMAS CONSTRUTIVOS E ESTRUTURAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 3º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Introdução à análise estrutural: força e momento, leis de Newton, condições de equilíbrio. Tipos de esforços, carregamentos, apoio, estruturas, transmissão de cargas. Análise qualitativa do comportamento dos diversos sistemas estruturais e sua interação com a arquitetura. Noções intuitivas do funcionamento estrutural, equilíbrio e vinculações. Estudo dos elementos: vigas, pilares e lajes. Representações e modelos estruturais. Noções de reações nos apoios, esforços cortantes, momento fletor, momento de inércia e flecha. Pilares: área de influência, esbeltez e flambagem.</p> <p>Sistemas construtivos e tecnologias aplicadas ao projeto de Arquitetura. Manutenção e preservação predial. Decisões sobre sistemas construtivos aplicados à viabilidade econômica e ambiental.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MARGARIDO, Aluizio Fontana. Fundamentos de estruturas: Um programa para arquitetos e engenheiros que se iniciam no estudo das estruturas. São Paulo: Zigate, 2009.</p> <p>AZEREDO, Hélio Alves de. O edifício até sua cobertura. 2. ed., rev. São Paulo, SP: Edgard Bl</p> <p>REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. Bases para projeto estrutural na Arquitetura. São Paulo: Zigate, 2007</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BAUD, Gérard. Manual de pequenas construções: alvenaria e concreto armado. São Paulo: Hemus, 2002.</p> <p>HIBBELER, R. C. Resistência dos Materiais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.</p> <p>KRIPKA, Moacir. Análise estrutural para engenharia civil e arquitetura: estruturas isostáticas. 2. ed. São Paulo: Pini, 2011.</p> <p>PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. Estruturas metálicas: cálculos, detalhes, exercícios e projetos. 2. ed. São Paulo: Editora Blücher, 2005.</p> <p>REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. Estruturas de aço, concreto e madeira: atendimento da expectativa dimensional. 5. ed. São Paulo: Zigate, 2005.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: MODELO REDUZIDO E PROTOTIPAGEM</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 4º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A computação gráfica e a representação dos objetos arquitetônicos e do ambiente construído. Teoria e prática das ferramentas e técnicas de construção de modelos físicos. Exploração e experimentação com materiais para confecção de modelos reduzidos e protótipos físicos. Elaboração de modelo reduzido utilizando técnicas computacionais e maquinário adequado (impressão 3D, corte laser, etc.). Otimização e entendimento da necessidade de confecção do modelo reduzido.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BERASATEGUI, Marina. Rendering para arquitectos: aulas de dibujos profesional. Barcelona: Parramón Ediciones, 2009.</p> <p>GASPAR, João. Google sketchUp Pro 8: passo a passo. São Paulo, SP: VectorPro, c2011.</p> <p>LIN, Mike W. Architectural render</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BIRN, Jeremy. [Digital] lighting &amp; rendering. 2. ed. Berkeley: New 635 Riders, c2006.</p> <p>FRENCH, Thomas Ewing; VIERCK, Charles J. Desenho técnico e tecnologia gráfica. 8. ed. São Paulo, SP: Globo, 2005.</p> <p>GASPAR, João. VectorWorks 2008: passo a passo. São Paulo, SP: VectorPro, c2008.</p> <p>KUHLO, Markus; EGGERT, Enrico. Architectural rendering with 3ds Max and V-Ray: photorealistic visualization. Oxford: Focal press, 2010.</p> <p>READ, Phil; KRYGIEL, Eddy; VANDEZANDE, James. Autodesk revit architecture 2012: guia de treinamento oficial. Porto Alegre: Bookman, 2012.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 4º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Introdução ao planejamento urbano e regional por meio da apresentação de referencial teórico e de experiências práticas em diferentes realidades urbanas. Estudo de instrumentos técnicos e urbanísticos para o planejamento nas escalas local, urbana e regional. Planos diretores, leis de uso e ocupação do solo e o Estatuto da Cidade. Leitura crítica de conceitos como direito à cidade, função social e desenvolvimento urbano. Exercícios de análise espacial intraurbana e de aplicação do instrumental sobre estudo de casos urbanos. Relações entre cidade e sociedade. Os aspectos sociais e ambientais do desenvolvimento urbano</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CAMPOS FILHO, Cândido Malta. Reinvente seu bairro: caminhos para você participar do planejamento de sua cidade. São Paulo: Editora 34, 2010.</p> <p>ROLNIK, Raquel. O que é cidade. 3.ed. São Paulo. Brasiliense, 199.</p> <p>SOUZA. Marcelo José Lopes de. Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARANTES, Otília B. F; VAINER, Carlos B; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.</p> <p>ASCHER, François. Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra, 2010.</p> <p>BRASIL. Congresso Nacional. Lei Federal nº10.257, Estatuto da Cidade. Congresso Nacional, Brasília, DF, Diário Oficial da União, seção1, Ed. nº 133 de 11/07, 2001a.</p> <p>BRASIL. Câmara dos Deputados, Estatuto da Cidade – Guia para Implementação pelos Municípios e Cidadãos. Brasília DF: Instituto Pólis e Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados, 2001b.</p> <p>CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. A era de informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.</p> <p>CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>FERRARI, Celson. Curso de planejamento municipal integrado. São Paulo: Livraria Pioneira, 1979.</p> <p>GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013. xv, 262 p.</p> <p>HAESBAERT, Rogério. O mito da desterritorialização. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.</p> <p>JACOBS, Jane. Vida e Morte de Grandes Cidades. Martins Fontes, 2011.</p> <p>LACAZE, Jean-Paul. Os métodos do urbanismo. Campinas: Papyrus, 1993.</p>	

PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto Ed., 1985.

ROGERS, Richard George; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, c2001.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, M. L. de. ABC do Desenvolvimento Urbano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

<b>UNIDADE CURRICULAR: PROFISSÃO: COMPETÊNCIAS E HABILIDADES</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 4º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Programa Propósito de Vida (Proposições). Qualificação profissional. Ética profissional. Felicidade do bem viver e bem-estar. Espiritualidade profissional. Hard and Soft Skills. Criatividade. Inovação. Empreendedorismo. Liderança.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BARBIERI, J. C; CAJAZEIRA, J. E. R. Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável: da teoria à prática. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.</p> <p>BRUM TORRES, J. C. (org.) Manual de ética - questões de ética teórica e prática. Petrópolis: Vozes, 2014.</p> <p>DUTRA, Joel Souza; FLEURY, Maria Tereza Leme; RUAS, Roberto L. (Coord.). Competências: conceitos, métodos e experiências. São Paulo, SP: Atlas, 2008. 303 p.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>PERRENOUD, P. Desenvolver competências ou ensinar saberes?: a escola que prepara para a vida [recurso eletrônico]. 1. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.</p> <p>SÁ, A. L. Ética profissional [recurso eletrônico]. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.</p> <p>TUCHERMAN, Sonia Eva. Autoestima. São Paulo Blucher 2019 1 recurso online.</p> <p>BERGAMINI, Cecília Whitaker. Competência a chave do desempenho. São Paulo: Atlas, 2012. recurso online.</p> <p>CODA, Roberto. Competências comportamentais. Rio de Janeiro: Atlas. 2016. recurso online.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TEORIA E HISTÓRIA   ESPAÇO COMO REPRESENTAÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 4º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Teoria e história da arquitetura, do urbanismo e das artes visuais na tradição europeia a partir do Renascimento até o século XIX. Os tratados dos séculos XIV e XV. O Maneirismo e o surgimento do Barroco e o Rococó na Europa. Análise do pensamento iluminista, as motivações que impulsionaram a retomada da linguagem e das teorias clássicas como expressão dos novos valores e novas aberturas civis no caminho da modernidade. O movimento Romântico e a volta ao sentimentalismo e ao decorativismo. O Eclétismo. O nascimento dos parques urbanos. A revolução industrial e suas consequências arquitetônicas e urbanísticas.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BENEVOLO, Leonardo. História da cidade. São Paulo: Perspectiva, 2009.</p> <p>JANSON, H. W. História geral da arte. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.</p> <p>UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3. Porto Alegre Bookman 2015 1 recurso online ISBN 9788565837811.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CORBUSIER, Le. A viagem do oriente. Trad. P. Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2007.</p> <p>FLORIÊNSKI, Pável. A perspectiva inversa. São Paulo, SP: Editora 34, 2012.</p> <p>GOMBRICH, Ernest Hans. A história da arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008.</p> <p>RYKWERT, Joseph. A ideia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006.</p> <p>ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 6. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TOPOGRAFIA, CARTOGRAFIA E GEOPROCESSAMENTO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 4º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Topografia: definição, objetivos, divisões da topografia, campo topográfico, aparelhos e levantamentos topográficos. Métodos de levantamento planimétricos. Altimetria: levantamento altimétrico, levantamentos planialtimétrico, poligonais, topologia. Conceitos, cálculos e aplicação de curvas de nível. Taqueometria. Conceituação de cartografia sistemática e temática. Definição de mapas e cartas. Escalas e aplicações. Sistema de referência e projeções cartográficas. Interpretação de cartas topográficas. Cartografia digital. Cartografia para geoprocessamento. Fotogrametria aplicada. Fotointerpretação e seus elementos. Exercícios de análise aplicada ao espaço urbano utilizando as ferramentas de Geoprocessamento.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CASACA, João Martins; MATOS, João Luís de; DIAS, José Miguel Baio. Topografia geral. Rio de Janeiro: LTC, 2007.</p> <p>GONÇALVES, J. A.; MADEIRA, S.; SOUSA, J. J. Topografia: conceitos e aplicações. 3. ed.. Lisboa: Lidel, 2012.</p> <p>BORGES, A.C. Topografia. São Paulo: Ed. Edgard Blücher, 1992.</p> <p>ALMEIDA, C. M.; C MARA, G.; MONTEIRO, A. M. V.; Geoinformação em urbanismo: cidade realx cidade virtual. Oficina de Textos, 2007.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BORGES, A.C. Topografia aplicada a engenharia civil. São Paulo: Ed. Edgard Blücher Ltda, 1992.</p> <p>CARVALHO, M.S.; PINA, M.F.; SANTOS, S.M.(Org). Conceitos básicos de sistemas de informação geográfica e cartografia aplicados à saúde. Brasília: Ed. Opas, 2000.</p> <p>CONCEIÇÃO, C.L.; SOUZA, J.L.S. Noções Básicas de Coordenadas Geográficas e Cartografia. Porto Alegre: Ed. Metrópole Indústria Gráfica, 2000.</p> <p>COMASTRI, J.A.; TULER, J.C. Topografia – Altimetria. Editora UFV, 3. ed., Viçosa, 2005.</p> <p>BURROUGH, P.A.. Principles of Geographical Information Systems for Land Ressources Assessment. Oxford: Ed. Clarendon, 1986.</p> <p>DAVIS, Clodoveu; C MARA, Gilberto. Arquitetura de sistemas de informação geográfica. Introdução à ciência da geoinformação. São José dos Campos: INPE, 2001.</p> <p>OLIVEIRA, C. Curso de Cartografia Moderna. Brasília: Ed. IBGE. Manuais do IDRISI versão 3.2, 1993.MCCORMAC, Jack. Topografia. 5.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIE DE PAISAGISMO   PRAÇAS E JARDINS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 5º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Conceitos gerais de paisagismo. Representação gráfica para projeto da paisagem. Etapas e métodos do projeto de paisagismo na escala urbana de uma quadra. Desenvolvimento de pesquisa de espécies botânicas.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>HOLSTON James. A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.</p> <p>PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo: Projeto, 1985.</p> <p>ANZINI, Franco. Projetar a natureza: arquitetura da paisagem e dos jardins desde as origens até a época contemporânea. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, c2013.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CHOAY, Françoise. O Urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. 6a ed. São paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>CULLEN, Gordon. Paisagem urbana. Lisboa: Edições 70, 2010.</p> <p>HALL, Peter. Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbano no século XX. São Paulo: Perspectiva, 2007.</p> <p>JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011. LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1985.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE URBANISMO   INTERVENÇÕES URBANAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 5º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<p><b>EMENTA</b></p> <p>Conceitos e terminologias utilizadas para tipos de intervenções urbanas. Aprimoramento dos métodos e técnicas de diagnóstico do espaço urbano. Projeto urbano de intervenção em áreas consolidadas das cidades, considerando o contexto histórico, social e cultural da construção da paisagem urbana. Integração de tecidos urbanos e continuidade. Destinação de vazios urbanos. Compreensão dos aspectos legais envolvidos no projeto de urbanismo. Propostas para o desenho urbano, sistemas de circulação, mobilidade, usos e ocupação do solo e conjuntos edificados. Aprimoramento da representação de projeto urbano.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 2. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013. xv, 262 p.</p> <p>SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.</p> <p>VARGAS, Heliane C. &amp; CAASTILHO, Ana Luiza H. Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados. São Paulo: Manole, 2005.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ASCHER, François. Os novos princípios do urbanismo. São Paulo: Romano Guerra, 2010.</p> <p>CHOAY, Françoise. O Urbanismo: utopias e realidade. São Paulo: Perspectiva, 1992.</p> <p>JACOBS, Jane. Vida e morte de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2011.</p> <p>LACAZE, Jean Paul. A cidade e o urbanismo. Lisboa: Instituto Piaget, c1995.</p> <p>MASCARÓ, Juan Luis. Loteamentos urbanos. 2a ed. Porto Alegre: Masquatro, 2005.</p> <p>PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão. São Paulo, Projeto Ed., 1985.</p> <p>ROGERS, Richard George; GUMUCHDJIAN, Philip. Cidades para um pequeno planeta. Barcelona: Gustavo Gili, c2001.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIE DE ARQUITETURA   HABITAÇÃO COLETIVA DE INTERESSE SOCIAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 5º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Espaços da habitação. O contexto urbano, social, histórico e cultural da moradia. Habitação social no Brasil. A questão fundiária habitacional no DF. Implantação do edifício no lote e na paisagem. Condicionantes topográficas e orientação do edifício. Identidade Cultural. Viabilidade construtiva. Desenvolvimento de projeto arquitetônico nas fases de Estudo Preliminar e Anteprojeto.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BEINHAUER, Peter. Atlas de detalhes construtivos: construção nova: com mais de 400 pormenores. 2. ed., rev. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, c2012.</p> <p>COUTINHO, Evaldo. O espaço da Arquitetura. São Paulo: Perspectiva, 1977.</p> <p>MCLEOD, Virginia. Detalhes construtivos da arquitetura residencial contemporânea com vidro. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARANTES, Otília. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1993.</p> <p>CAMA, Rosalyn. Evidence-based healthcare design. Hoboken, N.J.: 2160 John Wiley &amp; Sons, c2009.</p> <p>KEELER, Marian; BURKE, Bill; SALVATERRA, Alexandre. Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis. Porto Alegre, RS: Bookman, 2010.</p> <p>LEITE, Carlos; AWAD, Juliana Di Cesare Marques. Cidades sustentáveis, cidades inteligentes: desenvolvimento sustentável num planeta urbano. Porto Alegre, RS: Bookman, 2012.</p> <p>PEVSNER, Nikolaus. Panorama da arquitetura ocidental. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   CONCRETO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 5º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<p><b>EMENTA</b></p> <p>O uso do concreto armado na arquitetura e sua evolução histórica. Pré-dimensionamento de elementos estruturais em concreto armado: lajes, vigas, pilares e fundações. Traços de concreto. Pré-fabricação e protensão. Análise e desenvolvimento de projetos estruturais em concreto armado. Normas específicas e recomendações técnicas. Patologias das estruturas em concreto armado. Levantamento de cargas e noções de pré-dimensionamento de elementos estruturais em concreto armado: lajes, vigas e pilares. Noções de contenção e fundações.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>ALMEIDA, Maria Cascão Ferreira de. Estruturas isostáticas. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.</p> <p>GILBERT, Anne M. Fundamentos da análise estrutural. 3. Porto Alegre: ArtMed, 2010.</p> <p>BOTELHO, Manoel Henrique Campos. Concreto armado eu te amo: para arquitetos. 2ª ed., revisada e ampliada. São Paulo: Edgard Blucher, 2011.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ADÃO, Francisco Xavier; HEMERLY, Adriano Chequetto. Concreto Armado: Novo Milênio - Cálculo Prático e Econômico. Rio de Janeiro: Editora Interciência, 2010.</p> <p>BAUD, Gérard. Manual de pequenas construções: alvenaria e concreto armado. São Paulo: Hemus, 2002.</p> <p>CARVALHO, Roberto Chust; PINHEIRO, Libânio Miranda. Cálculo e detalhamento de estruturas usuais de concreto armado. São Paulo: Pini, 2009.</p> <p>ENGEL, Heino. Sistemas de estructuras: Sistemas estruturais. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.</p> <p>SALVADORI, Mario George. Por que os edifícios ficam de pé: a força da arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: INSTALAÇÕES ELÉTRICAS PREDIAIS E AUTOMAÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 5º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<p><b>EMENTA</b></p> <p>Circuitos de corrente alternada monofásica, bifásica e trifásica. Luminotécnica. Fornecimento de energia elétrica. Instalações elétricas prediais. Materiais elétricos empregados. Ligação dos interruptores e de lâmpadas fluorescentes. Ligação esquemática em painel de medição. Projeto de instalações industriais, prediais e residenciais. Proteção: tomadas, interruptores e lâmpadas. Recursos energéticos primários para a produção de energia elétrica. Fontes alternativas de energia. Condutores, eletrodutores e disjuntores de baixa tensão. Proteção contra choques elétricos e contra descargas atmosféricas. Instalações telefônicas. Automação de Sistemas Elétricos.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>ABNT. Instalações Elétricas de Baixa Tensão. ABNT NBR 5410.</p> <p>CREDER, Hélio. Instalações Elétricas. 15ª edição. LTC, 2007.</p> <p>NISKIER, J. &amp; MACINTYRE, A.J. Instalações Elétricas. 5ª edição. LTD, 2008.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ALEXANDER, C. K. &amp; SADIKU, M. N.O. Fundamentos de Circuitos Elétricos. McGraw-Hill, 2008.</p> <p>CARVALHO JR, R. Instalações Elétricas e o Projeto de Arquitetura. 3ª edição. Edgard Blucher, 2011.</p> <p>COTRIM, A. A. M. B. Instalações Elétricas. 5ª edição. Prentice Hall, 2009.</p> <p>DORF, R.C. &amp; SVOBODA, J.A. Introdução aos Circuitos Elétricos. 7ª edição. LTC, 2008.</p> <p>IRWIN, D. &amp; NELMS, M. Análise Básica de Circuitos para Engenharia. 9ª edição. LTC, 2010.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE ARQUITETURA   GRANDES VÃOS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 6º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Funções de média complexidade que envolvem problemas arquitetônicos específicos. Projeto de edificações de tipologia efêmera e transitória. Equipamentos públicos, mobiliário e grandes espaços. Estudo da forma e estrutura. Detalhamento. Enfoque estrutural para projetos de grandes vãos. Análise de sítio, leitura da cidade e inserção na paisagem.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>LUPTON, Ellen; Miller, J. About. ABC da Bauhaus: a Bauhaus e a teoria do design.</p> <p>ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2009.</p> <p>HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. [S.l.]: Martins Editora, 2002.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ALEX, Sun. Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: SENAC, 2008.</p> <p>CAMBIAGHI, Silvana. Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: SENAC, 2007.</p> <p>NEUFERT, Peter (Coord). Neufert: arte de projetar em arquitetura. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.</p> <p>PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília, Ideologia e Realidade. Espaço Urbano em Questão. São Paulo: Projeto, 1985.</p> <p>RUBINO, Silvana. Lina por escrito: textos escolhidos de Lina Bo Bardi 1943-1991. São Paulo: Cosac Naify, 2009.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: CONFORTO ACÚSTICO, LUMINOTÉCNICA, ACESSIBILIDADE E DESENHO UNIVERSAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 6º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Apresentação dos princípios do conforto luminoso alcançados por meio do estudo da luz natural, artificial e utilização dos seus elementos e sistemas. Técnicas de projeto e planejamento de ambientes com performance acústica conhecendo as propriedades de reflexão e absorção dos materiais naturais e artificiais. Capacitação para o reconhecimento e promoção da acessibilidade por meio de suas normas, parâmetros e pelos atributos do desenho universal.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>DUL, Jan; WEERDMEESTER, Bernard. A. Ergonomia prática. São Paulo: Edgard Blücher, 2012.</p> <p>BRANDÃO, Eric. Acústica de Salas: Projeto e Modelagem. São Paulo, Editora Blucher, 2018.</p> <p>TREZENZA, Peter Tregenza, LOE David, Projeto de Iluminação. São Paulo, Bookman, 2015.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ABNT_ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS: Avaliação do Ruído em Áreas Habitadas Visando o Conforto da Comunidade. ABNT. Rio de Janeiro. 2020.</p> <p>ABRANTES, Antônio Francisco. Atualidades em ergonomia: logística, movimentação de materiais, engenharia industrial, escritórios. São Paulo: IMAM, 2008.</p> <p>BISFATA, Sylvio R. Acústica aplicada ao controle de ruído. São Paulo, Editora Blucher, 2018.</p> <p>CAMBIAGHI, Silvana. Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. São Paulo: SENAC, 2019.</p> <p>PINHEIRO, Antônio Carlos da Fonseca Bragança. Conforto ambiental iluminação, cores, ergonomia, paisagismo e critérios para projetos. São Paulo Erica 2014 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR-10151.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: EXTENSÃO - COOPERAÇÃO: HUMANISMO SOLIDÁRIO, REDES E COMUNIDADES</b>	
<b>SEMESTRE: 6º</b>	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL: 120 horas</b>
<b>EMENTA</b>	
<p>Programa Propósito de Vida (Atuação comunitária). Ética comunitária. Felicidade comunitária. Aprendizagem participativa. Inserção, responsabilidade e compromisso social. Ecologia Integral. Exercício da cidadania. Atuação profissional comunitária.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.</p> <p>HOYOS GUEVARA, A. J. et al. Educação para a era da sustentabilidade: Abrindo caminhos, promovendo valores, por um mundo melhor. São Paulo: Saint Paul, 2011.</p> <p>SUNG, J. M.; SILVA, J. C. Conversando sobre ética e sociedade. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>JONAS, H. O Princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.</p> <p>LEITE, M. B. A questão da dimensão ética em ser e tempo [recurso eletrônico]. 2. São Paulo: Blücher, 2017.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ESTRUTURAS APLICADAS À ARQUITETURA   AÇO E MADEIRA</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 6º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Histórico do uso do ferro, do aço e da madeira na arquitetura. Propriedades estruturais do ferro, do aço e da madeira. Perfis estruturais. Normas e recomendações técnicas. Pré-dimensionamento de pilares e vigas. Análises de projetos arquitetônicos em aço e em madeira. Noções de viabilidade econômica e manutenção das estruturas de aço e madeira.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MARGARIDO, Aluizio Fontana. Fundamentos de estruturas: Um programa para arquitetos e engenheiros que se iniciam no estudo das estruturas. São Paulo: Zigate, 2009. PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. Estruturas metálicas: cálculos, detalhes, exercícios e projetos. 2. ed. São Paulo: Editora Blücher, 2005.</p> <p>REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. Bases para projeto estrutural na Arquitetura. São Paulo: Zigate, 2007</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>HIBBELER, R. C. Resistência dos Materiais. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.</p> <p>KRIPKA, Moacir. Análise estrutural para engenharia civil e arquitetura: estruturas isostáticas. 2. ed. São Paulo: Pini, 2011.</p> <p>PINHEIRO, Antonio Carlos da Fonseca Bragança. Estruturas metálicas: cálculos, detalhes, exercícios e projetos. 2. ed. São Paulo: Editora Blücher, 2005.</p> <p>REBELLO, Yopanan Conrado Pereira. Estruturas de aço, concreto e madeira: atendimento da expectativa dimensional. 5. ed. São Paulo: Zigate, 2005.</p> <p>ZANETTINI, Siegbert. A obra em aço de Zanettini. São Paulo: J.J.Carol, 2007.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS PREDIAIS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 6º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Instalações prediais de água fria. Instalações prediais de água quente. Instalações prediais de esgoto sanitários. Instalações prediais de esgoto pluvial. Normas aplicadas às instalações. Materiais de construção das instalações. Incêndio predial.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BOTELHO, M. H. C.; RIBEIRO JR. Geraldo de Andrade: Instalações hidráulicas prediais: usando tubos de PVC e PPR. 3. ed. São Paulo: Blücher, 2010. 350 p.</p> <p>CREDER, H. Instalações hidráulicas e sanitárias. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico Editora, 6ª Ed. 2006.</p> <p>MACINTYRE, A. J. Manual de Instalações Hidráulicas e Sanitárias. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.p. 324.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ABNT. Instalações prediais de água fria e água quente. NBR 5626/2020.</p> <p>ABNT. Sistemas prediais de águas pluviais. NBR 10844/89.</p> <p>ABNT. Sistemas prediais de esgoto sanitário. NBR 8160/99.</p> <p>CARVALHO JUNIOR. R. Instalações hidráulicas e o projeto de arquitetura. 4. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Blucher, 2011. 292 p. ISBN 9788521205838.</p> <p>MACINTYRE, A. J. Instalações Hidráulicas: prediais e industriais . 4. ed. Rio de Janeiro: GEN, 2010. xiv, 579 p.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE ARQUITETURA   EDIFICAÇÃO EM ALTURA</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 7º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Arquitetura multifuncional. Sistemas estruturais para edificações em altura. Instalações prediais. Pavimento tipo. Compatibilização de projetos. Diretrizes sustentáveis. Alteração e inserção do edifício na paisagem urbana. Soluções e tratamentos das fachadas. Circulações verticais. Fluxos de veículos e pedestres. Legislação específica.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>AZEREDO, Hélio Alves. O Edifício até seu acabamento. São Paulo: Edgard Blucher, 1994.</p> <p>CHARLESON, Andrew. A estrutura aparente: um elemento de composição em arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2009.</p> <p>KEELER, Marian; BURKE, Bill; SALVATERRA, Alexandre. Fundamentos de projeto de edificações sustentáveis. Porto Alegre: Bookman, 2010.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>AZEREDO, Hélio Alves de. O edifício até sua cobertura. 2a ed. São Paulo: Edgard Blücher, c 1997.</p> <p>BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. 4a ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.</p> <p>COHEN, Jean-Louis. Le Corbusier, 1887-1965: lirismo da arquitetura da era da máquina. Colônia: Taschen, 2007.</p> <p>CUNHA, Eduardo Grala da (Coord.). Elementos de arquitetura de climatização natural: método projetual buscando a ciência energética nas edificações. 2a ed. Porto Alegre: Masquatro, 2006.</p> <p>PINI Editora. Alternativas Tecnológicas para Edifícios: Vol 1. São Paulo: PINI, 2008.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: PROGRAMAÇÃO VISUAL E RENDERIZAÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 7º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Representação gráfica em projetos de arquitetura e sinalização. História do design impresso. Identidade, layout e legibilidade. Produção imagética: iconografia, fotografia e ilustração. Percepção e interpretação: forma, espaço, luz, cor, tipologia e movimento. Aplicação de softwares de renderização e finalização de imagens para apresentação de projetos. Estímulo a utilização da linguagem do próprio arquiteto na representação dos projetos. Representações gráficas em acordo com o desenho universal.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.</p> <p>MEGGS, Philip B. História do design gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.</p> <p>VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven. Aprendiendo de Las Vegas: el simbolismo olvidado de la forma arquitectónica. Tradução para o espanhol de Justo G. Beramendi. Barcelona: Gili, 1998.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>FRUTIGER, Adrian. Sinais &amp; símbolos: desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.</p> <p>FARINA, Modesto. Psicodinâmica das cores em comunicação. 6. ed. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2011.</p> <p>WILLIAMS, Robin. Design para quem não é design: noções básicas de planejamento visual. São Paulo: Callis, 1995.</p> <p>PEVSNER, Nikolaus. Origens da arquitetura moderna e do design. 012681 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.</p> <p>WONG, Wucius. Principles of two-dimensional design. New York, US: John Wiley &amp; Sons, c1972.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: EXTENSÃO - PROJETO DE ATENDIMENTO COMUNITÁRIO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 7º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 120 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Disciplina extensionista. Exercício da prática de projeto arquitetônico, urbanístico ou paisagístico em atendimento à comunidade, sob orientação docente. Aplicação das novas tecnologias construtivas para a habitação de interesse social. Desenvolvimento de estratégias para o diálogo com o cliente. Elaboração de diagnósticos, programas de necessidades e projetos conforme demandas das atividades de extensão, do escritório modelo e da organização comunitária.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.</p> <p>BOTELHO, Manoel Henrique Campos. Manual de primeiros socorros do engenheiro e do arquiteto. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2009.</p> <p>VAN LENGEN, Johan. Manual do arquiteto descalço. Bom Jardim: Tiba, 1997.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>AZEREDO, Hélio A. O Edifício até sua cobertura. São Paulo: Edgard Blucher, 1994.</p> <p>BAUD, Gérard. Manual de pequenas construções: alvenaria e concreto armado. São Paulo: Hemus, 2002.</p> <p>BAUER, L. A. Falcão (Coord.). Materiais de construção. 5. ed., rev. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 2v. (v.1).</p> <p>BORGES, Alberto de Campos. Prática das pequenas construções. 9. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2009.</p> <p>GOTTDIENER, Mark. A produção social do espaço urbano. São Paulo, SP: EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, 1997.</p> <p>LITTLEFIELD, David. Manual do arquiteto: planejamento, dimensionamento e projeto. 3. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.</p> <p>MATTOS, Aldo Dórea. Como preparar orçamentos de obras: dicas para orçamentistas, estudos de caso, exemplos. São Paulo, SP: Pini, 2006. 281 p.</p> <p>NIEMEYER, Oscar. A forma na arquitetura. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.</p> <p>WEIMER, Gunter. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes 2005.</p> <p>VILLAÇA, Flávio. Reflexões sobre as cidades brasileiras. São Paulo, SP: Nobel, 2012.</p> <p>YAZIGI, Walid. A Técnica de Edificar. São Paulo: Pini/Sinduscon, 2002.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TEORIA E HISTÓRIA   FORMAÇÃO DAS CIDADES BRASILEIRAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 7º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<p><b>EMENTA</b></p> <p>Teoria e história da arquitetura e do urbanismo no Brasil desde a ocupação portuguesa até o início do século XX. História da arquitetura e do urbanismo na América Latina incluindo as civilizações maia, inca e asteca. O edifício, a cidade e a paisagem no contexto da América Latina e Brasil e as influências das escolas de pensamento europeias. Conceitos e teorias advindas da ocupação mourisca da península Ibérica. Aspectos sócio culturais, tecnológicos e construtivos da arquitetura brasileira. Adaptações dos modelos europeus às condições físico-climáticas locais.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>FRADE, Gabriel. Arquitetura sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2007.</p> <p>FRIDMAN, Fania; ABREU, Maurício de Almeida (Coord.). Cidades latino-americanas: um debate sobre a formação de núcleos urbanos. Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ: Casa da Palavra, c2010.</p> <p>MENDES, Francisco Roberval; VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. Arquitetura no Brasil: de Dom João VI a Deodoro. Rio de Janeiro, RJ: Imperial Novo Milênio, 2011.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>DEBRET, Jean Baptiste. Viagem Pitoresca ao Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.</p> <p>GOMES, Geraldo. Engenho e arquitetura. Recife: FUNDAJ, 2006.</p> <p>HIRANO, Sedi. Formação do Brasil colonial: pré-capitalismo e capitalismo. 2. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.</p> <p>REIS FILHO, Nestor Goulart. Victor Dubugras: precursor da arquitetura moderna na América Latina = anticipateur de l'architecture moderne en Amérique Latine . São Paulo, SP: EDUSP, 2005.</p> <p>SEVCENKO, Nicolau (Org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE PAISAGISMO   PARQUES</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 8º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
Planejamento de espaços públicos abertos. Desenvolvimento de composições paisagísticas. Estudos ambientais. Ecossistemas e biomas brasileiros	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. Plantas ornamentais no Brasil: arbustivas, herbáceas e trepadeiras. [S.l.]: Plantarum, 2008.	
MACHADO, Samir Machado de. O professor de botânica. [S.l.]: Não Editora, 2008.	
WATERMAN, Tim. Fundamentos de paisagismo. [Porto Alegre]: Bookman, 2010.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
ARQUITETURA paisagística contemporânea no Brasil. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, c2010.	
LEENHARDT, J. (org.) Nos jardins de Burle Marx. São Paulo: Perspectiva, 1996.	
LORENZI, Harri. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 5. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum de Estudos da Flora Ltda, 2008.	
NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Paisagismo no planejamento arquitetônico. 2. ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2011.	
SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 199.	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE ARQUITETURA   FUNÇÕES COMPLEXAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 8º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Programas de arquitetura de alta complexidade. Sistemas estruturais complexos e modulares. Legislação específica. Compatibilização de projetos. Alteração e inserção do edifício na paisagem urbana. Soluções e tratamentos das fachadas. Sistemas de segurança. Fluxos de veículos e pedestres. Noções sobre o estudo de impacto de vizinhança. Diretrizes de sustentabilidade.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MCLEOD, Virginia. Detalhes construtivos da arquitetura residencial contemporânea com vidro. Porto Alegre, RS: Bookman, 2011.</p> <p>BEINHAUER, Peter. Atlas de detalhes construtivos: construção nova com mais de 400 pormenores. 2. ed., rev. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2012.</p> <p>COUTINHO, Evaldo. O espaço da Arquitetura. São Paulo : Perspectiva, 1977.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARANTES, Otília. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo : Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1993.</p> <p>CAMA, Rosalyn. Evidence-based healthcare design. Hoboken, N.J.: 2160 John Wiley &amp; Sons, 2009.</p> <p>DAGOSTINO, Frank R. Desenho arquitetônico contemporâneo. São Paulo, SP: Hemus, [20-?].</p> <p>MONTANER, Josep Maria. Después s del movimiento moderno: arquitectura de la segunda mitad del Siglo XX. Barcelona : Gustavo Gili, 1993.</p> <p>PEVSNER, Nikolaus. Panorama da arquitetura ocidental. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ESTÁGIO SUPERVISIONADO, ATRIBUIÇÃO E LEGISLAÇÃO PROFISSIONAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 8º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A função social do arquiteto e urbanista. Atribuições Profissionais do Arquiteto e Urbanista no Sistema CAU/BR. Legislações que regem a profissão: NBRs. Fundamentos sobre a prática profissional em arquitetura, urbanismo e paisagismo: processos, etapas e áreas de atuação. Inserção do aluno no mercado de trabalho mediante acompanhamento docente. Desenvolvimento de plano de trabalho. Seminários de apresentação dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos no estágio em escritório, com foco nos processos de elaboração de projetos.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BORGES, Alberto de Campos. Prática das pequenas construções. 9. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2009.</p> <p>BOTELHO, Manoel Henrique Campos. Manual de primeiros socorros do engenheiro e do arquiteto. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2009.</p> <p>YAZIGI, Walid. A Técnica de Edificar. São Paulo: Pini/Sinduscon, 2002.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>AZEREDO, Hélio A. O Edifício até sua cobertura. São Paulo: Edgard Blucher, 1994.</p> <p>BAUD, Gérard. Manual de pequenas construções: alvenaria e concreto armado. São Paulo: Hemus, c2002.</p> <p>BAUER, L. A. Falcão (Coord.). Materiais de construção. 5. ed., rev. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 2v. (v.1)</p> <p>CORONA MARTÍNEZ, Alfonso. Ensaio sobre o projeto. Brasília: Ed. UnB, 2000.</p> <p>COSTA, Maria Elisa. Com a palavra, Lucio Costa. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.</p> <p>MATTOS, Aldo Dórea. Como preparar orçamentos de obras: dicas para orçamentistas, estudos de caso, exemplos. São Paulo, SP: Pini, 2006. 281 p.</p> <p>NEUFERT, Peter (Coord). Neufert: arte de projetar em arquitetura. Barcelona: Gustavo Gili, 200.</p> <p>NIEMEYER, Oscar. A forma na arquitetura. 4. ed. Rio de Janeiro: Revan, 2005.</p> <p>REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2010.</p> <p>UNWIN, Simon. A análise da arquitetura. 3. Porto Alegre Bookman 2015 1 recurso online ISBN 9788565837811.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TÉCNICAS RETROSPECTIVAS E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 8º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Teorias do restauro. Conceitos de patrimônio ambiental, social e cultural. Patrimônio de natureza material e de natureza imaterial. Paisagem cultural. Cartas patrimoniais e legislação. O patrimônio no Brasil. Conceitos de preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de bens culturais.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio. 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: 2006.</p> <p>CHUVA, Márcia Romeiro; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (Coord.). Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X Editora: FAPERJ, 2012.</p> <p>KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: problemas teórico de restauro . São Paulo, SP: Ateliê Editorial, 2009.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARGAN, Giulio Carlo. História da arte como história da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.</p> <p>KOK, Gloria. Memórias Do Brasil - Uma Viagem Pelo Patrimônio histórico, artístico, cultural e ambiental. Ed. Terceiro Nome, 2011.</p> <p>PUPPI, Marcelo. Por uma história não moderna da arquitetura brasileira: questões de historiografia . Campinas, SP: Pontes, 1998.</p> <p>REIS FILHO, Nestor Goulart. Quadro da arquitetura no Brasil. 11. 013176 ed São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.</p> <p>VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de (Coord.). Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados. 2. ed., rev. e atua. Barueri, SP: Manole, 2009.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TEORIA E HISTÓRIA   VANGUARDAS ARTÍSTICAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 8º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<p><b>EMENTA</b></p> <p>Teoria e história da arquitetura e do urbanismo desde a Revolução Industrial até a atualidade. O Movimento Moderno e sua consolidação internacional no pós-guerra. Arquitetura moderna de segunda e terceira gerações. Vanguardas artísticas europeias e seu contexto histórico. A crise da modernidade, dos CIAMs e o Team X. Análise social, política e estética da arquitetura modernista no Brasil e sua adaptação à tradição e às condicionantes locais. A morte do modernismo e o surgimento da Arquitetura Pós-moderna. Análise da produção arquitetônica contemporânea, as novas tecnologias e suas implicações nos modos do homem se relacionar com a cidade e com o espaço construído. A crítica à arquitetura contemporânea.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b></p> <p>CURTIS, William J. R. Arquitetura moderna desde 1900. Bookman, 2008.</p> <p>FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2008.</p> <p>ARGAN, Giulio Carlo; BOTTMANN, Denise (Trad.). Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.</p>	
<p><b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b></p> <p>ADDIS, William. Edificação: 3000 anos de projeto, engenharia e construção. Porto Alegre, RS: Bookman, 2009.</p> <p>BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.</p> <p>CORBUSIER, Le. Urbanismo. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.</p> <p>GIEDION, S. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2004.</p> <p>MONTANER, Josep Maria. Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona, Espanha: Gustavo Gili, 2013.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE URBANISMO   GRANDES ÁREAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 9º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Projeto urbano orientado a áreas de grande complexidade. Estudo dos espaços urbanos considerando as dimensões físicas, morfológicas, sociais e ambientais do espaço das cidades. Diagnóstico e prognóstico. Estratégias para estudos em grandes áreas. Desenvolvimento de diretrizes. Técnicas de mapeamentos e análises urbanas (informações georreferenciadas). Definição do traçado das vias, uso do lote, tipologias edilícias e equipamentos de uso coletivo. Exercício propositivo de desenho urbano. Detalhamento.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MASCARÓ, Juan Luis. Loteamentos urbanos. 2. ed. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2005.</p> <p>MASCARO, Juan Luis. Desenho urbano e custos de urbanização. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Ed., 1987.</p> <p>SANTOS, Carlos Nelson F. dos. A Cidade como jogo de cartas. Niterói: EDUFF, 1988.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ALMEIDA, Cláudia Maria de; C MARA, Gilberto; MONTEIRO, Antonio Miguel Vieira. Geoinformação em urbanismo: cidade real x cidade virtual. Oficina de Textos, 2007. DAVIS, Clodoveu;</p> <p>C MARA, Gilberto. Arquitetura de sistemas de informação geográfica: Introdução à ciência da geoinformação. São José dos Campos: INPE, 2001.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 9º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Proposição e embasamento conceitual e teórico para a realização do projeto final de graduação, na escala urbana ou da edificação. Realização de pesquisas, diagnósticos, visitas técnicas, levantamentos cadastrais, programas de necessidades e condicionantes de projeto. Desenvolvimento do trabalho final de graduação, a nível de estudo preliminar.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BRUAND, Yves. Arquitetura contemporânea no Brasil. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.</p> <p>GHIRARDO, Diane Yvonne. Arquitetura contemporânea: uma história concisa. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2009.</p> <p>NESBITT, Kate (Coord.). Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995. 2. ed. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2010.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ARGAN, Giulio Carlo; BOTTMANN, Denise (Trad.). Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2006.</p> <p>BENEVOLO, Leonardo. A arquitetura no novo milênio. São Paulo, SP: Estação Liberdade, c2007.</p> <p>PORTOGHESI, Paolo. Depois da arquitetura moderna. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.</p> <p>PUPPI, Marcelo. Por uma história não moderna da arquitetura brasileira: questões de historiografia. Campinas, SP: Pontes, 1998.</p> <p>SCHLEE, Mônica Bahia; TARDIN, Raquel (Coord.). Arquitetura paisagística contemporânea. no Brasil. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, c2010.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II</b>	
<b>SEMESTRE:</b> 10º	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
Desenvolvimento do projeto final de graduação de arquitetura e/ou urbanismo, em nível de anteprojeto, a ser defendido perante Banca Avaliadora.	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
DAGOSTINO, Frank R. Desenho arquitetônico contemporâneo. São Paulo, SP: Hemus, [20-?].	
HERTZBERGER, Herman. Lições de arquitetura. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.	
VARGAS, Heliane C. & CASTILHO, Ana Luiza H. Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, Estratégias e Resultados. São Paulo: Manole, 2005.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
BENEVOLO, Leonardo. A História da Cidade. São Paulo: Perspectiva, 1993.	
CHING, Francis D. K.; JUROSZEK, Steven P. Representação gráfica para desenho e projeto. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.	
CHING, Francis D. K., Adams, C. Técnicas de Construção Ilustradas. São Paulo: Bookman Companhia Editora, 2001.	
NEUFERT, Peter (Coord). Neufert: arte de projetar em arquitetura. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.	
ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2009.	

<b>UNIDADE CURRICULAR: PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E CONTROLE DE OBRAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
Regimes de execução de obras. Licitações e contratos administrativos. Orçamentos de obras. Previsão de custos. Planejamento, programação e gerenciamento de obras. Sistema Financeiro da Habitação. Planejamento: cronograma e custo. Técnicas de planejamento: PERT-CPM. Sistemas de controle da qualidade da construção. Qualidade total e produtividade.	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
HALPIN, D. W., WOODHEAD R. W. Administração da Construção Civil. LTC, 2ª edição, 2004.	
LIMMER, C. V. Planejamento, Orçamentação e Controle de Projetos e Obras. LTC, ISBN-10: 852161084x.	
MATTOS, A. D. Como Preparar Orçamentos de Obras. Ed. PINI. ISBN-10: 857266176X.	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
ABNT - NBR 12721: Avaliação de custos unitários e preparo de orçamento de construção para a incorporação de edifícios em condomínio.	
BOTELHO, E. F. Do gerente ao líder. Ed. Atlas, 1990	
JUNGLES, A.E.; ÁVILA, A. V. Apostila Elaborada para a disciplina Administração da Construção. UFSC. 1996.	
SACOMANO, J.B.; GUERRINI, F.M.; SANTOS, M.T.S; MOCCELIN, V. Administração da produção na construção civil: o gerenciamento de obras baseado em critérios competitivos. São Paulo. Arte & Ciência, 2004.	
SANTOS, A., et.al.. Método de Intervenção para a Redução de Perdas na Construção Civil: Manual de Utilização. Porto Alegre: Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul - SEBRAE/RS, 1996. 103p.	

<b>UNIDADE CURRICULAR: FUNDAÇÕES E OBRAS DE CONTENÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Investigação do subsolo. Tipos de fundações. Critérios básicos para a escolha do tipo de fundação. Dimensionamento das fundações. Dimensionamento de blocos sobre estacas e tubulões. Provas de cargas em fundações. Testes de Integridade em Fundações. Patologias em fundações.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>FALCONI, F.; Corrêa, C. N.; ORLANDO, C.; SCHIMDT, C.; ANTUNES, W. R.; Paulo J.; ALBUQUERQUE, W. H.; NIYAMA, S. Fundações: teoria e prática. 3ª. Edição, São Paulo, SP, Brasil: ABMS / ABEF, 2019, 804p. ISBN 978-85-7975-330-5.</p> <p>ALBUQUERQUE, Paulo José Rocha de. Engenharia de fundações. Rio de Janeiro LTC 2020 1 recurso online ISBN 9788521636977.</p> <p>JOPPERT JR, I. Fundações e Contensões em Edifícios: qualidade total na gestão do projeto e execução. 1ª Edição. São Paulo, SP, Brasil: PINI, 2007, 220 p. ISBN-13: 978-8572661775.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ABNT / NBR 6122: 2019: Fundações – Projeto e execução de fundações.</p> <p>RODRIGUEZ ALONSO, Urbano. Exercícios de fundações. 3. São Paulo Blucher 2019 1 recurso online ISBN 9788521213857.</p> <p>RODRIGUEZ ALONSO, Urbano. Dimensionamento de fundações profundas. 3. São Paulo Blucher 2019 1 recurso online ISBN 9788521213871.</p> <p>HACHICH, Waldemar (Coord.). Fundações: teoria e prática. 2. ed. São Paulo, SP: Pini, 2012. 751 p. ISBN 97885772660983.</p> <p>SCHNAID, Fernando. Ensaios de campo e suas aplicações à engenharia de fundações. 2. ed. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2014. 223 p. ISBN 9788579750595.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: INGLÊS INSTRUMENTAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Estratégias de leitura. Estudo das estruturas básicas da língua inglesa: tempos verbais; verbos de modalização; referência pronominal; voz passiva; estrutura nominal. Processo de formação de palavras. Leitura e interpretação de textos acadêmicos de diversas áreas em inglês. Estudos sobre as formas de desenvolvimento do parágrafo e das diferentes organizações textuais.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Universidade Católica de Brasília Virtual. Inglês Instrumental 1. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília, 2017.</p> <p>MURPHY, Raymond; SMALZER, William R. Grammar in use intermediate: self-study reference and practice for students of English: with answers. 2. ed. New York, NY: Cambridge Press, 2009.</p> <p>UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Universidade Católica de Brasília Virtual. Inglês Instrumental 2. Brasília, DF: Universidade Católica de Brasília, 2017.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>MACMILLAN ELT. MacMillan English Dictionary for Advanced Learners with CD-Rom. MacMillan ELT, 2002.</p> <p>MUNHOZ, Rosângela. Inglês Instrumental: Estratégias de Leitura. Módulos I e II. São Paulo, SP: Texto novo, 2001.</p> <p>OLIVEIRA, Sara Rejjane de F. Estratégias de Leitura para Inglês Instrumental. Ed. UnB, 1994.</p> <p>SWAN, Michael. Practical English Usage. Oxford University Press, England, 2005.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS - LIBRAS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A história da educação dos surdos. Aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da Língua Brasileira de Sinais. A relação entre Libras e a Língua Portuguesa. Processos de significação e subjetivação. O ensino- aprendizagem em Libras. A linguagem viso-gestual e suas implicações em produções escritas.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>GUARINELLO, Ana Cristina. O papel do outro na escrita de sujeitos surdos. São Paulo: Plexus. 2007. LIMA-SALLES, H. M. L. (Org.) Bilinguismo dos Surdos: Questões Linguísticas e Educacionais. Brasília: Cãnone Editorial, 2007.</p> <p>QUADROS, R. M. Educação de Surdos: a aquisição da linguagem. Artes Médicas, Porto Alegre, 1997</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CADER-NASCIMENTO, F.A.A. et al. Descobrimdo a surdocegueira: educação e comunicação. São Carlos: EdUFSCar, 2005.</p> <p>GESSER A. Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola Editorial, 2009. LODI, A. C. B. et al. Letramento e minorias. Porto Alegre: Mediação, 2002.</p> <p>QUADROS, R. M. e KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira. Porto Alegre: Artmed, 2004. SACKS, O. Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SALLES, H. M. M. L. et al. Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos. Brasília, 2002.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ANTROPOMETRIA E ERGONOMIA</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Observação das dimensões de corpos humanos, seus movimentos, limitações e alcances. Estudo da relação entre as condições fisiológicas e psicológicas do ser humano e os mobiliários, equipamentos e ferramentas utilizados nos ambientes, em especial, ambientes de trabalho. Estudo de normas técnicas e literatura especializada. Exercícios de medição, levantamentos e proposições de espaços e seus equipamentos.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>PETROSKI, Edio Luiz (Ed). Antropometria: técnicas e padronizações. 5. ed. Porto Alegre, RS: Fontoura, 2011.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. Las dimensiones humanas en los espacios interiores. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.</p> <p>PRIMO, Renan. Ergonomia. São Paulo: Conteúdo Saraiva, 2021.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BUXTON, Pamela. Manual do arquiteto planejamento, dimensionamento e projeto. Porto Alegre: Bookman, 2017.</p> <p>CIDADE, Paulo. Manual de ergonomia em casa. Rio de Janeiro, RJ: Qualitymark, 2004.</p> <p>CORRÊA, Vanderlei Moraes. Ergonomia fundamentos e aplicações. Porto Alegre: Bookman, 2015.</p> <p>KROEMER, Karl H. E. Manual de ergonomia. Porto Alegre: Bookman, 2015.</p> <p>PINHEIRO, Antônio Carlos da Fonseca Bragança; CRIVELARO, Marcos; Conforto ambiental, iluminação, cores, ergonomia, paisagismo e critérios para projetos. São Paulo: Erica, 2014.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: FUNDAMENTOS DO CINEMA</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Estudo das premissas básicas do cinema e da produção audiovisual a partir de sua linguagem, formas de organização e produção. Conceitos para plano, enquadramento, cena, roteiro, fotografia, iluminação, edição, montagem, som e decupagem. Pré-produção, produção e pós-produção. Equipes de produção, direção, arte, fotografia e som. Noções sobre as diferentes abordagens audiovisuais sobre o mundo contemporâneo, e suas diferentes importâncias. Primeiros experimentos práticos audiovisuais.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MARTIN, Marcel. A linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2003.</p> <p>RODRIGUES, Chris. O cinema e a produção. Rio de Janeiro: DP&amp;A, 2002.</p> <p>XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>AUMONT, Jacques et al. A estética do filme. Campinas, SP: Papyrus, 2012.</p> <p>COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.</p> <p>DANCYGER, Ken. Técnicas de edição para cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.</p> <p>GAUDREAUULT, André; JOST, François. A narrativa cinematográfica. Brasília: Editora da UnB, 2009.</p> <p>STAM, Robert. Introdução à Teoria do Cinema. Campinas: Papyrus Editora, 2005.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ARTE E SOCIEDADE</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Contextualização histórica e cultural das imagens, do design e do cinema. Teoria da imagem: forma e movimento. Registros da comunicação visual humana da pré-história até a pós-modernidade. Escolas e movimentos artísticos do século XX. A arte e o design no contexto sociocultural brasileiro e regional.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.</p> <p>CAUQUELIN, A. Teorias da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 2005.</p> <p>MEGGS, Phillip B. História do Design Gráfico. São Paulo: Cosac Naify, 2009.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CHIPP, Herschel B. Teorias da Arte Moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1988.</p> <p>CARDOSO, Rafael. Uma introdução à história do design. 3. ed., totalmente rev. e ampl. São Paulo, SP: Blucher, 2008.</p> <p>JOLY, Martine. Introdução à análise da imagem. São Paulo, SP: Papyrus, 1996.</p> <p>MICHAUD, Philippe-Alan. Aby Warburg e a imagem em movimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.</p> <p>WOLFFLIN, Heinrich. Conceitos Fundamentais da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: DETALHAMENTO DE MOBILIÁRIO E DESENHO UNIVERSAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Exercícios de projetos de layout e mobiliários baseados em antropometria, ergonomia, conforto e acessibilidade. Estudo do conceito e da aplicação do desenho universal. Estudo de normas técnicas e legislações pertinentes. Pesquisa em materiais e desenho de mobiliário. Especificação de peças e acabamentos. Desenhos em nível de detalhamento.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>CAMBIAGHI, Silvana. Desenho universal: métodos e técnicas para arquitetos e urbanistas. 4. ed., rev. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2017.</p> <p>VASCONCELLOS, Marcelo; ZANINE, Zanini de (coord.). Design brasileiro de móveis: cadeiras, poltronas, bancos = Brazilian furniture design: chairs, armchairs, benches, stools. São Paulo, SP: Olhares, c2013.</p> <p>DESIGN MUSEUM. Cinquenta cadeiras que mudaram o mundo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, c2010.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaços, mobiliários e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, RJ: Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT, 2020.</p> <p>NEUFERT, Peter (Coord). Neufert: arte de projetar em arquitetura. 17. ed., renov. e ampl. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.</p> <p>PIÑA, Leslie. Furniture in history: 3000 B.C. - 2000 A. D.. 2nd ed. Boston, Massachusetts: Prentice Hall, c2010.</p> <p>SANTI, Maria Angélica. Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2013.</p> <p>YAMAZAKI, Gabrielle Prado Jorge. Projetos de iluminação, mobiliário e desenho universal. São Paulo Conteúdo Saraiva 2021.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: QUALIFICAÇÃO PESSOAL E PROFISSIONAL</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>O novo mundo do trabalho; tendências do mercado; habilidades comportamentais; ética profissional; networking e demais fatores que contribuem para o sucesso na vida pessoal e profissional. Relações sociais, multiculturalismo, diversidade e liderança nas relações de trabalho. Design thinking aplicado a gestão de projetos; inovação e criatividade no mundo corporativo; formação continuada e desenvolvimento profissional.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BOFF, L. Ética e moral. A busca dos fundamentos. Petrópolis: Vozes, 2003.</p> <p>FREIRE, P. Pedagogia da esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.</p> <p>ROHR, F. Educação e espiritualidade. Contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>GARCIA, O. M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 27. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.</p> <p>PEGORAGO, O. Ética dos maiores mestres através da história. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.</p> <p>Fellipelli, Adriana. Autoconhecimento Para Um Mundo Melhor . Disponível em: Minha Biblioteca, Editora Alta Books, 2021. <a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555201307/epubcfi/6/22%5B%3Bvnd.vst.idref%3DCG_Autoconhecimento_Cap01%5D/4%5BCG_Autoconhecimento_Cap01%5D/4%5B_idContainer020%5D/6%5B_idParaDest-4%5D/3:37%5Bcia%2C%3F%5D">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555201307/epubcfi/6/22%5B%3Bvnd.vst.idref%3DCG_Autoconhecimento_Cap01%5D/4%5BCG_Autoconhecimento_Cap01%5D/4%5B_idContainer020%5D/6%5B_idParaDest-4%5D/3:37%5Bcia%2C%3F%5D</a></p> <p>GOLEMAN, Daniel; BOYATZIS, Richard; MCKEE, Annie. O poder da inteligência emocional. Rio de Janeiro: Campus, 2002. <a href="http://cdl-static.s3.amazonaws.com/trechos/9788547000639.pdf">http://cdl-static.s3.amazonaws.com/trechos/9788547000639.pdf</a></p> <p>Estrada, RJS, Flores, GT, &amp; Schimith, CD (2011). Gestão do tempo e apoio ao planejamento estratégico pessoal. Revista de Administração da UFSM , 4 (2), 315–332. <a href="https://doi.org/10.5902/198346593349https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:f22f48fc-0422-3ef8-bdd9-a76688018eac">https://doi.org/10.5902/198346593349https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:f22f48fc-0422-3ef8-bdd9-a76688018eac</a></p> <p>BUENO, José Maurício Haas; PRIMI, Ricardo. Inteligência emocional: um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. Psicologia: reflexão e crítica, v. 16, p. 279-291, 2003. <a href="https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200008">https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000200008</a></p> <p>DRUKER, Peter. 50 casos reais de administração/Peter Ferdinand Druker: tradução de Carlos A. Malferrari. São Paulo: Cengage Learning, 2011.</p> <p>DRUKER, Peter F. Liderança para o século XXI/Editores Frances. Hesselbein, Marshall Goldsmith, Iain Somerville; tradução Cynthia Azevedo. São Paulo: Futura.</p> <p>DA COSTA, VAGNER NASCIMENTO. A HABILIDADE DE NEGOCIAÇÃO NA GESTÃO DE CONFLITOS NAS ORGANIZAÇÕES. Administração de Empresas em Revista, v. 2, n. 20, p. 26-37, 2020. <a href="https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:116cacd0-7068-3e29-a835-df4712998c46">https://acrobat.adobe.com/link/review?uri=urn:aaid:scds:US:116cacd0-7068-3e29-a835-df4712998c46</a></p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: MARKETING DE MÍDIAS SOCIAIS E DIGITAIS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A importância do planejamento; Frameworks para o plano de marketing; Alocação de recursos e pessoas; Ferramentas para a gestão colaborativa de projetos; Estimativa de ROI; Elementos de tráfego em mídias próprias, pagas e espontâneas; Mecanismos de busca; Google Page Rank e atualizações do Google; Elementos de força no Ranking do Google; SEO contemporâneo e melhores práticas; Google, Youtube, Amazon, Tripadvisor, Booking e outras ferramentas de busca específicas; PPC/Rede de display.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>YANAZE, Mitsuru H.; ALMEIDA, Edgar; YANAZE, Leandro Key H. Marketing digital: conceitos e práticas . [Digite o Local da Editora]: Editora Saraiva, 2022. E-book. ISBN 9788571441408. Disponível em: <a href="https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788571441408/Acesso">https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788571441408/Acesso</a> em: 15 fev. 2023.</p> <p>CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro, RJ: Zahart, 2003. 243 p. ISBN 9788571107403.</p> <p>RECUERO, Raquel. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador. Porto Alegre, RS: Sulina, c2012. 238 p. ISBN 9788520506509.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>SANTOS, Carlos Roberto Gomes dos. Campanhas de mobilização social em espaços públicos ampliados pela comunicação digital. 2018. 128 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Comunicação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2018.</p> <p>DOMINGUES, Diana (Coord.). A arte no século XXI: a humanização das tecnologias. São Paulo, SP: UNESP, 1997. 374 p. ISBN 85- 9788571391602.</p> <p>RÜDIGER, Francisco. Cibercultura e pós-humanismo: exercícios de arqueologia e criticismo. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2008. 237 p. (Comunicação; 44) ISBN 9788574307244.</p> <p>LE MOS, André. Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. 295 p. (Coleção Cibercultura) ISBN 9788520505779.</p> <p>COMUNICAÇÃO na cibercultura. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001. 215 p. ISBN 8574310735.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: LIDERANÇA, NEGOCIAÇÃO E GRANDES NEGÓCIOS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Liderança e habilidades. Estilos e eficácia da liderança. Valores e ética profissional. Motivação e comprometimento. Estratégias participativas. Comunicação empática. Comunicação empresarial. Negociação. Fases de uma negociação eficaz. Mapeamento de espaços de negociação.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>TAJRA, Sanmya Feitosa. Comunicação e negociação conceitos e práticas organizacionais. São Paulo Erica 2014 1 recurso online ISBN 9788536511054.</p> <p>WEBER, Antônio Celso Mendes. Afinal, onde estão os líderes? Porto Alegre Bookman 2011 1 recurso online ISBN 9788577805914.</p> <p>MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. Além da hierarquia: como implantar estratégias participativas para administrar a empresa enxuta . São Paulo: Atlas, 1995. 143 p.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>DRUKER, Peter. 50 casos reais de administração/Peter Ferdinand Druker: tradução de Carlos A. Malferrari. São Paulo: Cengage Learning, 2011.</p> <p>DRUKER, Peter F. Liderança para o século XXI/Editores Frances. Hesselbein, Marshall Goldsmith, Iain Somerville; tradução Cynthia Azevedo. São Paulo: Futura.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: DESIGN THINKING E A BUSCA DA INOVAÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>A abordagem design thinking; espaços de aplicação; etapas de produção na abordagem do design; Ideação, identificação do problema; de que forma ela interfere na resolução do problema e quais os estímulos que se pode utilizar; Imersão, pesquisa de campo aplicada, mapa da empatia; criação da persona;. prototipação, metodologia de projeto e intervenção a partir do design.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>ALENCAR, Eunice Lima Soriano de. Desenvolvendo a criatividade nas organizações: o desafio da inovação. Revista de Administração de Empresas, v. 35, p. 6-11, 1995. <a href="https://www.scielo.br/j/rae/a/kcyZbN7gXtNLVFYFnKWh7QN/?format=pdf&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/j/rae/a/kcyZbN7gXtNLVFYFnKWh7QN/?format=pdf&amp;lang=pt</a>.</p> <p>BEHRENS, Marilda Aparecida. Metodologia de projetos: aprender e ensinar para a produção do conhecimento numa visão complexa. Coleção Agrinho, p. 95-116, 2014. <a href="https://www.academia.edu/download/53290513/2_04_Metodologia-de-projetos.pdf">https://www.academia.edu/download/53290513/2_04_Metodologia-de-projetos.pdf</a>.</p> <p>DA SILVA, Carlos Eduardo Leme; GASPERINI, Ricardo. Design thinking: contribuições na gestão de projetos do produto. Tekhne e Logos, v. 4, n. 3, p. 141-153, 2013. <a href="http://revista.fatecbt.edu.br/index.php/tl/article/view/223">http://revista.fatecbt.edu.br/index.php/tl/article/view/223</a>.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>DE MATOS, Marilyn A. Errobidarte. A metodologia de projetos, a aprendizagem significativa e a educação ambiental na escola. Ensino, saúde e ambiente, v. 2, n. 1, 2009. <a href="https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/download/21036/12511">https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/download/21036/12511</a>.</p> <p>DE OLIVEIRA, Aline Cristina Antoneli. A contribuição do Design Thinking na educação. Revista E-Tech: Tecnologias para Competitividade Industrial-ISSN-1983-1838, p. 105-121, 2014. <a href="https://etech.emnuvens.com.br/revista-cientifica/article/view/454">https://etech.emnuvens.com.br/revista-cientifica/article/view/454</a>.</p> <p>MACEDO, Mayara Atherino; MIGUEL, Paulo Augusto Cauchick; CASAROTTO FILHO, Nelson. A caracterização do design thinking como um modelo de inovação. RAI Revista de Administração e Inovação, v. 12, n. 3, p. 157-182, 2015. <a href="https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809203916300961">https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809203916300961</a>.</p> <p>PESSOA, Luísa Martins. INOVAÇÃO, CRIATIVIDADE E DESIGN THINKING: INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS. Universidade de Lisboa, 2018. <a href="https://www.academia.edu/download/59205491/Inovacao_Criatividdade_DesignThinking_Introduc_aoAosConceitos20190510-111542-l5nuik.pdf">https://www.academia.edu/download/59205491/Inovacao_Criatividdade_DesignThinking_Introduc_aoAosConceitos20190510-111542-l5nuik.pdf</a>.</p> <p>SUGAI, Mari et al. Design Thinking: uma nova forma de pensar. QUIPUS-ISSN 2237-8987, v. 2, n. 2, p. 31-40, 2013. <a href="https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/441">https://repositorio.unp.br/index.php/quipus/article/view/441</a>.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: OFICINA DE REPRESENTAÇÃO E PORTFÓLIO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Definição de problema e método de pesquisa. Metodologia de escrita acadêmica. Método científico e processos de desenvolvimento de projetos. Produção de conhecimento e produção científica. Processos criativos e pesquisa acadêmica. Concepção, estruturação e viabilização de projetos de pesquisa acadêmicos. Etapas do projeto experimental. Definições de produto, memorial, artigo e monografia.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>MUNARI, Bruno. Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2011.</p> <p>PLATCHECK, Elizabeth Regina. Design industrial metodologia de ecodesign para o desenvolvimento de produtos sustentáveis. São Paulo Atlas 2012.</p> <p>SANTAELLA, Lucia. Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (orgs.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2006. (on-line e impresso disponíveis).</p> <p>BONSIEPE, Gui. Design, cultura e sociedade. São Paulo: Blucher, 2011.</p> <p>BROWN, Tim. Design thinking uma metodologia poderosa para decretar o fim das velhas ideias. Rio de Janeiro Alta Books 2020.</p> <p>MACHADO SILVA, Juremir. O que pesquisar quer dizer: como pesquisar e escrever textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. 1. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.</p> <p>MUNARI, Bruno. Das coisas nascem coisas. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ATELIÊ DE DESIGN   ESPAÇOS CORPORATIVOS</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Exercício de projeto em nível de detalhamento de interiores. Desenvolvimento de projeto de design de interiores de espaços corporativos, associando os conteúdos, habilidades e competências trabalhadas nas demais disciplinas do curso, com vistas a fomentar a interdisciplinaridade. Abrange ergonomia, luminotécnica, especificação de acabamentos entre outros conhecimentos aplicados. Aplicação dos conceitos e teorias relacionados à salubridade, psicologia e funcionalidade dos espaços de trabalho.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>BUXTON, Pamela. Manual do arquiteto planejamento, dimensionamento e projeto. Porto Alegre: Bookman, 2017.</p> <p>CHING, Francis D. K. Arquitetura de interiores ilustrada. 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2019.</p> <p>PANERO, Julius; ZELNIK, Martin. Las dimensiones humanas en los espacios interiores. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>CAROL, Jackie; Edifícios comerciais e espaços corporativos: projetos e detalhes. São Paulo: J.J. Carol, 2016.</p> <p>MOXON, Siân. Sustentabilidade no design de interiores. Barcelona: Gustavo Gili, 2012.</p> <p>PROJETO DESIGN. São Paulo, SP: Arco Editorial, 1996-. Periódico Bimestral.</p> <p>YAMAZAKI, Gabrielle Prado Jorge. Projetos de iluminação, mobiliário e desenho universal. São Paulo: Conteúdo Saraiva, 2021.</p> <p>GURGEL, Miriam; Vivendo os espaços: design de interiores e suas novas abordagens. São Paulo: Senac, 2022.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ORATÓRIA</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Diferenças entre o ato de falar em público e a conversação. Falar em público como arte. Processo de comunicação oral. Etapas da preparação do discurso. Adaptação de mensagens para diferentes públicos. Construção do roteiro do discurso (organização e esboço). O uso de recursos tecnológicos para apresentação. Técnicas de comunicação verbal e não-verbal que possibilitam a comunicação eficaz. Apresentação de discursos temáticos, palestras, trabalhos acadêmicos, discursos para grupos pequenos. Gestão emocional para falar em público. Oratória em um mundo multicultural e democrático. Oratória e o exercício da liderança. Autopoiese e aprendizagem contínua na arte de falar em público.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>LUCAS, Stephen E. A arte de falar em público. Porto Alegre: AMGH, 2014.</p> <p>PEREIRA, Flávio. Oratória: como falar em público com segurança. Cérebro e Comunicação: Curitiba, 2010.</p> <p>POLITO, Reinaldo. Como falar corretamente e sem inibições. 111ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>BRASSI, Sérgio. Comunicação Verbal – Oratória: a arte da persuasão. São Paulo: Madras, 2008.</p> <p>ORGANIZAÇÕES DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração universal dos direitos humanos. 1948.</p> <p>PEREIRA, Flávio. Oratória: como falar em público com segurança. Cérebro e Comunicação: Curitiba, 2010.</p> <p>PEREIRA, NEY. Apresentações empresariais além da oratória. São Paulo: Elsevier, 2009.</p> <p>TOURAINÉ, Alain. O que é democracia? trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro? Vozes, 1996.</p>	

<b>UNIDADE CURRICULAR: ANIMAÇÃO</b>	
<b>SEMESTRE:</b> Op	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL:</b> 80 horas
<b>EMENTA</b>	
<p>Tipos de narrativa. O roteiro: conceito, criação, adaptação e desenvolvimento. Personagens e cenários. O Storyboard. Cenas, planos e enquadramentos de câmera: movimentos, angulação e tipos de lentes. Luz e sombra. Técnicas de gravação. Tipos de animação: 2D, 3D, Stop Motion e em vídeo. Construção de personagens, cenários, materiais e texturas. Edição e Rendering. Trilha Sonora e edição de som em animação: captura, efeitos, e sincronia – o Foley. Softwares de trabalho. Pós-produção.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA BÁSICA</b>	
<p>LUCENA JÚNIOR, Alberto. Arte da animação: técnica e estética através da história. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Senac, 2005.</p> <p>MCCLLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo, SP: M. Books, 2005.</p> <p>WATTS, Harris. Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema. São Paulo, SP: Summus Editorial, 1999.</p>	
<b>BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR</b>	
<p>ANDALÓ, Flávio. Modelagem e animação 2D e 3D para jogos. São Paulo Erica 2015.</p> <p>BIRN, Jeremy. [Digital] lighting &amp; rendering. 3rd ed. [San Francisco, CA]: New Riders, 2014.</p> <p>CITRON, Scott. Adobe creative suite 5 design premium 100 técnicas essenciais. Porto Alegre Bookman 2012.</p> <p>WATTS, Harris. On camera: O curso de produção de filme e vídeo da bbc. 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1990.</p> <p>SHAW, Susannah. Stop motion: craft skills for model animation. 2nd ed. Oxford, UK: Elsevier: Focal Press, 2008.</p>	

## 7.9 ATIVIDADES COMPLEMENTARES

A implementação das atividades complementares (ACs) no curso tem como objetivo enriquecer o processo formativo do estudante por meio da diversificação de experiências, dentro e fora do ambiente universitário, propiciando o aproveitamento de conhecimentos adquiridos pelo estudante, em atividades presenciais ou a distância.

No curso de Arquitetura e Urbanismo, a inserção das Atividades Complementares atende as DCNs do curso, conforme pode ser observado na Resolução CNE/CES 2/2010, art. 8º:

As atividades complementares são componentes curriculares enriquecedores e implementadores do próprio perfil do formando e deverão possibilitar o desenvolvimento de habilidades, conhecimentos, competências e atitudes do aluno, inclusive as adquiridas fora do ambiente acadêmico, que serão reconhecidas mediante processo de avaliação.

§ 1º As atividades complementares podem incluir projetos de pesquisa, monitoria, iniciação científica, projetos de extensão, módulos temáticos, seminários, simpósios, congressos, conferências, até disciplinas oferecidas por outras instituições de educação.

§ 2º As atividades complementares não poderão ser confundidas com o estágio supervisionado.

Desta forma, para o curso de Arquitetura e Urbanismo as Atividades Complementares deverão compor um mínimo de 120 horas, o que permite que o estudante siga um planejamento determinado a partir de seus próprios interesses. Segundo a Resolução CNE/CES 1/2021, elas fazem parte do núcleo de conteúdos profissionais devendo ser inseridas no contexto do PPC, contribuindo para o aperfeiçoamento da qualificação profissional do formando. Conforme a resolução, elas podem ocorrer pela participação em atividades extracurriculares, como encontros, exposições, concursos, premiações, seminários internos ou externos à instituição, bem como sua organização.

Consideram-se como ACs aquelas que tenham cunho acadêmico e que propiciem ao estudante as condições para o desenvolvimento de competências que contribuam para o aprimoramento da formação básica e específica do futuro profissional, bem como a integração com a sociedade e a capacidade de desenvolver ações sociais.

A partir de 2021, a AC buscou evocar os acadêmicos para as Trilhas de Desenvolvimento do Programa Propósito de Vida (PPV) da UCB, por meio de ambiente educativo que estimule atitudes de confiança, liberdade interior, alegria e responsabilidade social, promovendo competências socioemocionais e acadêmicas relevantes para construir o futuro que almeja. Visa também integrar o desenvolvimento regional, nacional e internacional, atuando como agente transformador.

Além disto, desde 2022, foram adotados como canais de solicitações para o cômputo das horas de AC o Portal do Estudante (GOL) e/ou a central de atendimento ao estudante, o ATENDE. Além disso, foi habilitado no Sistema Acadêmico (RM) o recurso para registro e acompanhamento de eventos acadêmicos internos, sendo que estes poderão ser previamente cadastrados e validados pelos organizadores, cujo lançamento da categoria e carga horária será realizada automaticamente.

Para regulamentar a realização, o registro e a validação das ACs no curso foi construído e aprovado em Conselho o regulamento para o cômputo das horas de Atividades Complementares nos cursos de graduação presencial da UCB.

Resumidamente as AC dividem-se em categorias, conforme descrição a seguir:

a) Atividades internas:

- Atividades desenvolvidas pela UCB no âmbito das Trilhas de Desenvolvimento do PPV, aplicáveis aos estudantes que ingressaram a partir do ano de 2021;
- Outras atividades acadêmicas promovidas pela UCB (iniciação científica, atuação no Projeto Ser+, participação em grupos de estudo/ligas acadêmicas, atuação no Programa de Monitoria, participação em atividades de representação estudantil – CAs, Atléticas, DCE, participação em eventos acadêmicos – palestras, oficinas, cursos, minicursos, seminários, congressos entre outros);

b) Atividade externas: atividades externas que contribuam para a formação acadêmica (apresentação de trabalhos, publicação científica, exposição em Mostras, cursos de atualização, estágio não-obrigatório, viagem de estudo, atuação voluntária, representação esportiva, capacitação em instituições conveniadas, cursos de línguas estrangeiras, participações em intercambio, entre outros).

Apresenta-se a seguir, no Quadro 05, uma síntese das categorias das atividades complementares e sua respectiva carga horária, para cômputo e registro.

QUADRO 05 – Síntese de categorias

<b>Categorias/Trilhas</b>	<b>Atividades</b>	<b>Horas</b>
Apoio ao Ensino	Programa de Monitoria	Carga horária total da monitoria*
	Atividades de representação discente (Ligas Acadêmicas, CAs, Atléticas, DCE, representante de turma)	Até 50 horas
Pesquisa	Programas de Iniciação Científica	60 horas
	Atividades em Grupos de Estudos	
Extensão	Projetos de Extensão	60 horas
	Trabalho Voluntário Continuado	60 horas
	Ser+	Carga Horária total do projeto
	Participação em Empresa Júnior	100 horas
	Ação Social	10 horas de atividades por evento ou as horas do certificado
	Estágios não obrigatórios (fora do componente curricular)	100 horas
	Atividades realizadas na UCB (Semanas temáticas / Semana universitária / Jornadas Acadêmicas / Congressos/ Seminários /Simpósios / Palestras, Conferências, Aulas Magnas / Oficinas, cursos de atualização	Até 60 horas
Eventos e cursos	Atividades realizadas fora da UCB (Semanas temáticas / Semana universitária / Jornadas Acadêmicas / Congressos/ Seminários /Simpósios / Palestras, Conferências, Aulas Magnas / Oficinas, cursos de atualização	Até 60 horas
	Participação em Audiências, Julgamentos	
	Eventos culturais	
	Aprovação em disciplinas eletivas, escolhidas dentre as disciplinas oferecidas nos diversos cursos	
Trilhas de Desenvolvimento do Programa Propósito de Vida (PPV)	Liderança	Horas do certificado, com limite de 40 horas total
	Pesquisa	
	Esporte	
	Cultura	
	Espiritualidade	
	Empreendedorismo	

Fonte: UCB

## 7.10 ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

Conforme preconizado na Lei 11.788/08:

Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

A referida lei também versa sobre as duas tipologias do estágio nas instituições cedentes estabelecendo que:

Art. 2º. O estágio poderá ser obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso.

§ 1º Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma.

§ 2º Estágio não obrigatório é aquele desenvolvido como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória.

O estágio não obrigatório é desenvolvido pelo estudante como atividade opcional, visando ao aperfeiçoamento profissional na área de conhecimento de seu curso. É considerado como atividade riquíssima sob a perspectiva de agregar conhecimento prático ao conteúdo trabalhado em sala de aula, contribuindo efetivamente para a formação profissional do estudante para o mercado de trabalho.

A UCB conta com um setor específico para tratar dos Estágios não obrigatórios, o UCB Integra, que busca ajudar o estudante na escolha de campos de estágios condizentes com seus interesses de aprofundamento e prática profissionais. Nesse sentido, o UCB Integra fomenta parcerias com empresas públicas e privadas, bem como com agentes de integração com o mercado de trabalho. As vagas de estágios e empregos são divulgadas no OL) e nos canais oficiais de comunicação com os estudantes.

A Universidade Católica de Brasília implantou um novo projeto na Instituição: a Plataforma de Carreira, cujo objetivo é oferecer aos estudantes desenvolvimento profissional totalmente integrado às melhores oportunidades de ingresso no mundo do trabalho.

A Plataforma de Carreira da UCB é um espaço exclusivo e dedicado ao estudante que busca se destacar no mundo do trabalho. Nela, é possível criar o currículo do futuro, de acordo com as competências de cada curso e fazer a orientação de carreira de maneira on-line, considerando os conhecimentos, habilidades, atitudes e potencial de empregabilidade de cada candidato.

#### Estágio obrigatório no Curso de Arquitetura e Urbanismo:

O Estágio Supervisionado é obrigatório para todos os alunos do Curso de Arquitetura e Urbanismo e faz parte da estrutura curricular básica. O cumprimento da sua carga horária é, portanto, requisito para integralização do currículo e obtenção do diploma.

A Resolução Nº 2 do MEC, de 17 de junho de 2012, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, alterando dispositivos da Resolução CNE/CES no 6/2006, refere-se ao Estágio Curricular Supervisionado:

Art. 7º - O estágio curricular supervisionado deverá ser concebido como conteúdo curricular obrigatório, cabendo à Instituição de Educação Superior, por seus colegiados acadêmicos, aprovar o correspondente regulamento, abrangendo diferentes modalidades de operacionalização. § 1º Os estágios supervisionados são conjuntos de atividades de formação, programados e diretamente supervisionados por membros do corpo docente da instituição formadora e procuram assegurar a consolidação e a articulação das competências estabelecidas. § 2º Os estágios supervisionados visam a assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, sendo recomendável que suas atividades sejam distribuídas ao longo do curso. § 3º A instituição poderá reconhecer e aproveitar atividades realizadas pelo aluno em instituições, desde que contribuam para o desenvolvimento das habilidades e competências previstas no projeto de curso (Resolução Nº 2, de 17 de julho de 2010).

Componente fundamental na formação profissional do arquiteto e urbanista, o Estágio Supervisionado é composto por um conjunto de atividades de aprendizagem profissional e cultural que extrapolam aquelas previstas na grade curricular. Seus objetivos são: complementar a formação acadêmica por meio de uma ligação formal entre a educação escolar e o mundo do trabalho; assegurar ao aluno a vivência de experiências próprias nas diversas áreas de competência profissional; assegurar o contato do aluno com situações, contextos e instituições, permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes previstas no PPC se concretizem em ações

profissionais; proporcionar ao aluno o exercício do aprendizado comprometido com a realidade socioeconômica e política do país, contribuindo na sua formação profissional e de cidadania.

O Estágio Curricular Supervisionado tem caráter obrigatório e é ministrado como componente curricular do oitavo semestre. Pode ser realizado antes desse período, uma vez que a disciplina esteja em oferta no semestre e o aluno esteja realizando estágio.

O aluno poderá realizar estágio desde o início do curso, porém o Estágio Curricular Supervisionado só poderá ser realizado após as disciplinas de

As concedentes do Estágio poderão ser instituições públicas e privadas que ofereçam condições de formação e experiência profissional nas diversas áreas de competência da atuação do arquiteto urbanista; escritórios de profissionais autônomos e empresas públicas ou privadas de planejamento e projeto de arquitetura, paisagismo ou urbanismo; empresas construtoras — projeto e/ou execução de obras em áreas afins a formação do arquiteto urbanista.

A metodologia de avaliação da atividade de Estágio deverá estar definida no respectivo plano de curso, entregue aos alunos no início das atividades letivas, e deverá abranger as avaliações do Professor, da Instituição Cedente e do próprio Estagiário. A aprovação do estágio está sujeita à apreciação da Assessoria Pedagógica do curso e seguirá a regulamentação Institucional de procedimentos relativos aos estágios supervisionados.

São previstos encontros semanais com o Professor para acompanhamento e discussão das atividades previstas no plano elaborado pelo estudante e apresentado no início das atividades. Nestes encontros, além da avaliação das atividades desenvolvidas no estágio, serão realizados seminários com ênfase nas legislações que regem a profissão. A avaliação prevê a apresentação de relatórios pelos estudantes e a participação nas atividades das reuniões semanais. O conceito final é resultante das avaliações previstas no plano de atividades. A avaliação final do estágio fica a cargo do Professor, e é expressa em um relatório próprio, entregue ao final do semestre letivo.

As atividades de Estágio deverão acontecer em escritórios ou empresas cedentes, bem como em sala de aula, sendo avaliadas a partir dos relatórios mensais de evolução de estágio. O relatório de evolução do Estágio consiste em descrição detalhada das atividades realizadas pelo estagiário, tais como:

- Projetos de renovação urbana e de edificações;
- Orçamentos de obras, pesquisas de materiais;
- Compatibilização de projetos de arquitetura, elétrica, hidráulica, estrutura e equipamentos;
- Detalhamento de projetos;
- Layouts;
- Estudos de viabilidade técnica e legal e
- Outros, mediante anuência do Professor Coordenador de Estágio
- O detalhamento de todos os procedimentos a serem seguidos para o desenvolvimento das atividades de Estágio serão definidos em regulamento próprio.

#### 7.11 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A prática da pesquisa científica contribui para que os estudantes de graduação ampliem a qualidade da sua formação. Nesta perspectiva, a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) constitui-se como momento fundamental para a construção de uma nova mentalidade quanto aos sentidos do desenvolvimento do graduando.

Em virtude de tais aspectos e da necessidade de atendimento à Portaria MEC 360/2022, que “Dispõe sobre a conversão do acervo acadêmico para o meio digital”, criou-se o Núcleo de Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Católica de Brasília – NTCC/UCB - para oferecer suporte às coordenações de curso para aprimoramento dos processos de forma eficaz e eficiente.

A criação do NTCC visa fomentar a interface entre Ensino, Pesquisa e Extensão, uma vez que busca o incremento da prática da pesquisa como fator primordial. Trata-se de valorizar a pesquisa, considerando os diversos setores onde ela se realiza na UCB. Tal ação contribuirá para que sejam reforçadas as relações entre os cursos de graduação em que o TCC é obrigatório, os programas de pós-graduação *stricto sensu* e os projetos de pesquisa existentes na UCB.

Tem-se assim que todas as ações envolvendo a elaboração e defesa dos TCCs contribuam para a formação acadêmica e reafirmem a relevância da ciência

como práxis social. Soma-se a esses motivos, o papel fundamental de uma universidade, qual seja, a de buscar respostas para problemas/necessidades sociais, oportunizando aos indivíduos viverem com mais dignidade, uma vez que será constantemente reafirmado o compromisso social ao qual a UCB deve permanecer engajada.

Para o curso de Arquitetura e Urbanismo, a elaboração e defesa do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) consistem em atividades obrigatórias para a obtenção do título de arquiteto e urbanista, e pressupõe a elaboração de um trabalho propositivo (projeto), desenvolvido individualmente sob o acompanhamento de um professor orientador, que é escolhido pelo aluno dentre os arquitetos e urbanistas que fazem parte do corpo docente do curso.

O objetivo principal do TCC é avaliar o aluno quanto à correta aplicação dos conhecimentos adquiridos durante a graduação, em consonância com as normas que regulamentam o exercício profissional do arquiteto e urbanista e com as Diretrizes Curriculares Nacionais:

Art. 6º § 3º O Trabalho de Curso será supervisionado por um docente, de modo que envolva todos os procedimentos de uma investigação técnico-científica, a serem desenvolvidos pelo acadêmico ao longo da realização do último ano do curso. (Resolução Nº 2, de 17 de julho de 2010).

Art. 9º - O Trabalho de Curso é componente curricular obrigatório e realizado ao longo do último ano de estudos, centrado em determinada área teórico-prática ou de formação profissional, como atividade de síntese e integração de conhecimento e consolidação das técnicas de pesquisa, e observará os seguintes preceitos: I - trabalho individual, com tema de livre escolha do aluno, obrigatoriamente relacionado com as atribuições profissionais; II - desenvolvimento sob a supervisão de professor orientador, escolhido pelo estudante entre os docentes do curso, a critério da Instituição. Parágrafo único. A instituição deverá emitir regulamentação própria, aprovada pelo seu Conselho Superior Acadêmico, contendo, obrigatoriamente, critérios, procedimentos e mecanismo de avaliação, além das diretrizes e técnicas relacionadas com sua elaboração (Resolução Nº 2, de 17 de julho de 2010).

O tema a ser desenvolvido no projeto de TCC é livre e deverá ser proposto pelo próprio aluno, em comum acordo com o professor orientador. O estudante deverá desenvolver, obrigatoriamente, um projeto de arquitetura e/ou urbanismo cujo resultado final deve refletir, de forma inequívoca, os conhecimentos adquiridos durante o curso.

O TCC será desenvolvido durante os dois últimos semestres do curso, nos componentes curriculares Trabalho de Conclusão de Curso I e Trabalho de Conclusão de Curso II. Cabe ao orientador definir, no início do semestre, junto com o aluno a ser orientado, um cronograma detalhado de atividades, subatividades, entregas parciais

etc., de acordo com o calendário acadêmico vigente. Esse cronograma deverá ser acordado com os alunos no primeiro encontro de orientação. O trabalho será iniciado obrigatoriamente com a elaboração da fundamentação teórica, que se constitui em um trabalho escrito desenvolvido dentro do componente TCC I, e tem o propósito de servir de embasamento conceitual e teórico para a elaboração do Estudo Preliminar e do Programa de Necessidades do projeto proposto. Ao final, o aluno apresentará o Estudo Preliminar perante uma Banca Examinadora Intermediária. A apresentação oral do trabalho é obrigatória, e ocorrerá na data especificada no cronograma da disciplina. No TCC II o aluno deverá desenvolver o Estudo Preliminar até o nível de Anteprojeto. O produto final deverá ser obrigatoriamente apresentado perante uma Banca Examinadora Final, que ocorre no final do semestre, na data especificada no cronograma. Todos os procedimentos a serem seguidos para o desenvolvimento destes dois componentes curriculares são definidos em regulamento próprio.

## 7.12 METODOLOGIAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os fundamentos das Metodologias de Aprendizagem Ativa e do uso de tecnologias educacionais com intencionalidade pedagógica são elementos importantes da filosofia educacional da UCB e figuram há muito tempo em seus documentos institucionais. Tais fundamentos consideram o estudante protagonista no processo de aprendizagem, no ensino, na pesquisa e na extensão, com foco simultâneo no “conteúdo do sujeito” e no “conteúdo da matéria”. Propõe-se, assim, uma prática educativa calcada na cooperação, interatividade, e no olhar crítico, reflexivo e criativo, comprometido com a pesquisa orientada para o desenvolvimento sustentável.

As metodologias ativas de ensino-aprendizagem são caracterizadas pelo protagonismo discente, com autonomia na construção de seu conhecimento e pela integração entre teoria/prática e ensino/serviço.

O estudante é estimulado a estabelecer relações entre suas experiências e os novos conceitos, com o objetivo de construir novos significados e novas relações. Estimular a autoaprendizagem reaviva a atenção do estudante, valorizando o que faz sentido real em sua vida profissional, inter-relacionando-a a diversos aspectos, como

intelectual e social, por exemplo. Neste sentido, o professor atua como facilitador do processo, objetivando a aprendizagem do estudante.

Desta maneira, evidencia-se o compromisso da Universidade Católica com a dimensão humana, científica, ética, técnica e social da formação dos estudantes, desde a perspectiva de desenvolvimento de competências e habilidades, organização e planejamento da estrutura curricular, programação das atividades didáticas e da avaliação do processo de ensino e de aprendizagem.

A concepção pedagógica fundamenta-se: no espírito crítico; na valorização de atitudes e estratégias problematizadoras; na inovação; na inserção do estudante na realidade local e no seu papel como protagonista do processo de ensino e de aprendizagem, que se dará em diferentes cenários, incluindo aqueles mediados pelas novas tecnologias educacionais e práticas metodológicas inovadoras.

A integração dos saberes, a centralidade na aprendizagem, a pesquisa como eixo da estruturação curricular, a extensão como partícipe do processo de construção do conhecimento e do compromisso social e a avaliação como reflexão do ensinar e do aprender são os pontos norteadores da concepção didático-pedagógica da UCB, que se assenta no tripé ensino, pesquisa e extensão.

Pretende-se, assim, oportunizar ao estudante a compreensão da sua responsabilidade pela aprendizagem no processo de ensino organizado pelo professor. Parte importante da estratégia metodológica é a adoção da concepção de aprendizagem híbrida.

A aprendizagem híbrida, ou *blended learning*, associa metodologias de aprendizagem ativa ao uso de tecnologias e estratégias da Educação a distância, alternando encontros presenciais e trabalho/estudo discente desenvolvido de forma autônoma. Um aspecto importante a se destacar é a utilização de metodologias e atividades que promovam o trabalho coletivo e colaborativo. A troca de ideias, experiências e conhecimentos qualificam o processo de ensino e ampliam o potencial de aprendizagem, além de possibilitar o desenvolvimento de importantes competências socioemocionais (trabalho em equipe, resolução de problemas, colaboração, comunicação interpessoal, mediação de conflitos, resiliência, liderança, entre outras).

Na UCB, consideramos componentes curriculares híbridos todos aqueles cuja carga horária total seja realizada em encontros semanais de 3h/a (ou 2h/a, no caso das UC de extensão). Isto implica dizer que, para além da carga horária desenvolvida

em sala de aula com o docente, o estudante deve dedicar horas de estudo e desenvolver atividades orientadas pelo docente no Plano de Ensino (nos itens pré e pós aula), a fim de cumprir a carga horária total prevista para o componente curricular. Assim, cabe ao docente a orientação para o desenvolvimento das atividades de estudo autônomo, e ao estudante a sua realização. As atividades desenvolvidas pelos estudantes de forma autônoma, por sua vez, devem ser retomadas pelo docente nas aulas presenciais, de forma a demonstrar sua integração e importância para a aprendizagem dos estudantes na disciplina.

O acompanhamento e a validação da proposta para as horas de trabalho efetivo, bem como seu registro no Plano de Ensino e no diário de classe, serão realizados no âmbito da gestão acadêmica institucional, garantindo a comprovação da integralização da carga horária da unidade curricular.

Em cada unidade curricular o docente deve, no processo de planejamento do componente curricular, o realizar a curadoria de materiais e objetos de aprendizagens disponíveis que sejam significativos para a aprendizagem discente (artigos, textos diversos, podcasts, vídeos, dentre outros recursos), e disponibilizá-los no ambiente virtual de aprendizagem. Importante considerar que estes conteúdos e atividades são complementares ao trabalho docente, e não esgotam os objetivos de aprendizagem previstos para o componente curricular.

A aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes são o foco do trabalho docente. O professor deve ter atenção especial no planejamento e na realização das práticas pedagógicas previstas a fim de que estas possam promover a aprendizagem ativa e ajudar os estudantes a desenvolver estratégias de estudo autônomo. As tecnologias educativas, o protagonismo estudantil, a aprendizagem “mão na massa”, a autoria, o engajamento, a colaboração, a criticidade e a autonomia são elementos chave do processo.

Essa iniciativa traz inúmeras vantagens. Dentre elas, possibilita:

- a. o melhor aproveitamento do tempo em sala de aula;
- b. a proposição de atividades práticas e reflexivas que conduzem à melhoria na formação dos estudantes, favorecendo a aplicação de metodologias ativas;
- c. a construção de um portfólio de atividades realizadas no semestre e organizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem, propiciando a ampliação do uso das TIC.

O fundamental dessa proposta é a percepção de que se trata de uma metodologia que valoriza a autonomia e a proatividade do estudante, em sua relação com o conhecimento, com a mediação do professor que orienta e acompanha as atividades.

Dentre as Metodologias Ativas e estratégias de ensino utilizadas na Universidade destacam-se:

- Aprendizagem Baseada em Equipes (TBL - *Team Based Learning*): método de aprendizagem ativo centrado no aluno, conduzido por instrutor especialista na área, utilizado para grandes classes que são divididas em grupos menores referidos como equipes. O primeiro pilar da metodologia é a formação das equipes que objetivam a maior diversidade possível e relativa uniformidade entre as equipes. As formações serão mantidas durante cada conteúdo disciplinar;
- Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL - *Problem Based Learning*): utilizada como elemento motivador para o estudo e momento de integração dos diferentes conteúdos curriculares. As áreas temáticas dos eixos apresentam abordagem interdisciplinar cujo conteúdo é organizado em situações problemas significantes, contextualizadas e do mundo real e fornecedora de fontes, guias e instruções para os aprendizes.
- Gamificação: tem como base a ação de se pensar como em um jogo, utilizando as sistemáticas e mecânicas do ato de jogar em um contexto fora de jogo. A gamificação abrange a utilização de mecanismos de jogos para a resolução de problemas e para motivação, explorando os níveis de engajamento do indivíduo para a resolução de problemas. A gamificação traz os feedbacks constantes, recompensas e a evolução relacionados aos níveis. Entre os benefícios estão o estímulo ao protagonismo, maior absorção de conteúdo e melhoria de desempenho
- Curricularização da extensão (*Service Learning*): metodologia ativa que coloca ensino e aprendizagem à serviço da comunidade, a fim de proporcionar experiências de aprendizado pragmáticas e progressivas, ao mesmo tempo que atende às necessidades da sociedade. Esta metodologia integra a vivência do ensino com atividades de extensão através da elaboração de projetos pelos alunos, promovendo o desenvolvimento dos acadêmicos por meio da aplicação prática dos conhecimentos.

Estratégias educacionais complementares podem ser utilizadas para promover o desenvolvimento das competências, propostas no currículo. Exemplos de métodos complementares são Treinamentos de Habilidades (TH), Estudos de Caso (EC), Estudos Dirigidos (ED), Práticas na Comunidade (PC), Projetos em Equipe (PE), Ensino-Aprendizagem autodirigido (EAAD) e Ensino-aprendizagem em Ambientes de Trabalho (EAAT). Podem, ainda, ser utilizadas ferramentas de Educação a Distância (EaD), como fóruns virtuais e chats, disponibilizados em Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA).

Nos componentes curriculares ocorrem propostas de atividades pelos docentes aos estudantes no formato de supervisão. Ou seja, atividades práticas pelos estudantes sob a supervisão dos professores com registro obrigatório pelo professor no Plano de Ensino (atividades, critérios de avaliação e prazos de entrega) e pelo estudante no Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA.

O fundamental dessa proposta é a percepção de que se trata de uma metodologia que valoriza a autonomia e a proatividade do estudante em sua relação com o conhecimento, com a mediação do professor que orienta e acompanha as atividades. Dentre as atividades que podem ser realizadas, citam-se: fóruns, wikis, produção de textos (resumos, resenhas, relatórios, entre outros), vídeos, experimentos em laboratórios, visitas técnicas, observação guiada, pesquisas, organização e participação de eventos, além de produtos específicos de cada uma das áreas de conhecimento dos cursos. Essas atividades privilegiam a transdisciplinaridade e a interdisciplinaridade uma vez que os conceitos trabalhados extrapolam os componentes curriculares e, ao mesmo tempo, fazem interconexões entre eles. O estudante aprende de forma sistêmica e não compartimentalizada.

### 7.13 PROGRAMA DE MONITORIA

Outra significativa estratégia de apoio aos processos de ensino e aprendizagem nos cursos de graduação é a consecução do Programa de Monitoria, instituído pela Portaria nº127/99, em conformidade com o proposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96 em que se prevê que os “discentes da Educação superior poderão ser aproveitados nas tarefas de ensino e pesquisa pelas respectivas instituições, exercendo funções de monitoria, de acordo com seu rendimento e seu plano de estudos.” (BRASIL, 1996).

As atividades de monitoria foram estabelecidas e aprovadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) nas Normas e Procedimentos Acadêmicos, para os Cursos de Graduação, e consubstanciadas na Resolução 65/2007, regulamentando, norteadando e assegurando as bases de execução do Programa de Monitoria, reafirmando ainda sua relevância como espaço efetivo de ensino e de aprendizagem.

O referido programa é gerido pela Coordenação Acadêmica de Graduação Presencial da UCB, onde semestralmente são publicados editais de seleção dos monitores, bem como a Portaria Institucional formalizando tal atividade.

#### 7.14 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM E O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM (AVA)

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) representam um conjunto de recursos tecnológicos auxiliares aos processos educacionais, aos informacionais e aos comunicativos visando maior qualidade do ensino, do planejamento e da gestão. Neste contexto, o ambiente tecnológico se torna um espaço privilegiado de pesquisa, de interação e de compartilhamento, abrindo ricas possibilidades de produção de conhecimento estimulando uma postura diferenciada de professores e estudantes acarretando mudanças significativas nos processos educacionais.

Para usufruir destes benefícios professores e a estudantes devem adquirir novas habilidades, que se convergem no cotidiano das salas de aula, visando o avanço e a compreensão da importância da participação de ambos no processo de aula-pesquisa-intervenção e na utilização das tecnologias como suporte à aprendizagem.

Aos professores é necessário demonstrar aos estudantes a relevância de aprender a aprender, incentivando-os a gerenciar o volume de informações disponíveis, principalmente avaliando sua qualidade; a trabalhar em equipe; a gerenciar o tempo e; a compreender e interpretar mensagens diversas. As aulas se transformam em processos contínuos de pesquisa e de comunicação, nos quais se dá a construção do conhecimento em um equilíbrio dinâmico entre o individual e o

grupais, entre o professor-mediador e estudantes-participantes-ativos. Nessa perspectiva, o papel do professor é o de facilitador do processo de aprendizagem. Cabe a ele adotar abordagens diferenciadas que não se limitem à exposição teórica e que permitam aos estudantes migrarem do status de consumidores de conhecimento para produtores de conhecimento.

Vislumbramos uma Educação cada vez mais voltada para a pesquisa, para processos abertos de gerenciamento e soluções de problemas educacionais, no qual o grupo cooperativo cumpre um papel central, para que a autonomia e a autoria dos estudantes sejam a principal meta na aprendizagem.

Como estratégia de suporte, registro e consolidação das aprendizagens, a União Brasileira de Educação Católica (Grupo UBEC) migrou de uma plataforma AVA gratuita para o D2L *Brightspace*, um sistema de gerenciamento de aprendizagem (LMS, na sigla em inglês) de uma multinacional canadense presente no Brasil desde 1999. A plataforma proporciona maior previsibilidade em relação à tecnologia, maior escalabilidade e estabilidade, além da possibilidade de oferecer melhor experiência para alunos e professores com uma plataforma responsiva.

Por meio do AVA o aluno pode acessar materiais interativos, como web aulas e livros digitais, interagir com professores e demais estudantes por meio recursos de interação, que permitem a rápida localização dos agentes envolvidos no processo de formação do estudante, além de realizar avaliativas e colaborativas. Tem à disposição documentos relativos ao seu curso e às disciplinas, tais como manuais com regras avaliativas, cronogramas de interações e, principalmente, o plano de ensino da disciplina. Além disso, o aplicativo *Brightspace Pulse* permite o acesso em outros dispositivos, como smartphones e tablets.

Também é disponibilizado recursos de contas Microsoft para todos os docentes e estudantes. Esta estratégia viabiliza a continuidade, a qualificação e a validação das aprendizagens que ocorrem na Universidade e fora dela, explorando diferentes recursos para o desenvolvimento e o engajamento do corpo discente.

Outro importante recurso disponível para os estudantes é o acesso à Minha Biblioteca, uma base de livros eletrônicos em português que oferece acesso a milhares de livros técnicos, científicos e profissionais de qualidade das principais editoras acadêmicas do país. Além das TICs que potencializam e enriquecem o processo de ensino-aprendizagem, existem ferramentas que contribuem para facilitar a jornada acadêmica, oferecendo, tudo que o aluno precisa, ajudando a comunicar a

este os principais marcos e acontecimentos do semestre e do seu curso. Destacamos o Portal do Aluno, por meio do software Educonnect e a Plataforma de Trabalhabilidade e Carreiras, a *Workalove*.

Em vistas a gerir as ferramentas tecnológicas e a mantê-las sempre alinhadas a eficientes preceitos metodológicos, a UBEC criou o Núcleo de Inovação e Tecnologia Educacional - NITE, para garantir à oferta de um modelo acadêmico isento de qualquer obstáculo quanto à acessibilidade tecnológica, promovendo o desenvolvimento de métodos, teorias e técnicas de ensino/aprendizagem que acolhem e incluem seus alunos nas mais diferentes necessidades.

O NITE trata-se de um ambiente voltado a criação e manutenção de tecnologias a partir de uma equipe multidisciplinar, composta por especialistas e docentes, tendo como principais atribuições: incentivar e colaborar com a inserção da tecnologia de informação e comunicação no seu Projeto Político Pedagógico; promover ações de formação continuada de professores e estudantes para uso dos recursos de forma autônoma e independente; acompanhar e avaliar os processos relacionados à inserção e inclusão das TICs; dentre outras ações.

Dessa forma, promovemos a todos as ferramentas, mas também formas de as utilizar com eficiência, garantindo um ambiente confortável e inspirador para crescimento contínuo do uso das TICs.

## 7.15 SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

O processo educativo promovido pela UCB considera que, do ponto de vista pedagógico, cada estudante traz consigo conhecimentos prévios, concepções e percepções que devem ser consideradas no processo de aprendizagem, a qual não pode ser vista como um produto, mas como um processo que requer e estimula competências, como as de refletir, analisar, interpretar, comparar, criar, argumentar, concluir, processar, questionar, solucionar. Nesse sentido, a avaliação deve ser aplicada como prática de retorno, de revisão de conteúdos, de visualização do erro no processo, momento especial de retomada do aprendizado e de redirecionamento da atuação de professores e estudantes.

Ao longo do curso, os mecanismos de avaliação, em coerência com as metodologias ativas utilizadas ao longo dos componentes curriculares, são dispostos

na forma de avaliações teóricas e práticas, estudos de casos clínicos interdisciplinares, seminários, relatórios, outras modalidades de avaliação. A participação do estudante nas atividades também é considerada no momento da construção do seu conceito final. Além da avaliação de conteúdos específicos a cada semestre, a integração entre estes também é avaliada, visando à valorização de uma visão crítica do conhecimento.

Dessa forma, a avaliação da aprendizagem do estudante se constituirá de testes, avaliações escritas individuais teóricas ou práticas, seminários, trabalhos, projetos, desenvolvimento de produtos e outros meios que possibilitem a verificação de seu progresso ao longo de cada componente curricular. Todos os resultados parciais serão comunicados aos estudantes por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), obedecendo ao prazo máximo de até 15 dias após sua realização para que possa acompanhar seu próprio progresso ao longo do semestre.

A nota mínima para aprovação é 7,0, associada ao requisito mínimo de 75% de frequência do estudante, resguardadas as especificidades de componentes curriculares que podem ampliar tais exigências, como TCC e Estágios Supervisionados. A avaliação é descrita em notas de 0 a 10, fracionada em múltiplos de 0,1. São realizadas, no mínimo, duas avaliações diferentes ao longo do semestre, sendo uma delas avaliação individual. O peso das avaliações individuais deve representar o mínimo de 60% da nota de cada componente curricular.

No caso de componentes curriculares com conteúdo gamificado, para valorizar o engajamento dos estudantes nas atividades no AVA, os docentes devem seguir a orientação de atribuir de 10 a 30% da nota final do estudante ao seu desempenho na plataforma.

## **8 SISTEMÁTICA DE AVALIAÇÃO DO CURSO: AUTOAVALIAÇÃO INSTITUCIONAL, DO CURSO E AVALIAÇÕES EXTERNAS**

Os cursos da UCB são submetidos à autoavaliação desde os anos de 1996. Ao longo de todo esse tempo, a Universidade vem desenvolvendo melhorias no processo e cuidando da relação com a comunidade interna e externa, para que melhor subsidie suas decisões estratégicas.

Com a lei do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), publicada em 2004, as Comissões Próprias de Avaliação (CPA) passaram a ser uma determinação e a UCB reestruturou o processo instituindo sua CPA de acordo com as determinações da regulação.

A Comissão Própria de Avaliação (CPA/UCB) foi criada pela Portaria/Reitor UCB nº 154/04, de 27/5/2004 e revisada pela Resolução CONSUN nº 15/2010, de 25/6/2010. Em cumprimento ao que determina a Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, a comissão é autônoma em relação a conselhos e demais órgãos colegiados existentes nesta Universidade. É integrada por profissionais e cidadãos com reconhecida capacidade e idoneidade para colaborar com a Universidade, representando os seguintes segmentos: I - Corpo Docente, II - Corpo Discente, III - Corpo Técnico-administrativo (Comunidade Universitária UCB) e IV - Sociedade Civil Organizada, sendo composta por:

- 3 representantes do Corpo Docente;
- 2 representantes do Corpo Discente;
- 3 representantes do Corpo técnico-administrativo;
- 2 representantes da Sociedade Civil Organizada.

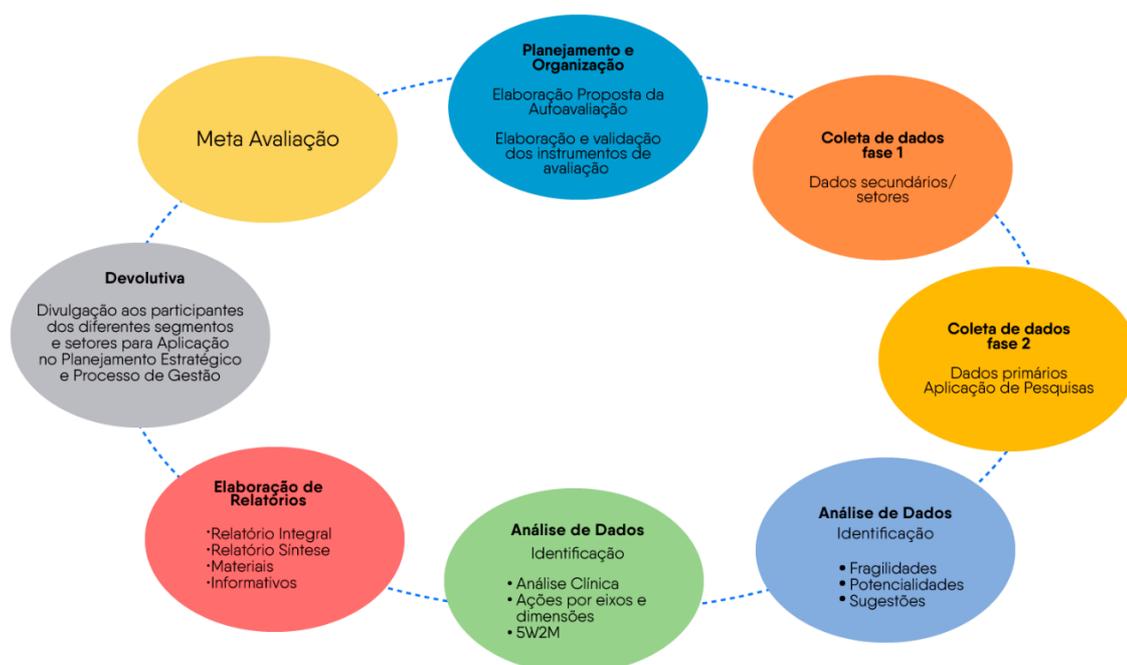
A CPA estruturou instrumentos de autoavaliação para que fossem aplicados semestralmente. Os instrumentos avaliam: os serviços terceirizados; a estrutura de apoio ao ensino (englobando infraestrutura e biblioteca) e o ensino/aprendizagem, utilizando-se de 3 modelos, um para o docente, outro para o discente e outro para técnicos administrativos. Os instrumentos vêm sendo melhorados ao longo do tempo e do desenvolvimento dos trabalhos, com reuniões da CPA e outros eventos relativos. Assim, além de atender às normas federais, orienta-se pelo Projeto Pedagógico Institucional (PPI), Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e Planejamento Estratégico (PE) e Instrumentos Avaliativos externos, articulando aspectos políticos, estratégicos e operacionais da evolução Institucional.

A autoavaliação da UCB, em consonância com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da IES, constitui um processo de autoconhecimento conduzido pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), mas que envolve todos os sujeitos que atuam na Instituição, a fim de analisar as atividades acadêmicas desenvolvidas.

Neste sentido, a autoavaliação se constitui como um processo de indução de qualidade da Instituição, que deve aproveitar os resultados das avaliações externas e as informações coletadas e organizadas a partir do PDI, transformando-os em conhecimento e possibilitando sua apropriação pelos atores envolvidos. Afinal, as ações de melhoria a serem implementadas pela Instituição dependem de sua própria compreensão, de seu autoconhecimento.

A Comissão Própria de Avaliação da UCB utiliza uma metodologia processual, contínua e cíclica de Autoavaliação, que busca atender às perspectivas da Universidade, ao mesmo tempo em que se mantém focada nas orientações do Sistema Nacional de Avaliação (SINAES). Tal metodologia apoia-se no envolvimento de toda a comunidade, que participa fornecendo dados, recebendo a devolutiva das informações geradas pela CPA e auxiliando na análise destas, a fim de que sejam evidenciadas as potencialidades e fragilidades de cada dimensão.

FLUXOGRAMA 01 – Avaliações institucionais



Fonte: UCB

Os períodos de aplicação são amplamente divulgados para a comunidade acadêmica, por meio das redes sociais, intranet, e-mail marketing, cartazes etc., visando à participação de todos.

Após o período de aplicação, a CPA prepara o relatório e as devolutivas pelos para a comunidade interna e externa pelos mesmos canais de divulgação, além do CPA Day, momento voltado para que os setores da instituição conversem com os estudantes sobre os resultados. A CPA também se utiliza da ferramenta 5W2H, definindo as tarefas e os responsáveis por elas, de maneira seja evidenciado com clareza a necessidade, ou não, de uma mudança, e formular um plano para alcançar esse objetivo.

Outra avaliação Institucional de grande importância para os cursos de Graduação é o Sistema Interno de Avaliação do Estudante (SIAE), que tem como objetivo avaliar o desempenho do estudante em formação nos Cursos de Graduação (Licenciaturas, Bacharelados e Tecnológicos). O SIAE está ancorado na proposta geral do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE), art. 5º da lei nº10.861 de 14/04/2004, qual seja a de avaliar o desempenho dos estudantes em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares, bem como as habilidades e competências para a atualização permanente e os conhecimentos sobre a realidade brasileira, mundial e sobre outras áreas do conhecimento (Portaria nº 211, art. 1º. de 22/06/2012).

Com o intuito de alcançar o melhor acompanhamento dos estudantes, o SIAE se fundamenta na proposta de uma avaliação interna, diagnóstica e integrada ao processo de ensino e de aprendizagem, numa perspectiva projetiva. É um instrumento direcionado à avaliação do desenvolvimento das competências dos estudantes em suas áreas específicas de formação, por meio da aplicação do exame para aqueles que já possuem 50% ou mais de carga horária concluída. Os resultados possibilitam a revisão da formação dos estudantes em um movimento permanente de melhoria do processo educativo.

Os cursos participam do Sistema Interno de Avaliação do Estudante (SIAE) conforme o calendário do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). Como regra geral, essa avaliação deve ser priorizada em relação a outras formas de avaliação realizadas por iniciativa dos cursos.

A análise da participação dos estudantes na prova SIAE gera relatórios, entregues às Coordenações de Curso, com resultados do desempenho dos

estudantes. Esses resultados servem de apoio à gestão e visam à implementação de ações para a melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

Ademais, os cursos são recorrentemente avaliados externamente, conforme prevê o SINAES. Os resultados obtidos são, sem dúvida, balizadores para melhorias nos projetos pedagógicos dos cursos a partir das reflexões, análises e acompanhamentos realizados pelo Núcleo Docente Estruturante e Colegiado do curso.

## 9 CORPO DISCENTE

### 9.1 FORMAS DE INGRESSO

O ingresso ao Curso, conforme consta nas Normas e Procedimentos Acadêmicos e nos Editais dos processos seletivos, poderá ocorrer por diversas formas a saber:

- Processo seletivo para acesso ao Ensino Superior: vestibular ou nota do ENEM;
- Programa Universidade para Todos (ProUni, Lei nº 11.096, 13 de janeiro de 2005);
- transferência;
- transferência *ex-officio*;
- portador de Diploma.

### 9.2 REGISTRO ACADÊMICO

A comunidade acadêmica, para acesso aos registros acadêmicos, está organizada em grupos/perfis, identificados por código de acesso único (RA/ID).

Os estudantes possuem acesso exclusivamente via Portal do Estudante, para informações relativas à sua Vida Acadêmica (Histórico Escolar, Declarações, Renovação de Matrícula, Dados Cadastrais etc.). Fisicamente, a documentação do estudante está arquivada em pastas suspensas, ordenadas cronologicamente pelo “Registro Acadêmico do Estudante” (RAA) regularmente matriculado ou ainda vinculado ao Curso, além de compor o acervo digital da Secretaria Acadêmica. A Documentação dos Estudantes Formados, Desligados e ou Cancelados, estão armazenadas em envelopes numerados e caixas do tipo “Box”. O acesso a este acervo é restrito.

Os professores contam com os recursos do Portal Institucional para o relacionamento com as suas turmas durante o período letivo e realização dos registros de acompanhamento do processo de ensino e de aprendizagem. Pelo Portal o docente registra a frequência, as atividades realizadas com as turmas, e lança os

resultados finais. No AVA e por meio de outros recursos tecnológicos os professores podem entrar em contato com a turma e enviar material de apoio à aprendizagem.

Os gestores (Coordenadores) acessam o sistema e possuem permissões para consulta às informações acadêmicas do Curso para análise e validação de diferentes processos acadêmicos como o aproveitamento de disciplinas, análise de proficiência, revisão de notas, entre outros.

Funcionários administrativos lotados na Secretaria Acadêmica, no Atende ou áreas estratégicas da instituição também têm acesso às ferramentas e relatórios do Sistema, conforme perfil, para consulta de dados, orientação aos discentes e andamento de processos acadêmicos, sempre orientados pelas diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD).

### 9.3 APOIO E ATENÇÃO AO DISCENTE

A proposta Institucional da Universidade Católica de Brasília visa proporcionar ao discente a atenção e o apoio necessários ao acesso a uma trajetória acadêmica de aprendizado representada numa formação profissional integral e ética. Para tanto reforça seu compromisso com práticas educacionais e assistenciais que fomentam o acolhimento, a inclusão, o cuidado e o humanismo solidário. As atividades configuradas para promoção da inclusão e atenção aos discentes visam ainda o fortalecimento de redes, pessoais e institucionais, de forma a fomentar a qualidade das relações interpessoais e coletivas para além do espaço universitário.

Para isso a UCB investe na configuração e funcionamento do Núcleo de Inclusão e Orientação Psicopedagógica (NIOP), estruturado para oferecer a experiência da vivência acadêmica de forma produtiva e interativa, proporcionando a formação integral dos estudantes.

O Núcleo está estruturado para a oferta de ações de acolhimento e acompanhamento de estudantes que identificam desafios de natureza psicopedagógica, proporcionando espaços coletivos e/ou individuais para atividades de orientação pedagógica e reorientação profissional, que visam contribuir para um melhor aproveitamento acadêmico.

As atividades do Núcleo estão organizadas e direcionadas de forma a proporcionar uma rotina de avaliação, acompanhamento e enfrentamento de

possíveis dificuldades que se apresentem ao processo de ensino-aprendizagem, em especial ocorrências que comprometam ou inviabilizem a aquisição de novos conhecimentos, habilidades, atitudes e competências a serem desenvolvidas na formação discente.

O Núcleo oferece ainda uma atenção diferenciada e proporcional aos estudantes que, em situação de deficiência e/ou vulnerabilidade necessitam de estratégias específicas de acessibilidade, seja esta de natureza comunicacional, metodológica, digital, instrumental etc.

O Núcleo conta com uma equipe multidisciplinar e qualificada, e visa com isso ofertar atividades e serviços de atenção e acompanhamento de discentes, com o objetivo de avaliar conjuntamente suas dificuldades, em especial as de natureza acadêmica. A partir da identificação e mapeamento de situações que podem comprometer e/ou impossibilitar o processo de ensino-aprendizagem é possível traçar estratégias de intervenção e acompanhamento que possam assegurar o desenvolvimento profissional e pessoal discente, assim como qualificar as práticas docentes.

As ações executadas no contexto do NIOP podem se configurar em atividades individuais ou coletivas de apoio e orientação psicopedagógicas, assim como atividades de promoção de saúde e de fortalecimento das práticas educacionais, como a realização de oficinas pedagógicas, rodas de conversa, intervenções psicossociais, dentre outros. Tais atividades têm por objetivo a melhoria do desempenho acadêmico, social e emocional da comunidade acadêmica em geral, podendo contar para isso com membros da comunidade acadêmica mediante articulações institucionais assim como com parcerias externas.

Considerando ainda que o apoio discente, no que tange ao processo de ensino-aprendizagem, exige a articulação com os docentes responsáveis pelo acolhimento a tais estudantes, o NIOP tem ainda como finalidade a oferta de suporte e assessoria ao corpo docente em práticas pedagógicas inclusivas. Esse suporte pode ser ofertado por meio de orientações e sugestões de estratégias de adequações pedagógicas, com a finalidade de acompanhar a inclusão dos estudantes com necessidades educacionais diferenciadas.

A Universidade Católica de Brasília reforça seu compromisso com a implementação de políticas de inclusão e acessibilidade ao estabelecer, conforme previsto na Lei 13.146/2015, que os projetos pedagógicos dos diversos cursos

contemplem de forma Institucional a garantia do acesso ao atendimento educacional especializado. Esse atendimento, representado nos diferentes serviços ofertados pelo Núcleo de Inclusão e Orientação Psicopedagógica, visa organizar e proporcionar as adaptações necessárias para atendimento dos discentes com algum tipo de deficiência ou necessidade educacional diferenciada, de forma a garantir “o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia” (BRASIL, 2015).

Cumprido registrar que as estratégias de acessibilidade implementadas pelo Núcleo junto aos diferentes setores da Universidade são configuradas a partir do entendimento e definição da Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Decreto n.º 6.949/2009) e a Lei Brasileira de Inclusão (Lei n.º 13.146/2015), que assegura que “pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”.

Sendo assim, toda a proposta de acompanhamento e adaptações razoáveis e necessárias é configurada pela equipe do Núcleo, em parceria com os respectivos discentes, de forma a assegurar sua participação ativa em todo o processo, reforçando com isso a necessidade do fomento a sua autonomia e participação ativa. Nesse sentido, o Núcleo trabalha em prol das necessidades e recursos identificados pela equipe multidisciplinar juntamente com o discente, sendo as estratégias periodicamente reavaliadas a partir dos resultados, assim como desafios encontrados.

O objetivo inicial do Núcleo é o de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos em todas as atividades que compõem o seu processo de ensino aprendizagem. É imprescindível como estratégia de fomento à autonomia que a própria pessoa com deficiência, neste caso o discente, indique o que é relevante para a acessibilidade com base em sua experiência. A razoabilidade das adaptações necessárias deve estar diretamente vinculada ao atendimento das necessidades específicas da pessoa com deficiência.

Em linhas gerais, é importante que as ações do NIOP visem assegurar estratégias e serviços que ofereçam condições de acessibilidade considerando o princípio da acessibilidade como as ações que garantam a igualdade de direitos e a

equidade de oportunidade às pessoas com deficiência. Para tanto é fundamental que as ações de acessibilidade contemplem os seguintes aspectos:

- acessibilidade instrumental: tem por objetivo assegurar o acesso aos diferentes recursos de tecnologia assistiva considerando a avaliação prévia das necessidades de cada discente acompanhado pelo Núcleo. A utilização de tais recursos assistivos, assim como das adaptações necessárias visam tão somente reduzir ao máximo as dificuldades de acesso a ferramentas e instrumentos de estudo, trabalho e interação sociocultural para o discente no contexto da rotina acadêmica;
- acessibilidade metodológica: as intervenções e o suporte ofertados aos docentes em suas respectivas práticas pedagógicas visam garantir esse tipo de acessibilidade aos discentes, considerando a necessidade de adaptação de metodologias de ensino, práticas laborais e atividades comunitárias, de forma a assegurar a participação ativa e formativa de todos os discentes envolvidos em cada componente curricular;
- acessibilidade digital: sempre que necessário e conforme o princípio da razoabilidade, a instituição têm por responsabilidade viabilizar o acesso dos discentes aos recursos e ferramentas tecnológicas e físicas e que envolvam o uso de equipamentos, seja proporcionando as adaptações necessárias e/ou oferecendo alternativas compatíveis;
- acessibilidade atitudinal: inclui ações de fomento à diversidade e à inclusão como estratégias de enfrentamento de atitudes estereotipadas e preconceituosas que possam comprometer a qualidade das interações interpessoais e institucionais no contexto da vida acadêmica dos discentes em geral. A qualidade da vida acadêmica está diretamente relacionada a um ambiente Institucional que fomente a solidariedade, a fraternidade e a comunhão entre os diferentes;
- acessibilidade comunicacional: apoio à implementação de ações que utilizem e reforcem diferentes estratégias de fomento à comunicação, com o uso de linguagens diversificadas, claras e acessíveis. Tais ações favorecem o acesso às informações compartilhadas, assim como a interação com as mesmas e a devida contribuição para a formação integral de todos os membros da comunidade acadêmica;

- acessibilidade arquitetônica: Eliminação das barreiras ambientais físicas nas residências, nos edifícios, nos espaços e equipamentos urbanos;
- acessibilidade pedagógica: Ausência de barreiras nas metodologias e técnicas de estudo. Está relacionada diretamente à concepção subjacente à atuação docente: a forma como os professores concebem conhecimento, aprendizagem, avaliação e inclusão educacional irá determinar, ou não, a remoção das barreiras pedagógicas.

Dentre as várias ações de acessibilidade desenvolvidas no âmbito do NIOB é possível identificar: a organização e preparação da infraestrutura logística e física junto aos demais setores e serviços da Universidade, de forma a assegurar e disponibilizar o apoio necessário quando de ações específicas, bem como promover conhecimentos sobre acessibilidade.

A adequação curricular deverá ser produzida de forma individual a partir da configuração e avaliação das necessidades educacionais diferenciadas, apresentadas pelo estudante e em consonância com a avaliação da equipe técnica do NIOB, da participação de docentes e Coordenação do respectivo Curso ao qual o estudante esteja vinculado, e dos recursos institucionais disponíveis.

Em linhas gerais, a adequação a ser proposta e organizada pelo NIOB com os estudantes com necessidades educacionais diferenciadas deverá contemplar duas grandes referências, entendendo que as adequações se caracterizam como respostas educacionais de enfrentamento às dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes. Podem ser caracterizadas com adequações pontuais e transitórias aplicadas a situações cotidianas do cenário universitário, ou exigir recursos diferenciados e/ou de longo alcance frente a dificuldades mais intensas e persistentes.

Em linhas gerais os objetivos da adequação curricular devem compreender um processo de “planificação pedagógica” (BRASIL, 2003) a partir da avaliação conjunta da equipe técnica com os estudantes e os respectivos docentes e coordenações de curso de forma a conjuntamente definirem claramente:

- o que o aluno deve aprender;
- como e quando aprender;
- a identificação das formas de organização de ensino mais eficientes para o processo de aprendizagem;
- como e quando avaliar o estudante.

Os pontos de partida para essa avaliação e conseqüente proposição das adequações curriculares necessárias serão: o Projeto Pedagógico do respectivo curso ao qual o estudante está vinculado, assim como as respectivas Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação profissional correspondente. As adequações curriculares deverão ser propostas e operacionalizadas a partir da interação entre as necessidades do estudante e os recursos e possibilidades institucionais disponíveis e indicadas pela equipe técnica do NIOP. Essa adequação pode ser progressiva e regular tendo como finalidade o favorecimento da promoção de autonomia e independência do estudante frente ao seu processo de aprendizagem e a sua formação profissional.

Cumprido destacar que as ações de inclusão e atenção ao discente realizadas pelo Núcleo visam contemplar os discentes durante toda a sua trajetória acadêmica. O acompanhamento deve ser feito durante todo curso, mediante a formalização do cadastro discente junto ao NIOP e a apresentação de laudo/relatório médico atualizado (com validade de 1 ano, exceto em casos de deficiências sensoriais e físicas).

A partir do cadastro formal do discente junto ao Núcleo os respectivos Coordenadores(as) e docentes que acompanham semestralmente os discentes em seus cursos e disciplinas são informados sobre as necessidades educacionais desses estudantes. O informe visa orientar e acompanhar os docentes na necessidade de adequação e adaptação de suas respectivas práticas pedagógicas de tal forma a assegurar que a pessoa com deficiência possa gozar ou exercer, em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas, todos os direitos e liberdades fundamentais.

É fundamental que estratégias de acompanhamento e avaliação da implementação e fomento às diferentes ações de acessibilidade citadas sejam realizadas com a regularidade necessária para garantir a qualidade nos serviços prestados, e/ou os ajustes necessários. Reforçando sempre que possível a necessidade do desenvolvimento da consciência inclusiva na Universidade e para além dela.

Além do NIOP, a UCB disponibiliza para a comunidade acadêmica outros serviços que visam acolher, e dar apoio e atenção ao discente de maneira a viabilizar uma vida acadêmica que lhe permita explorar todo seu potencial, e cujo foco seja de fato a formação integral desse estudante.

A própria concepção pedagógica dos cursos contribui para que o estudante receba toda a atenção de que necessita logo ao chegar à Universidade. Os componentes curriculares nos primeiros semestres trazem em sua gênese a proposta de que o estudante será acolhido em um contexto diferenciado de estudo, que é a Educação Superior e, dessa forma, terá uma visão do que é Universidade e condições de compreender os sentidos da formação acadêmica, ambientando no espaço da Universidade e conhecendo as melhores práticas de comunicação no meio acadêmico.

O estudante é, ainda, estimulado a participar de eventos internos e externos e de projetos de pesquisa e/ou extensão que irão compor sua formação acadêmica como componente curricular, tendo carga horária reconhecida para a integralização de seu curso. Eventos e atividades acadêmicas de relevância são divulgados pelos cursos a seus estudantes, bem como as possibilidades de intercâmbio.

No que tange ao processo de intercâmbio, os cursos contam com o apoio da Assessoria de Desenvolvimento Institucional, que tem como missão estimular o processo de internacionalização da Universidade Católica de Brasília. O estudante participante de tais programas é beneficiado com a isenção de taxas escolares durante sua permanência no exterior. Outro instrumento de estímulo para a participação dos estudantes em ações de mobilidade internacional é a oferta de bolsas de estudo em parceria com instituições conveniadas à UCB.

A UCB conta também com o Projeto de Relacionamento Estudantil (PRELEST) tem por objetivo contribuir para a articulação e formação política e cidadã dos estudantes, em uma perspectiva de fortalecer o movimento estudantil na UCB, através de projetos de formação, de espaço de diálogo e reflexão sobre as questões fundamentais que envolvem a Educação Superior e a Universidade, tendo em vista uma Educação de qualidade e o protagonismo juvenil. O PRELEST apoia e acompanha as ações das entidades estudantis: Centros e Diretórios Acadêmicos, Ligas Acadêmicas e Associações Atléticas. A Pró-Reitoria Acadêmica e os cursos são responsáveis pelo suporte às ações de mobilização e representação estudantil.

Os Centros e Diretórios Acadêmicos tratam dos interesses; apresentam e discutem ideias; reúnem os estudantes; solucionam problemas; reivindicam direitos, realizam acolhimentos aos calouros e podem promover eventos em parceria com a coordenação dos cursos.

As Ligas Acadêmicas são constituídas por meio de grupos de estudantes com interesse acadêmico comum que se reúnem para realizar atividades práticas e teóricas sobre um Tema ou Unidade Curricular do curso de origem, sob supervisão de um ou mais docentes da UCB. As ações consistem em criar grupos de estudos; organizar e ofertar palestras, minicursos e ações solidárias, em consonância com a coordenação dos cursos.

Outra modalidade de agremiações são as Associações Esportivas, conhecidas como Atléticas, formadas por grupos de estudantes atletas, organizadas por curso ou universidade, sob a liderança da Liga Geral da UCB. A Liga Geral tem o objetivo de acompanhar, orientar e apoiar às associações atléticas da UCB nas atividades esportivas e encaminhamentos às autoridades. Já as Atléticas fomentam o esporte no âmbito dos cursos e da Universidade, promovem a participação dos estudantes em jogos universitários e selecionam equipes de diversas modalidades.

Todos os cursos de Graduação da UCB elegem representantes de semestre, buscando promover a escuta ativa dos seus estudantes. A representação de semestre é exercida, única e exclusivamente, em ambientes acadêmicos da UCB. A UCB destaca de modo específico, as seguintes contribuições da função de representante de semestre:

- a) permitir a participação do corpo discente, de maneira mais intensa, no processo acadêmico;
- b) viabilizar a representação os alunos junto à Coordenação de Curso e aos outros setores da UCB, por delegação do coordenador;
- c) ampliar e facilitar a comunicação entre o corpo discente e os docentes, coordenação e direção.

Em relação ao acompanhamento de egressos, a Universidade Católica de Brasília segue os princípios de relacionamento continuado e de parceria pedagógica estratégica. O princípio de relacionamento continuado (PRC) refere-se ao postulado de que o acompanhamento dos egressos é apenas uma das etapas de um processo ou sistema de relacionamentos da Instituição. Esse processo ou sistema inicia-se ainda antes da entrada do estudante na UCB, na parceria entre Escolas de Educação Básica e os Cursos. A segunda etapa dá-se quando da passagem do estudante pela instituição. A terceira consiste na oferta de serviço de apoio dado especificamente aos estudantes da Graduação, atendendo às especificidades de cada um deles. Por fim, a última etapa do processo de relacionamento continuado consiste no

acompanhamento dos egressos, por meio da manutenção de vínculo com a Universidade.

O princípio de Parceria Pedagógica Estratégica (PPE) é referente ao postulado de que o protagonismo do estudante (preconizado pelos fundamentos das metodologias de aprendizagem ativa) não é interrompido ou finalizado com a cerimônia de colação de grau. Na UCB, os egressos são concebidos e tratados como um rico cabedal de conhecimentos sobre a Universidade e seus cursos, sobre o mercado de trabalho e as demandas da sociedade, e sobre os diferentes setores da economia nos quais os egressos estão diretamente inseridos e atuando.

Pelas razões acima, o capital de conhecimento dos egressos é tido na UCB como insumo fundamental para retroalimentar o seu sistema de ensino e de aprendizagem e para o repensar de suas práticas didático-pedagógicas, de pesquisa e de extensão. Desse modo, os egressos são vistos não como “ex-estudantes”. Para muito além disso, são tidos como “parceiros” privilegiados da Instituição, a qual beneficiam e por meio da qual são beneficiados.

A operacionalização da política de acompanhamento de egressos dos cursos de Graduação da UCB se dá por meio de quatro canais ou ferramentas:

- a) Encontros e participações de egressos e concluintes em atividades dos Cursos – estimulados Institucionalmente, promovendo entre os estudantes do curso a divulgação e a troca de experiência com profissionais egressos de destaque no mercado de trabalho, por um lado, e fortalecendo o vínculo e favorecendo a formação continuada, por outro;

#### 9.4 OUVIDORIA

Outro serviço de apoio que merece destaque é a Ouvidoria, uma instância de constante diálogo com a comunidade acadêmica, recebendo e encaminhando para soluções as manifestações desta. Cabe à Ouvidoria administrar com independência, imparcialidade e autonomia toda a demanda do setor, dialogando constantemente com os demais gestores, tanto da área acadêmica quanto da administrativa e outros agentes externos na busca de respostas e soluções às questões que lhe são formuladas.

## 9.5 POLÍTICAS DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

Segundo a legislação brasileira, o termo acessibilidade é definido como “possibilidade e condição de alcance para utilização, como segurança e autonomia, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos transportes e dos sistemas e meios de comunicação, por pessoa com deficiência” (BRASIL, 1994).

A partir dessa definição, pode-se considerar que um espaço construído, quando acessível a todos, é capaz de oferecer oportunidades igualitárias a seus usuários. Sabe-se que a dificuldade de acesso não se restringe apenas aos usuários de cadeira de rodas, pessoas com deficiência auditiva, visual ou intelectual, mas também àqueles que possuem mobilidade reduzida temporária, gerada por fatores como idade, gravidez e lactantes.

Semestralmente, são verificadas as condições de acessibilidade dos espaços de uso e passagens de áreas livres da UCB, seguindo orientações das normas de acessibilidade NBR 90/50. Isso contribui para que os setores específicos que cuidam da infraestrutura façam a manutenção adequada das rotas de passagens da pessoa com deficiência física, por exemplo, ou para a verificação e ajuste de qualquer barreira nas edificações e mobiliário.

A Universidade Católica de Brasília atende aos critérios de acessibilidade especificados na Portaria Federal Nº 3.284/2003 e do Decreto 6581/08, possibilitando ao estudante, ao colaborador e ao público com deficiência, autonomia nos espaços de aprendizagem, de atendimento ao público e nas demais áreas do espaço acadêmico.

Em atendimento a essa demanda por inclusão e permanência de seus estudantes, a UCB oferece inúmeras ações, criando as condições para que todos usufruam em plenitude de todas as oportunidades de aprendizagem e formação. Os “Referenciais de Acessibilidade para a Educação Superior e a avaliação *in loco* do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior” (BRASIL, 2013, p. 36-39) apresentam um quadro síntese com o espectro de acessibilidade, sua definição e prática/exemplos relacionados às IES, o qual reproduzimos abaixo, indicando as ações realizadas Institucionalmente para atender aos requisitos legais previstos no documento em epígrafe:

QUADRO 06 – Acessibilidade

Espectro de Acessibilidade	Definição	Ações empreendidas
<b>Acessibilidade atitudinal</b>	<p>Refere-se à percepção do outro sem preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações. Todos os demais tipos de acessibilidade estão relacionados a essa, pois é a atitude da pessoa que impulsiona a remoção de barreiras.</p>	<p>A UCB investe constantemente em sua infraestrutura para o atendimento aos estudantes com necessidades específicas, em campanhas que tratam da diversidade, e em programas e projetos de extensão que atendam à comunidade interna e externa, promovendo, dessa forma, uma convivência saudável e respeitosa entre seus diversos atores sociais.</p> <p>Há uma evidente preocupação Institucional com a formação de valores em seus estudantes. O cuidado e o acolhimento com vistas à inclusão antecedem à chegada do estudante à instituição que recebe tratamento diferenciado desde o processo seletivo seja na oferta de ambiente adequado, no acompanhamento profissional quando da realização da prova, nos recursos físicos para acesso à avaliação até a correção das provas.</p> <p>Toda a comunicação com a sociedade, por meio de seu portal, oferece condições de acessibilidade visual. Em as palestras abertas ao público interno e externo contam com intérpretes de LIBRAS e acessibilidade física em seus ambientes.</p> <p>A UCB também atende à legislação no que diz respeito à contratação de profissionais com deficiência.</p>
<b>Acessibilidade arquitetônica</b>	<p>Eliminação das barreiras ambientais físicas nas residências, nos edifícios, nos espaços e equipamentos urbanos.</p>	<p>O espaço físico da UCB foi projetado para atender a diferentes necessidades de sua comunidade acadêmica, contando com:</p>

Espectro de Acessibilidade	Definição	Ações empreendidas
		<ul style="list-style-type: none"> <li>- rampas de acesso em vários pontos da área externa da Universidade e, na área interna dos edifícios, rampas ou elevadores, possibilitando a circulação;</li> <li>- vagas nos estacionamentos próximas às rampas e porta de acesso aos blocos, que permitem o embarque e desembarque de pessoas em condição de mobilidade reduzida;</li> <li>- adaptações dos banheiros estão de acordo com as exigências arquitetônicas de acessibilidade. Há adaptações nas bancadas (lavabos), algumas portas são de estilo sanfonadas (PVC), o que permite o acesso de cadeiras de rodas; as barras de apoio encontram-se fixadas à parede; o vaso sanitário é de modelo comum com altura adaptada; e há espaço condizente para locomoção das cadeiras de rodas;</li> <li>- existem bebedouros adaptados na área de circulação interna e telefones públicos em todos os blocos e uma unidade de telefone público próprio para deficientes auditivos (TDD);</li> <li>- há também mobiliário adaptado nas salas de aula.</li> </ul>
<b>Acessibilidade pedagógica</b>	Ausência de barreiras nas metodologias e técnicas de estudo. Está relacionada diretamente à concepção subjacente à atuação docente: a forma como os professores concebem conhecimento, aprendizagem, avaliação e inclusão educacional irá determinar, ou não, a remoção das barreiras pedagógicas.	Os estudantes da UCB com deficiências são encaminhados atendidos e recebem o apoio e orientação inclusiva realizada por profissionais, contando com tratamento acolhedor e especializado. A eles são disponibilizados: acesso a <i>Softwares</i> que facilitam o acesso à informação; intérpretes de LIBRAS; leitores e

Espectro de Acessibilidade	Definição	Ações empreendidas
		<p>transcritores; entre serviços e apoios outros.</p> <p>Os professores e coordenadores de curso são orientados sobre o atendimento a ser dado ao estudante, criando uma rede de atendimento de qualidade que contribua efetivamente para a sua aprendizagem.</p> <p>O atendimento inclusivo na UCB desenvolveu materiais informativos e orientações específicas ao docente que recebe em sua turma o estudante com deficiência, além de desenvolver oficinas e atividades formativas que são realizadas nas semanas e jornadas pedagógicas realizadas semestralmente.</p> <p>Com isso, pretende-se ampliar os conhecimentos do docente acerca do processo de adaptação curricular e do atendimento aos estudantes com deficiência e distúrbios de aprendizagem.</p>
<p><b>Acessibilidade Programática</b></p>	<p>Eliminação de barreiras presentes nas políticas públicas (leis, decretos, portarias, normas, regulamentos, entre outros).</p>	<p>A UCB promove processos de sensibilização como a inclusão componentes curriculares específicos institucionais para a formação dos estudantes, como: LIBRAS e outras unidades curriculares de formação geral e humanística, além de diferentes ações que tratam do respeito à diversidade, às relações étnico-raciais e de gênero, etc.</p> <p>Ademais, promove recorrentemente eventos de conscientização e informação sobre as temáticas da inclusão e os direitos que vão sendo paulatinamente agregados a essa</p>

Espectro de Acessibilidade	Definição	Ações empreendidas
		população. Cuida ainda dos estudantes que chegam com dificuldades advindas da formação precária ao ofertar como mecanismos de nivelamento, e monitorias.
<b>Acessibilidade nas comunicações</b>	É a acessibilidade que elimina barreiras na comunicação interpessoal (face a face, língua de sinais), escrita (jornal, revista, livro, carta, apostila etc., incluindo textos em braile, uso do computador portátil) e virtual (acessibilidade digital).	A UCB conta com a presença de intérpretes e letores na sala de aula, em consonância com a Lei de Libras – e Decreto de Acessibilidade. Investe na acessibilidade às formas digitais de comunicação com a comunidade interna e externa.
<b>Acessibilidade digital</b>	Direito de eliminação de barreiras na disponibilidade de comunicação, de acesso físico, de equipamentos e programas adequados, de conteúdo e apresentação da informação em formatos alternativos.	A UCB promove todas as condições para que os recursos digitais para facilitar a aprendizagem do estudante sejam disponibilizados de forma fácil e rápida. No portal da UCB, evidenciam-se as condições de acessibilidade visual, como aumento de fonte, alteração de cor. Os estudantes também recebem suporte técnico para utilização plena dos recursos digitais no AVA, os quais são adaptados de acordo com a necessidade e realidade do estudante. Para os estudantes com deficiência visual, os recursos oferecidos são: <i>scanner</i> acoplado ao computador, régua de leitura, kit de escrita Braille com prancheta, reglete, punção e folhas Braille; digitalização de textos; leitor e transcritor; impressão em Braille em parceria com a Biblioteca Braille de Taguatinga – Dorina Nowill. Está ainda disponível, no Sistema de Biblioteca da UCB, o total geral de 203 exemplares em Braille (coleções de

Espectro de Acessibilidade	Definição	Ações empreendidas
		livros, periódicos e folhetos). Em audiolivros, são 144 gerais de títulos e 198 exemplares.

Fonte: UCB

Como se pode constatar, a UCB, em conformidade com os “Referenciais de Acessibilidade para a Educação Superior e a avaliação *in loco* do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior” (2013, p. 5), contribui efetivamente para “materializar os princípios da inclusão educacional que implicam assegurar não só o acesso, mas condições plenas de participação e aprendizagem a todos os estudantes”.

## 10 GESTÃO DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

### 10.1 PERFIL DA COORDENAÇÃO DE CURSO

O delineamento atual do PPI da UCB conduz a um perfil de gestor que, para além de acompanhar, possa atuar de modo crítico e proativo na condução do grupo de pessoas, no processo de formação e na busca de soluções para os desafios que se apresentam. A gestão dos cursos é realizada pelo coordenador do curso com apoio da Pró-Reitoria Acadêmica e de diferentes áreas acadêmicas.

A Coordenação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB, com apoio de auxiliares de curso e assessores vinculados à Coordenação Acadêmica de Graduação, tem por premissa estabelecer linhas de ação que contemplem as distintas áreas do cotidiano acadêmico e pedagógico, relacionadas a funções políticas, gerenciais, acadêmicas e institucionais, melhor detalhadas abaixo:

#### Funções Políticas

- Realizar ações políticas internas e externas quando o enfoque for a área central de conhecimento do Curso. Realizar conferências, participar de comitês gestores de órgãos públicos, publicação de artigos, atuar junto ao conselho profissional de sua categoria, envolvem algumas dessas ações.
- A coordenação deve garantir uma boa interação do grupo docente, propiciando seu entusiasmo no curso. Motivar os alunos através de atitudes estimuladoras, proativas, congregativas, participativas, articuladoras, celebrando as vitórias do curso. Entusiasmar alunos e professores divulgando materiais científicos, revistas, eventos e outros temas relacionados ao curso.
- Promover o desenvolvimento e o conhecimento do curso no âmbito da IES e da sociedade. Dominar as diferenças essenciais do curso, em relação aos cursos concorrentes. Vincular o Curso com demandas de mercado. Manter articulação com empresas e organizações de toda natureza, públicas e particulares, que possam contribuir para o desenvolvimento do curso, para o desenvolvimento da prática profissional dos alunos com os estágios, para o desenvolvimento e enriquecimento do próprio currículo do curso.

#### Funções Gerenciais

- Supervisão das instalações físicas, laboratórios e equipamentos do Curso. Função gerencial no sentido de garantir a concretização do curso. Garantir o cumprimento – inclusive mediante reposição – da totalidade das cargas horárias previstas para o curso. Estimular e controlar a frequência docente através da verificação diária de frequência docente, estimulando a assiduidade. Verificar sistemáticas ausências dos discentes nas aulas. Acompanhar situações especiais que demandem posicionamento por parte da coordenação (como problemas pessoais e de saúde). Indicar a contratação de docentes e o acompanhamento nos processos de demissão (realizados junto ao setor de recursos humanos com o acompanhamento da coordenação).

#### Funções Acadêmicas

- Elaboração e execução do Projeto Pedagógico do Curso. Estimular o desenvolvimento atrativo das atividades escolares (a utilização da tecnologia educacional é indispensável em sala de aula). Garantir a qualidade e regularidade das avaliações desenvolvidas no Curso. Estimular o desenvolvimento das atividades complementares do Curso, como Aulas Magnas e Semanas Acadêmicas. Estimular a iniciação científica e de pesquisa entre professores e alunos. Orientar e acompanhar os monitores. Garantir o engajamento de professores e alunos em programas e projetos de extensão universitária. Gerenciar os estágios supervisionados e não-supervisionados.

#### Funções Institucionais

- Coordenar e acompanhar os alunos do curso no ENADE. Acompanhar os antigos alunos do Curso. Realizar o acompanhamento dos egressos verificando as competências e habilidades alcançadas, o reconhecimento do Curso e a renovação periódica desse processo por parte do MEC.

A coordenação envolve uma atuação multidisciplinar, conectada com a área em que coordena. Segue quadro descritivo das atribuições da Coordenação do Curso:

Gestão Acadêmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elaboração e execução do Projeto Pedagógico do Curso.</li> <li>• Participação e gestão dos órgãos Colegiados</li> <li>• Atuação no NDE conforme regras institucionais</li> <li>• Apoio junto à CPA (Avaliação Institucional)</li> <li>• Promoção e gestão da Iniciação Científica, Extensão, Pesquisa e Pastoralidade no âmbito do seus cursos</li> <li>• Mobilização de recursos (Laboratórios/Bibliografia/Sites)</li> <li>• Inovação</li> <li>• Acompanhamento de Egressos</li> <li>• Manutenção de Portfólio dos cursos</li> <li>• Internacionalização</li> <li>• Gestão da Matriz Curricular (alterações, implantações, análise de demanda, dependências)</li> <li>• Gestão de Atividades Complementares</li> <li>• Gestão de Estágios de acordo com as regras institucionais</li> <li>• Gestão do TCC no âmbito dos cursos de acordo com as regras institucionais</li> </ul>
Gestão Docente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Seleção docente junto ao Departamento Pessoal da UCB</li> <li>• Desenvolvimento e formação docente continuada</li> <li>• Rescisão</li> <li>• Alocação de Carga Horária</li> <li>• Orientação e supervisão da execução dos Planos de Ensino</li> <li>• Aprimorar metodologias específicas</li> <li>• Avaliação e Feedback</li> </ul>
Gestão Discente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atendimento</li> <li>• Relação com representantes de Turma</li> <li>• Recepção de Calouros</li> <li>• Acompanhamento Pedagógico</li> <li>• Engajamento</li> <li>• Realização de eventos com estudantes</li> </ul>
Gestão de Desempenho	<ul style="list-style-type: none"> <li>• ENADE</li> <li>• CPC</li> <li>• Entidades de Classe</li> <li>• Captação/Retenção de matrículas</li> <li>• Reconhecimento/Renovação de Reconhecimento</li> <li>• Empregabilidade</li> </ul>

## 10.2 PROCESSOS DE AVALIAÇÃO INTERNA E EXTERNA

Em consonância com o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) e o Programa de Avaliação Institucional, a avaliação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB é periódica e continuamente avaliado por meio dos instrumentos internos (avaliações realizadas pela Comissão Permanente de Avaliação – CPA e Sistema Interno de Avaliação do Estudante - SIAE) e pelas avaliações externas (avaliações do MEC).

A Avaliação Institucional na UCB realiza-se mediante a articulação dos seguintes processos:

a)avaliação externa: compreende as avaliações realizadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) ou outros órgãos e contempla, entre outras, a avaliação da Instituição, as avaliações de curso e o Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade);

b) autoavaliação: compreende os processos avaliativos realizados pela própria UCB e inclui a análise dos relatórios gerados pelas avaliações externas. É coordenada pela Comissão Própria de Avaliação - CPA, que define a metodologia, os procedimentos e os objetivos dos processos avaliativos, bem como constrói e avalia a proposta da autoavaliação.

A autoavaliação dos cursos de graduação presenciais é realizada semestralmente via processo eletrônico e aberta aos estudantes e docentes dos cursos.

O objetivo é subsidiar a melhoria contínua dos processos de ensino e de aprendizagem e dos recursos e métodos didático- pedagógicos. Os instrumentos de autoavaliação são analisados e organizados pela CPA e avaliam as seguintes dimensões: o componente curricular; as estratégias de ensino; as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a atuação da coordenação de curso. Os instrumentos são elaborados de forma que o preenchimento seja facilmente realizado e possibilite resposta rápida.

Também compõem a autoavaliação dos cursos de graduação:

–os aspectos relacionados à Instituição, como a infraestrutura física, os serviços oferecidos e prestados, a comunicação Institucional, entre outros. Eles são analisados permanentemente por meio do formulário da Avaliação de Serviços e Infraestrutura no site da UCB, possibilitando aos estudantes, professores e técnico-administrativos o envio de sugestões, elogios e críticas durante todo o ano, agilizando a resolução de eventuais problemas identificados;

–a Pesquisa de Satisfação, aplicada a cada dois anos e que verifica a satisfação dos estudantes;

–a Pesquisa de Empregabilidade dos Egressos no curso verifica a contribuição da UCB na formação e trajetória profissional dos diplomados.

Os instrumentos de avaliação são aplicados com o apoio técnico-operacional do setor de Avaliação e Regulação, com acompanhamento da CPA. Os estudantes

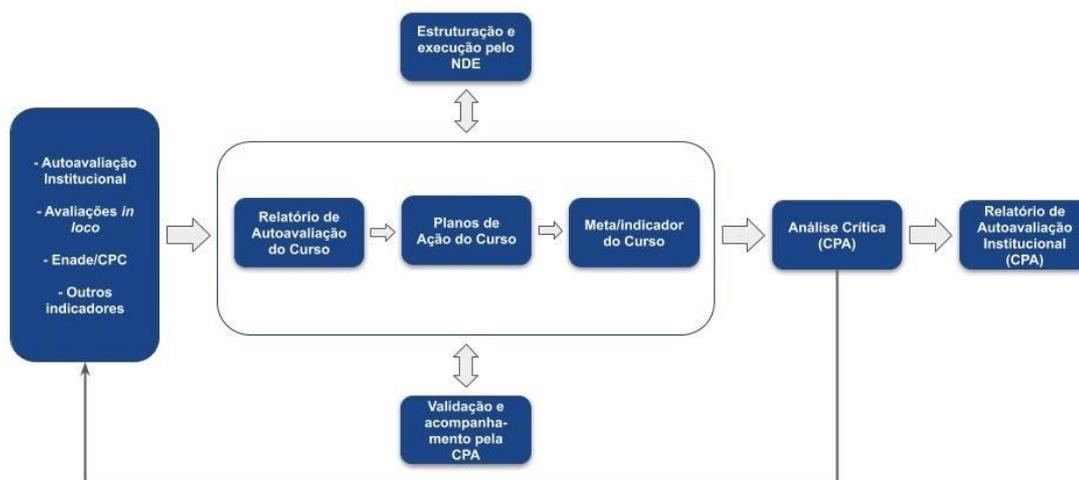
são estimulados a participar e são informados sobre os períodos de avaliação por meio de campanhas. A participação no processo é democrática e voluntária.

A partir do resultado dessas avaliações a coordenação do curso decide que ações promover, juntamente com o NDE, de modo a resolver todas as necessidades apontadas. Além disso, o coordenador do curso mantém abertos diversos canais que possibilitam o diálogo com os estudantes, professores e funcionários administrativos. Em cada turma são apontados dois representantes discentes que se comunicam diretamente com a coordenação do curso e o NDE. Entre os professores, é escolhido também aquele que representará duas turmas, para que faça a interlocução dos demais professores daquelas turmas com a coordenação. Em acréscimo, reuniões periódicas com o NDE, Colegiado e Centro Acadêmico balizam a relação dialógica que a coordenação do curso tanto preza. Finalmente, há a opção de contato direto dos estudantes e professores– seja pessoalmente ou por meio virtual – com o coordenador do curso ou a assessoria pedagógica.

Como resultado dos processos de avaliação externa e da autoavaliação são elaborados planos de ação a serem implementados visando à qualificação e ao aperfeiçoamento contínuo do curso e da qualidade dos serviços prestados pela UCB. Nas reuniões do Conselho de Curso em que estão presentes representantes dos discentes é apresentado o planejamento para atendimento das sugestões ou demandas oriundas dos processos avaliativos.

Da autoavaliação dos cursos resulta o Relatório de Autoavaliação Institucional, redigido pela CPA e enviado eletronicamente ao Ministério da Educação de acordo com as regulamentações vigentes. A figura 10 demonstra o fluxo de análise dos resultados das avaliações.

FUGURA 10 – Fluxo de análise dos resultados das avaliações



Fonte: UCB

A divulgação dos resultados dos processos de avaliação é realizada por meio da página da Avaliação Institucional no *site* da UCB; em notícias no *site* da UCB e nas redes sociais; em reuniões periódicas entre a Reitoria e a comunidade discente; e em reuniões semestrais da Reitoria com representantes de turma; entre outros.

## 11 CORPO DOCENTE

### 11.1 COLEGIADO DO CURSO E PERFIL DO NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE

O Colegiado de Curso corresponde a um fórum que tem por finalidade promover a racionalização e a otimização dos procedimentos pedagógicos e administrativos, por meio da discussão e deliberação sobre assuntos referentes ao cumprimento da missão, visão de futuro e valores da UCB, bem como do cumprimento das propostas constantes no PPC.

O Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo é um órgão representativo de caráter consultivo cuja composição e critérios de representatividade são definidos por cada curso.

No Curso de Arquitetura e Urbanismo, o Colegiado de Curso é formado por:

- docentes vinculados ao curso;
- representantes do corpo discente;
- representante do corpo técnico-administrativo.

Compete ao Colegiado de Curso assessorar a Coordenação do curso na administração dos assuntos acadêmicos, bem como encaminhar à Coordenação do curso assuntos de ordem ética e disciplinar no âmbito do curso. O Colegiado do curso se reúne, ordinariamente semestralmente e, extraordinariamente, quando convocado pela Coordenação do curso ou por solicitação de, no mínimo, um terço dos seus membros.

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) de um curso de Graduação constitui-se de um grupo de docentes, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do Projeto Pedagógico do Curso. (Resolução CONAES n. 01/2010, art.1).

O PPC passa por avaliações do NDE, tendo como ponto de partida os relatórios anuais da Comissão Própria de Avaliação, que contempla os resultados da avaliação Institucional, os relatórios do Sistema Interno de Avaliação do Estudante (SIAE), do último ENADE e das visitas in loco de avaliadores do INEP. Estas informações e dados subsidiam as reuniões do NDE para reavaliação do Projeto e de sua aderência com o mercado de trabalho e o marco legal vigente.

Os critérios para a constituição do NDE, seu papel, função e atuação estão descritos no Regulamento Geral da Graduação.

## 11.2 PERFIL DO CORPO DOCENTE

O corpo docente da UCB é formado por especialistas, mestres e doutores, em regime de trabalho de tempo parcial, integral ou horista, experientes no magistério superior. A proposta Institucional de formação integral da pessoa humana reveste o papel do docente de fundamental importância. Assim, espera-se um perfil de educador que expresse os seguintes compromissos:

- conhecer e tomar para si o Projeto Pedagógico do Curso, de modo que sua práxis docente esteja articulada com todo o processo de formação e objetivos do curso, assim como com os diferentes atores envolvidos;
- estender a sua ação docente para além da sala de aula, compreendendo que as atividades de pesquisa e extensão são também espaços de aprendizagem interdependentes, que existem diferentes formas de aprender e que a perspectiva esperada é a de foco na aprendizagem, e não na transmissão ou na instrução;
- valorizar e apropriar-se de estratégias formativas bem-sucedidas, com o foco no processo de aprendizagem e não na instrução, pesquisando a própria atividade docente e, a partir disso, desenvolver e validar diferentes estratégias formativas;
- manter relações construtivas e éticas com os estudantes de modo a promover autonomia, comprometimento e desenvolvimento de estratégias efetivas de estudo e aprendizagem;
- utilizar metodologias de ensino e avaliação coerentes com a proposta de formação integral da pessoa, de modo que estes processos contemplem habilidades teóricas, técnicas e de cidadania;
- dispor-se e comprometer-se com a produção de conhecimento e com a preparação das novas gerações;
- dominar e desenvolver as competências pretendidas para o perfil dos egressos.

O perfil docente descrito confere homogeneidade e identidade ao curso, mantendo-se coerente com o perfil do educador descrito no PPI. Homogeneidade, contudo, não implica ausência de diversidade. Nesse sentido, o corpo docente deve constituir-se de profissionais de formação acadêmica consistente, com diferentes experiências profissionais e acadêmicas. Essas características podem garantir formação de alto nível e generalista. Além disso, a perspectiva de diversidade propicia melhor adequação da formação docente às diferentes atividades de ensino, pesquisa e extensão.

### 11.3 FORMAÇÃO CONTINUADA DO CORPO DOCENTE

A formação continuada docente na UCB tem privilegiado a reflexão e a problematização da prática docente a partir de sua articulação com o PPI e com o Projeto Pedagógico dos Cursos (PPCs), fomentando o planejamento do ensino com foco na aprendizagem ativa e no protagonismo do estudante. Assim, convidamos nossos professores a assumirem a prática docente como objeto de sua curiosidade, questionando-a e reelaborando-a permanentemente na busca de sua qualificação. Este movimento de ação-reflexão-ação, por sua vez, se dá tanto no âmbito individual, da prática de cada professor, quanto no âmbito coletivo, através da promoção de espaços de colaboração e socialização de boas práticas e de experiências exitosas.

#### 11.3.1 Objetivo geral

Realizar um processo formativo que valorize a atualização e o aprimoramento contínuo da prática docente, buscando garantir a qualidade e a inovação dos métodos e práticas pedagógicas, de modo a contribuir para a consolidação coletiva do perfil docente desejado pela UCB.

### 11.3.2 Objetivos específicos

Para a formação continuada do corpo docente são determinados os seguintes objetivos específicos:

- a. Promover a articulação do planejamento docente com o PPI e com o PPC, compatibilizando as concepções de aprendizagem no desenvolvimento do perfil de egresso;
- b. Fomentar os professores ao desenvolvimento e aprimoramento de suas práticas docentes, tendo a aprendizagem ativa como foco do planejamento das atividades de ensino;
- c. Estimular os professores ao questionamento e à elaboração do fazer docente;
- d. Incentivar o uso de tecnologias educativas como facilitadoras do processo de aprendizagem;
- e. Estimular a interação entre professores, a partir da reflexão, discussão e socialização das práticas docentes;
- f. Promover a reflexão sobre a prática docente, reconhecendo os desafios da Educação superior, e a realidade como complexa e marcada pela diversidade;
- g. Favorecer a articulação entre o contexto pedagógico e a avaliação contínua do desempenho discente e docente;
- h. Estimular os professores no engajamento pela transformação da sociedade, por meio de suas práticas educativas.

O Plano de Formação Continuada Docente se organiza a partir de 03 (três) eixos:

- Reflexão sobre a prática: a partir do fazer concreto dos professores nos diferentes espaços de aprendizagem, refletir sobre como percebem a própria atuação e promover a busca por diferentes soluções para os desafios do cotidiano educativo.
- Atualização, qualificação e aperfeiçoamento: realização de estudos, discussão e vivências que promovam a adoção de novas práticas, por meio da socialização de conhecimentos e experiências positivas, inspirando novas reflexões e práticas que respondam de forma mais efetiva aos

desafios enfrentados pelos docentes nos diferentes espaços de aprendizagem.

- Elaboração e reelaboração das práticas docentes: adoção efetiva de novas práticas alinhadas ao perfil docente delineado no PPI, e que promovam a autoria, a autonomia e o protagonismo discente na construção da aprendizagem ativa e significativa.

Para efetivação e articulação desses eixos são desenvolvidas diferentes ações:

- a. Acolhida docente: realizada no início de cada semestre e que tem como propósito mobilizar, despertar a reflexão e inspirar novas práticas aos professores;
- b. Reuniões docentes: realizadas ao longo do semestre e que objetivam o debate e a troca de experiências entre os docentes;
- c. Oficinas e formações: realizadas principalmente no início e final de cada semestre, tem como propósito a atualização, a qualificação e o aprofundamento de conhecimentos didático-pedagógicos;
- d. Orientações e debate em espaço virtual docente, disponível permanentemente, onde podem ser acessados documentos institucionais, como o Guia de Orientação para a Docência Centrada na Aprendizagem Ativa e a utilização de ferramentas de tecnologia para a facilitação da aprendizagem.

As atividades de formação continuada são realizadas especialmente nos períodos destinados às atividades pedagógicas e de formação docentes, previstas no Calendário Acadêmico. Ao longo de todo ano ainda são organizadas e ofertadas atividades de formação continuada de acordo com as demandas e necessidades identificadas juntos aos Cursos, considerando o interesse, as necessidades e a disponibilidade dos docentes.

### 11.3.3 Resultados esperados

Espera-se que sejam alcançados os seguintes resultados:

- Reflexão crítica contínua acerca da prática docente frente aos desafios da Educação Superior no Brasil;

- Percepção da prática docente como fundamento essencial do processo de construção do perfil de egresso do curso e da UCB;
- Articulação e alinhamento entre as práticas docentes, o PPI e o PPC;
- Utilização crítica e consciente de metodologias de aprendizagem ativa;
- Difusão e uso de tecnologias educativas por professores e estudantes;
- Melhoria das práticas docentes, verificadas pela avaliação Institucional, e da aprendizagem discente, observada nas avaliações internas e externas.

A formação docente também participa do processo de acolhida e adaptação do docente recém-contratado. A Coordenação Acadêmica disponibiliza aos docentes um espaço de interação, troca de experiências e formação on-line no ambiente virtual de aprendizagem.

Além das Oficinas e Formações já realizadas para o público docente, com foco nas atividades de ensino, são ofertadas ainda formações específicas para docentes em funções de Gestão (Coordenadores de Curso e Assessores) e NDEs. Estas formações têm como temáticas especiais: Planejamento Estratégico, Planejamento e Acompanhamento do trabalho docente (PPC e Plano de Ensino); Acompanhamento e Avaliação de Cursos (Avaliações internas e externas), Avaliação da aprendizagem e relatórios ENADE e Tecnologias aplicadas à Gestão Acadêmica.

## **12 CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**

Entende-se que o corpo técnico e administrativo da UCB é parte integrante e fundamental na consolidação dos objetivos do Projeto Pedagógico dos Cursos da UCB. Assim, o perfil desse funcionário relaciona-se com:

- criação de uma responsabilidade coletiva, partilhada com todos os atores do processo de formação, por meio da colaboração;
- compromisso com o desenvolvimento profissional para o bom desempenho das suas atividades na UCB;
- compromisso com a sustentabilidade e conservação do patrimônio da UCB e dos recursos físicos sob sua responsabilidade;
- cuidado no trato e encaminhamento dos processos e trâmites documentais, fornecendo e divulgando informações pertinentes, com respeito ao sigilo e privacidade exigidos.
- A UCB oferece regularmente cursos que visam à contínua formação de seus funcionários.

## **13 POLÍTICA DE ATENDIMENTO AO CORPO DOCENTE E AO CORPO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO**

O cuidado, o respeito, a valorização e o acolhimento são aspectos centrais nas relações humanas, pessoais, profissionais e acadêmicas no âmbito da Universidade. A comunidade acadêmica, de forma geral, e seus educadores - docentes e técnico-administrativos, de forma especial, zelam pela construção e manutenção de um ambiente amistoso e acolhedor, onde as relações se estabeleçam de forma afetuosa. Esta perspectiva deve inspirar todos os processos, os procedimentos e as comunicações que se estabelecem e se desenvolvem na UCB.

Neste sentido, diferentes espaços de acolhimento, escuta e apoio foram instituídos na universidade e servem para a melhoria permanente do clima organizacional, bem como da promoção e qualificação dos processos educativos que se realizam na UCB. No que diz respeito ao corpo docente, a Pró-Reitoria Acadêmica é o eixo deste processo, zelando pelas políticas de atenção e valorização do corpo docente. Já o corpo técnico-administrativo encontra na Pró-Reitoria Administrativa as diretrizes e ações de promoção do cuidado e da melhoria do ambiente de trabalho e de valorização das pessoas.

São instâncias importantes neste processo: os gestores em seus diferentes níveis, a Coordenação de Pastoral, a Ouvidoria, a Comissão Disciplinar, os serviços de atendimento e apoio à comunidade acadêmica e a Coordenação de Recursos Humanos, como articuladora das políticas institucionais voltadas para os educadores (docentes e administrativos).

Em nível macro, todos os educadores da UCB são assistidos e orientados pelas políticas institucionais da Mantenedora que, amparadas nos valores cristãos e nos carismas de seus santos fundadores, apresentam à comunidade acadêmica os parâmetros que regem suas relações e seus processos. Exemplos importantes destes parâmetros podem ser encontrados na política de contratação e dispensa de colaboradores, no código de conduta ética, na política de segurança da informação e na política de incentivo à qualificação.

### 13.1 POLÍTICA DE CONTRATAÇÃO E DISPENSA DOS COLABORADORES

Incentivar processos e soluções justos, eficientes e equitativos, de acordo com a legislação vigente para os conflitos decorrentes de relações de trabalho relacionadas com a contratação e dispensa de colaboradores; apoiar os gestores para uma abordagem transparente, justa, coerente e eficaz para a contratação e dispensa de colaboradores; assegurar que as atividades de contratação e dispensa de colaboradores sejam realizadas em conformidade com a legislação vigente e com as convenções sindicais que regulam esse tema; definir as diretrizes para a realização de contratação e dispensa de colaboradores; assegurar que as atividades de contratação e dispensa sejam realizadas de forma transparente, ética, justa, segura, eficiente, eficaz e em conformidade com a lei.

### 13.2 CÓDIGO DE CONDUTA ÉTICA

Fortalecer a cultura ética da Organização, elevando o nível de confiança, respeito e solidariedade em todas as suas relações internas e externas; administrar, prevenindo, reduzindo ou eliminando conflitos de interesse entre pessoas e grupos ou áreas da instituição; servir de referência na avaliação de eventuais violações das Normas do Código de Conduta Ética; preservar a imagem e a reputação da instituição ante as comunidades na quais atua.

### 13.3 POLÍTICA DE SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO

Assegurar a proteção de nossas informações e nossos sistemas de informação incluindo-se, mas não se limitando a: computadores, dispositivos móveis, equipamentos de rede, software e dados; e a mitigação de riscos associados com o roubo, perda, mau uso ou dado aos nossos sistemas; fornecer um ambiente de trabalho e sistemas de informação protegidos e seguros para colaboradores, alunos e quaisquer outros usuários autorizados; assegurar que todos os nossos usuários autorizados compreendam e cumpram esta política e quaisquer outras políticas, normas, procedimentos relacionados, e também trabalhem de acordo as melhores

práticas; certificar que todos os usuários compreendam suas próprias responsabilidades para proteger a confidencialidade e a integridade dos dados que eles acessam; proteger nossa organização de uma eventual responsabilização ou de eventuais danos sobre o uso indevido de suas informações, sistemas de informação e recursos de TI; responder às demandas legais e institucionais sobre o assunto e iniciar um ciclo de melhoria contínua dos mecanismos de governança.

#### 13.4 POLÍTICA DE INCENTIVO À QUALIFICAÇÃO

Manter elevados padrões de desempenho no trabalho; melhorar a compreensão dos fatores que afetam o desempenho no trabalho; compartilhar ideias e divulgar boas práticas; melhorar a efetividade da gestão e a implementação de mudanças efetivas; construir equipes capazes e eficazes; aumentar a motivação e a satisfação dos colaboradores para o trabalho; facilitar o desenvolvimento profissional dos colaboradores; apoiar gestores para uma abordagem transparente, justa, coerente e eficaz para o incentivo à qualificação dos colaboradores; assegurar que cada indivíduo seja encorajado a desenvolver seu potencial pessoal e profissional; assegurar que a aprendizagem ao longo da vida seja apoiada e incentivada para todos os colaboradores; proteger a instituição de eventuais litígios, sanções, responsabilizações ou eventuais inconformidades, ilegalidades decorrentes de eventuais incentivos à qualificação de colaboradores sem a observação da legislação e das normas em vigor; definir as diretrizes para a realização de incentivo à qualificação; assegurar que os incentivos à qualificação sejam realizados de forma transparente, ética, justa, eficiente, eficaz e em conformidade com a lei.

#### 13.5 POLÍTICAS DE ATENÇÃO

Todos estes documentos se fundamentam numa perspectiva qualificada e humanizadora, atenta aos aspectos individuais e coletivos na defesa dos valores cristãos e na consecução de uma gestão acadêmica justa, transparente, coerente e eficaz.

A Coordenação de Recursos Humanos, em consonância com os princípios institucionais, tem como principal objetivo oferecer atendimento e encaminhamento de cunho trabalhista aos colaboradores do corpo técnico-administrativo e corpo docente, assim bem como, no desenvolvimento profissional.

Releva notar a obtenção do selo Great Place to Work (traduzido como Melhores Lugares para Trabalhar), um indicador de gestão de pessoas em uma dada organização, obtido a partir de uma pesquisa com os colaboradores, para avaliar uma série de critérios relacionados ao ambiente de trabalho, clima organizacional e gestão de pessoas.

Em 2022 as Unidades de Missão da UBEC participaram da pesquisa, onde foram avaliadas as seguintes dimensões:

FIGURA 11 – X

	Dimensões	Como elas atuam no ambiente de trabalho
Credibilidade		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunicação informativa e acessível</li> <li>• Competência na condução de pessoas e negócios</li> <li>• Integridade e consistência na condução da visão</li> </ul>
Respeito		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento em decisões relevantes</li> <li>• Reconhecimento</li> <li>• Apoio para desenvolvimento profissional</li> </ul>
Imparcialidade		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Equidade e equilíbrio no reconhecimento</li> <li>• Ausência de favoritismo</li> <li>• Justiça no tratamento</li> </ul>
Orgulho		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orgulho do trabalho realizado individualmente</li> <li>• Orgulho do trabalho realizado coletivamente</li> <li>• Orgulho da imagem e atuação da empresa na comunidade e mercado</li> </ul>
Camaradagem		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Espaço para ser espontâneo</li> <li>• Ambiente amigável e hospitaleiro</li> <li>• Sentimento de "família" ou "equipe"</li> </ul>

Fonte: UCB

Cada dimensão foi avaliada a partir das visões da empresa e de área. A Visão da Empresa (VE) representa a percepção dos colaboradores em relação à empresa como um todo. Já a Visão da Área (VA) corresponde à área de trabalho e ao gestor imediato.

Os resultados da pesquisa apontam que 80% (oitenta por cento) dos funcionários reconhecem o Grupo UBEC como um ótimo lugar para trabalhar.

FIGURA 12 – x



## UNIAO BRASILEIRA DE EDUCACAO CATOLICA

Atualizado em novembro de 2022.



dos funcionários dizem  
que este é um ótimo  
lugar para trabalhar

Fonte: UCB

## 14 INFRAESTRUTURA

### 14.1 INSTALAÇÕES GERAIS

A instituição reconhece que a aprendizagem acontece em diferentes espaços acadêmicos e extrapola o ambiente da sala de aula tradicional. Entretanto, não há como negar que, na atualidade, a sala de aula ainda se revela um espaço privilegiado para o desenvolvimento do processo de aprendizagem. Para atender a comunidade universitária, a sala de aula dos tempos modernos precisa incorporar elementos de conforto ambiental e de modernização, a exemplo de equipamentos e ferramentas tecnológicas tais como recursos audiovisuais, internet, entre outros. Esses elementos viabilizam a utilização de novas metodologias de ensino e imprimem uma nova dinâmica às aulas, motivam estudantes e professores e elevam a qualidade do ensino.

A UCB tem 18 blocos de edifícios, 5 auditórios, 2 ginásios, 2 bibliotecas e espaços que permitem a formação integral de acordo com o perfil do egresso de seus cursos, conta com 160 laboratórios, sendo que destes, 61 são de uso comum e 99 de uso específico e continua o seu projeto de expansão, inovação, alta tecnologia agregada ao ensino de qualidade com os novos espaços:

- - Laboratório Colaborativo de Ideias (Colabid), em que parte do conceito co-working para se situar como um ambiente voltado para o desenvolvimento de processos criativos;
- - Startup Católica, uma sala que acolhe empresas selecionadas pelo programa de pré-aceleração que ajuda no amadurecimento dos projetos e na sua transformação em negócios;
- - Laboratório de Empreendedorismo, novo espaço de conhecimento, ensino e pesquisa da Universidade em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae);
- - Laboratório de Nanobiotecnologia, um dos mais importantes e completos do Brasil (em construção).

A Seção de Laboratórios de Informática (SLAB) oferece aos alunos e professores os recursos de informática necessários para o desenvolvimento da formação acadêmica disponibilizando uma estrutura de 21 Laboratórios de

Informática, instalados nos Câmpus Taguatinga. Dentre estes, 04 são salas públicas, que têm por finalidade:

- disponibilizar aos usuários os recursos necessários às suas atividades extraclasse para a elaboração e impressão de monografias, trabalhos acadêmicos e pesquisas na Internet;
- apoiar a condução dos componentes curriculares de todos os cursos da UCB que necessitam pedagogicamente de recursos computacionais;
- oferecer suporte para treinamentos e capacitação de Docentes e Discentes.

Das 04 salas públicas, uma é preparada e equipada exclusivamente para os estudantes dos cursos de Tecnologia de Informação que encontram neste espaço todas as características e *softwares* específicos do seu curso.

Os outros 17 laboratórios são destinados ao desenvolvimento das aulas, utilizados pelos mais diversos cursos, conforme descrição a seguir:

QUADRO 07 – XXXX

LABORATÓRIOS	ESPECÍFICO			LOCALI- ZAÇÃO	ÁREA (M <sup>2</sup> )	CAPACI- DADE
	FG/B	FP/E	PP/PSC			
Laboratório de rede de computadores		X		C103	77	30
Laboratório de Informática – Perícia Digital		x		B007	74	35
Laboratório de Informática	X	X		A013	52	27
Laboratório de Informática	X	X		B106	78	35
Laboratório de Informática	X	X		B107	78	34
Laboratório de Informática	X	X		C102	77	35
Laboratório de Informática	X	X		R01A	80	40
Laboratório de Informática	x	x		R01B	80	36
Laboratório de Informática	x	x		K033	40	21
Laboratório de Informática	x	x		K134	54	27
Laboratório de Informática	x	x		K261	54	21
Laboratório de Informática	x	x		M107	93	54
Laboratório de Informática	x	x		M108	80	44
Laboratório de Informática	x	x		M109	61	34
Laboratório de Informática	x	x		M110	61	34
Laboratório de Informática	x	x		M111	80	48
Laboratório de Informática	x	x		M113	80	48
Laboratório de Informática	x	x		M114	80	44

Fonte: UCB

A integração entre ensino, pesquisa e extensão, também demanda laboratórios bem equipados que respondam à pluralidade e às especificidades dos cursos oferecidos pela instituição no âmbito da Graduação e da Pós-Graduação, bem como a implantação de ações de inovação técnico-científica.

A Universidade, a partir de uma perspectiva de crescimento e atualização constantes, exige um contínuo redimensionamento da sua estrutura física, particularmente dos espaços de aprendizagem, de investigação e de cultura. Nesse sentido, a reorganização e a ampliação de espaços obedecem necessariamente a um projeto arquitetônico Institucional, respeitando as diretrizes de mobilidade e acessibilidade, a harmonia das suas edificações, a criação de espaços acolhedores, as finalidades acadêmicas, e de conservação. Entre as inovações presentes, destacamos as salas de aula inovativas.

#### 14.2 RECURSOS AUDIOVISUAIS E MULTIMÍDIA

A Universidade dispõe de equipamentos audiovisuais tais como projetores, tela interativa, máquina fotográfica, filmadora, DVD e equipamentos de som para atender a demanda de professores e estudantes da instituição.

#### 14.3 ESPAÇOS FÍSICOS UTILIZADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURSO

A Universidade Católica de Brasília conta com ampla estrutura física. Neste contexto, o curso dispõe de salas de aula com microcomputadores ligados à internet, recursos multimídia como data show e caixas de som, além de quadro branco.

Os estudantes também contam com auditórios nos quais são realizadas atividades das disciplinas e eventos científicos, que vão desde palestras com profissionais convidados externos à instituição a eventos científicos, amplamente incentivados pela instituição.

Além destes, o curso usufrui dos seguintes espaços:

- a) Sala de professores e sala de reuniões – A Universidade Católica de Brasília dispõe de quatro salas de professores, uma em cada um dos blocos: Prédio São João Batista de La Salle – Bloco Central (sala B108); Prédio São Gaspar Bertoni – Bloco M (sala M112); Prédio São Marcelino Champagnat – Bloco K (sala K241); Prédio Papa Francisco – Bloco S (sala S212). Atendem adequadamente aos requisitos de limpeza, iluminação, acústica, ventilação, conservação, acessibilidade,

instalações sanitárias e comodidades necessárias às atividades desenvolvidas;

- b) Gabinetes de trabalho para docentes – Em todas as salas de professores, existem gabinetes de trabalho para uso dos professores, com computadores e recursos de *software* e internet, além de espaços propícios a pequenas reuniões;
- c) Espaço de trabalho para coordenação do curso e serviços acadêmicos – O curso possui um espaço físico destinado a coordenação do curso. Neste espaço há mobiliários para organização e disposição dos documentos do curso e para atender o estudante individualmente, além de computador recursos de *software*, internet e impressora;
- d) Salas de aula – A UCB dispõe atualmente de 129 salas de aula, equipadas com projetor, equipamento de som, computador com monitor e acesso à internet, 04 destas salas possuem projetor com tela interativa, e todas possuem mesas para os professores, cadeiras estofadas e sistema de ventilação ou ar-condicionado. A quantidade de salas atende a demanda de oferta dos componentes curriculares dos cursos;
- e) Salas inovativas – Referência de utilização nas melhores universidades do mundo, as salas inovativas são sinônimo de modernização do ensino em sala de aula. Com uma nova proposta de aprendizagem e uma resposta à mudança de paradigma em que vivemos no mundo, na tecnologia e em especial, na Educação, as Salas possuem um papel fundamental: serem um elo facilitador aos estudantes, como um modelo inovador de ensino. Neste sentido, além de permitir várias configurações de ambiente, que possibilitam a utilização de estratégias e metodologias dinâmicas com foco na aprendizagem ativa e colaborativa, também disponibiliza *chromebooks* para uso individual dos estudantes.

#### 14.4 LABORATÓRIOS DIDÁTICOS E AMBIENTES DE FORMAÇÃO BÁSICA E ESPECÍFICA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Para os componentes curriculares da formação básica e específicos, o curso de Arquitetura e Urbanismo conta com laboratórios que são compartilhados com outros cursos da UCB. Estes laboratórios prezam pela excelência e são adequados às demandas desses cursos. Em cada laboratório, técnicos especializados organizam as atividades conforme os planos de ensino e os roteiros de aulas práticas de cada professor.

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB valoriza as novas tecnologias e visa formar um profissional completo e atual, capaz de se expressar pluralmente através das mais atuais técnicas de representação.

A infraestrutura física do curso foi planejada para proporcionar a realização das atividades técnicas específicas relacionadas à profissão de Arquiteto e Urbanista e está baseada em quatro tipologias de ateliês (salas de aula especializadas para o ensino de artes e arquitetura, de acordo com as atividades desenvolvidas). São elas: ateliês de projeto e computação gráfica, ateliês de desenho, ateliê de modelo reduzido (maquetaria), e laboratórios específicos (estruturas e conforto ambiental).

Os ateliês possuem equipamentos e estrutura tecnológica que se equiparam aos que são utilizados no mercado de trabalho, tornando real e possível as simulações e as situações profissionais no contexto educacional. Essa ambientação está adequada a uma proposta de ensino de qualidade, evidenciada pelos recursos computacionais e maquinários utilizados durante as diversas atividades do curso nos ateliês. Além do uso em horário de aulas regulares, os estudantes utilizam os espaços dos ateliês para suas atividades extraclasse, o que incentiva a integração e a convivência social.

Atualmente, os ateliês de projeto correspondem a quatro ateliês com capacidade total para 100 estudantes por turno (ateliês de 23, 24, 26 e 27 estudantes assim divididos). Foram planejados para garantir a integração entre equipamentos analógicos e digitais para representação projetual. São equipados com os instrumentos técnicos necessários ao ensino de projeto, estações gráficas (computadores especializados, que disponibilizam diversos softwares gráficos), pranchetas com régua paralela e grandes mesas centrais (para debates, orientações coletivas e verificação de plantas e maquetes). Além das disciplinas do campo de

Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo, a configuração destas salas possibilita o atendimento de outros componentes curriculares do curso. Segundo as diretrizes curriculares e sua recomendação de interpenetrabilidade, atendem a disciplinas relativas ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, Núcleo de Conhecimentos Profissionais e também ao Trabalho de Curso.

Dois dos ateliês de projeto são também de computação gráfica com capacidade para 26 e 27 estudantes respectivamente (com mesas baixas e equipamentos/software e hardwares específicos). Se destinam ao estudo e prática das novas tecnologias de representação gráfica, modelagem tridimensional e programação visual. Esse espaço demonstra o compromisso do curso com as inovações tecnológicas voltadas para a formação de profissionais preparados para as demandas recentes do mercado de trabalho. Dispõe de estações gráficas (computadores especializados) de alta performance, destinados a otimizar o tempo de renderização e processamento de imagens. Sua infraestrutura evidencia o compromisso da Instituição com a inovação tecnológica no ensino de Arquitetura e Urbanismo. A composição adequada dos equipamentos, mobiliário e ferramentas tecnológicas foi pensada de forma a promover a interação efetiva entre as técnicas fundamentais de representação (desenho manual e modelo físico) e as novas tecnologias de desenho, diagramação, tratamento imagético, modelagem e documentação assistidos por computador (softwares e equipamentos de digitalização de desenhos e modelagens digitais, como as plataformas CAD, BIM, Modelagem 3D e Renderização).

Os ateliês de desenho, segundo as diretrizes curriculares, estão ligados ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação. Correspondem a dois ateliês: um ateliê com cavaletes para desenho livre (com pia de apoio para limpeza de tintas e materiais) com capacidade para 25 alunos e outro com pranchetas e régua paralela, com capacidade para 20 estudantes. A infraestrutura está adequada às atividades de desenho manual livre e desenho técnico, podendo também atender aos demais componentes teóricos ou práticos que respeitem a capacidade das salas. O planejamento dos ateliês evidencia o compromisso do curso com a construção das bases do desenho referente aos campos de desenho, e meios de Representação e Expressão.

O ateliê de modelo reduzido - maquetaria, tem capacidade para 25 estudantes por turno (bancadas altas de trabalho mais maquinários específicos). Esse ateliê

dispõe da infraestrutura apropriada para as atividades de confecção de maquetes. O ateliê de modelo reduzido foi planejado para garantir um local adequado e seguro para desenvolver maquetes e protótipos que utilizam de ferramentas de fabricação digital de alto desempenho como impressoras 3D de FDM, Router CNC, Impressora de Corte a Laser e Scanners 3D, além de possuir uma oficina de marcenaria capacitada para a produção de maquetes e pequenos objetos. Dispõe ainda de ferramentas elétricas e manuais, equipamentos de proteção individual, bancadas de trabalho individuais, além de áreas previstas para o adequado armazenamento das ferramentas e materiais. Por sua estrutura, esse ateliê pode ser destinado ao atendimento de demandas por objetos físicos tridimensionais dos componentes de projeto e de conclusão do curso, podendo ainda, dar suporte às demais disciplinas do curso. Segundo as diretrizes curriculares e sua recomendação de interpenetrabilidade, dá suporte a disciplinas relativas ao Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação, Núcleo de Conhecimentos Profissionais e também ao Trabalho de Curso.

Além dos ateliês anteriormente apresentados, está sendo estruturado um laboratório de Conforto e o curso conta com um laboratório técnico de Sistemas Estruturais, com capacidade para 25 estudantes contando com mesas baixas e cadeiras. O laboratório de Estruturas conta com diversos exemplares do Modelo Estrutural Mola (kit-mola) - um modelo físico interativo de reconhecida efetividade, que simula de forma lúdica o comportamento das diversas formas estruturais. O laboratório de Conforto (em fase final de estruturação) será equipado com um Heliodon, equipamento utilizado para simular o movimento aparente do Sol, além de equipamentos móveis de aferição dos níveis de iluminação, temperatura, velocidade e umidade relativa do ar, como luxímetros, decibelímetros, termômetros e higrômetros. A infraestrutura das salas está adequada às atividades nas áreas de conforto e estruturas, podendo também atender aos demais componentes teóricos ou práticos que respeitem a capacidade das salas.

Além dos laboratórios específicos do curso de Arquitetura, a universidade disponibiliza também os laboratórios do curso de Engenharia Civil destinados a instalações, materiais e estruturas. Estes laboratórios são utilizados pelo curso nas disciplinas relacionadas aos campos de tecnologia da construção e sistemas estruturais, ligados ao Núcleo de Conhecimentos Profissionais.

Também faz parte do acervo técnico do curso, para empréstimo aos estudantes, pranchetas de desenho em formato A3 e A2 e de câmeras fotográficas

digitais, utilizadas principalmente nas saídas de campo, em atividades de desenho e documentação imagética do espaço construído.

O curso possui ainda um Centro de Reprodução de Imagens - equipado com scanners de grande formato e impressoras do tipo Plotter, utilizadas na digitalização e na impressão de trabalhos e atividades de estudantes e professores.

Todos os ambientes e laboratórios possuem quantidade satisfatória de material (permanente e de consumo) de qualidade. A aquisição desses materiais e produtos é programada a partir do planejamento orçamentário anual, realizado pelo gestor do Centro de Custos ao qual o laboratório ou setor está subordinado. Os processos de planejamento e aquisição dos materiais contam com o apoio do curso, da supervisão dos Espaços de apoio Pedagógico (EAPs), do Setor de Compras e do Almoxarifado Central da UCB.

O Curso de Arquitetura e Urbanismo respeita a capacidade de cada laboratório em relação ao número de alunos nas aulas práticas, uma vez que, nessas, os professores prestam um atendimento mais individualizado aos estudantes, facilitado pela participação de estudantes monitores.

A UCB preocupa-se em garantir a segurança das pessoas que constituem a comunidade interna e externa à Universidade, cumprindo os preceitos legais sobre o tema, bem como a segurança e proteção ambiental no espaço interno e externo à Instituição. Assim, foram regulados os procedimentos de segurança na utilização dos Espaços de Aprendizagem Prático-Profissionais (EAPs). Todos os usuários dos laboratórios (professores, técnicos e alunos) utilizam obrigatoriamente os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) de acordo com a especificidade do Laboratório. Os extintores de incêndio são conferidos e recarregados (se necessário) a cada semestre, de acordo com as normas técnicas correspondentes. Chuveiros e lava-olhos são averiguados e sua água é trocada semanalmente. Todas as capelas e bancadas são limpas, os lixeiros conferidos quanto a inexistência de luvas, rejeitos de reações ou vidraria quebrada após o término de cada aula prática.

Da mesma forma, a Instituição conta com procedimento referente ao gerenciamento de resíduos conforme Resolução específica da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). A UCB também possui o seu Plano de Gerenciamento de Resíduos de Serviço de saúde (PGRSS), que objetiva minimizar os riscos ocupacionais no ambiente de trabalho e promover a proteção da saúde do trabalhador e população em geral; estimular a minimização da geração de resíduos, promovendo

a substituição de materiais e processos por alternativas de menos risco. Em consonância com o Serviço Especializado de Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT) e a Comissão de Biossegurança, o gerenciamento da totalidade dos resíduos gerados na UCB é realizado por uma equipe multidisciplinar.

Outra preocupação da UCB refere-se à comodidade e acessibilidade para seus usuários, com especial atenção para as pessoas com deficiência. Todos os prédios da Instituição dispõem de acesso específico, seja por rampas ou elevadores, desde a via pública à sala de aula. Os prédios possuem também banheiros adaptados, vagas específicas nos estacionamentos e sinalização de acordo com a NBR9050.

A Universidade prima pela atualização dos equipamentos a fim de garantir a quantidade, tipos de equipamentos; as condições de uso são adequadas e atendem às exigências de formação da área básica. As atualizações e aquisições de novos equipamentos, vidrarias e reagentes, bem como qualquer outra melhoria no espaço físico (consertos, ampliações, reformas, etc.) ocorrem em conformidade com o planejamento anual da instituição (orçamento). Este planejamento vem ocorrendo há vários anos e nele são contemplados todos os gastos necessários para atender a demanda do curso de ARQUITETURA E URBANISMO e dos demais cursos que utilizam os laboratórios. Com o objetivo de fortalecer tal processo, a UCB trabalha de forma colegiada entre a coordenação do curso, Gerências e Pró-Reitorias Acadêmica e de Administração com vista a priorizar os melhores investimentos para seus cursos.

#### 14.5 BIBLIOTECA

Desde que foi instituído, o Sistema de Bibliotecas (SIBI) disponibiliza mecanismos de apoio ao processo pedagógico, implementando ferramentas utilizadas nas melhores bibliotecas universitárias do Brasil e exterior de modo a fornecer aos seus usuários subsídios para o desenvolvimento dos programas de Ensino, Pesquisa e Extensão. O SIBI também é responsável por reunir, organizar, preservar e disseminar o conhecimento produzido pela comunidade acadêmica da UCB.

O SIBI participa de redes de cooperação com instituições que produzem e oferecem acesso à informação especializada. Entre seus principais parceiros estão: ABEC Brasil, CAPES; CBBU; IBICT; OPAS/BIREME; ReBAP e Rede Pergamum.

O SIBI é constituído pela Biblioteca Central e pelos Polos de Atendimento de Ceilândia e Sobradinho. A Biblioteca Central executa de forma centralizada, para todo o Sistema de Bibliotecas, as atividades técnicas e administrativas para formação, desenvolvimento e manutenção do acervo bibliográfico. O atendimento aos usuários é oferecido pelas três unidades

A Biblioteca Central, localizada no Campus de Taguatinga, ocupa uma área de 4.197m<sup>2</sup>, distribuídos em andar térreo e pavimento superior, e dispõe dos seguintes espaços:

- Sala Google: com capacidade para 50 pessoas, é destinada à realização de treinamentos, aulas, palestras e seminários, dispondo de um espaço inovador com 40 *chromebooks* e 1 retroprojeter;
- Sala Interativa *e. e. cummings*: com capacidade para 30 pessoas, foi criada em parceria com o Curso de Letras e a Embaixada dos Estados Unidos. Dispõe de lousa interativa e retroprojeter para apresentação de treinamentos, aulas, palestras e seminários;
- Sala Docente Prof. Nazareth: sala de uso exclusivo dos docentes da instituição, dispõe de uma mesa com capacidade para 12 pessoas.
- Cabines de Estudo em Grupo: são 25 cabines de estudo para uso exclusivo dos docentes e alunos regularmente matriculados;
- Áreas de Estudo Individual: diversas mesas de estudo individual estão distribuídas nos dois pisos da Biblioteca;
- Sala Audiovisual: sala destinada exclusivamente à reprodução de materiais da Coleção Multimeios, podendo ser usada em grupo ou individualmente, por docentes e alunos regularmente matriculados;
- Esquina da Ciência: espaço americano criado para divulgar e promover as ciências. Única no Brasil, ela é aberta a qualquer pessoa que tenha interesse em obter mais informações sobre meio ambiente, tecnologia, saúde e muitos outros temas. Dispõe de materiais de apoio para ensino e aprendizado da língua inglesa, programas culturais e estudo nos Estados Unidos;
- Memorial Prof. Nazareth: espaço destinado à organização e registro dos fatos históricos da UCB. Tem como objetivo manter e preservar o

patrimônio, material e imaterial, relacionado à instituição, e os bens a ela historicamente vinculados;

O acervo do SIBI é composto por aproximadamente 300 mil volumes, sendo eles: livros, folhetos, teses, dissertações, DVD, Blu-ray, CD-ROM, audiolivros, jornais, revistas científicas e documentos eletrônicos. Além disso, o SIBI assina as seguintes bases de dados:

- ABNT Coleção: plataforma eletrônica que oferece acesso a várias normas técnicas nacionais e internacionais;
- Minha Biblioteca: plataforma que reúne mais de 10 mil livros eletrônicos publicados pelas principais editoras acadêmicas do Brasil. O acervo, em português, atende às bibliografias de mais de 250 cursos de Graduação;
- Portal de Periódicos da Capes: plataforma que reúne e disponibiliza o melhor da produção científica internacional. Oferece acesso a textos completos disponíveis em mais de 45 mil publicações periódicas, internacionais e nacionais, e a diversas bases de dados que reúnem desde referências e resumos de trabalhos acadêmicos e científicos até normas técnicas, patentes, teses e dissertações dentre outros tipos de materiais, cobrindo todas as áreas do conhecimento.

O SIBI também é responsável pela administração e alimentação da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, do Repositório Institucional e do Portal de Revistas Eletrônicas da UCB, sistemas responsáveis por reunir, organizar e disseminar a produção acadêmica da UCB.

## **15 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

### **15.1 PRINCÍPIOS E DIRETRIZES**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Brasília (CEP-UCB) é um comitê permanente vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa/Conselho Nacional de Saúde (CONEP/CNS) e criado pela PORTARIA nº 072/00 da Reitoria da UCB, de 15 de maio 2000 e vinculado à Coordenação de Pesquisa e Extensão.

Trata-se de uma instância colegiada de abrangência institucional, de múnus público, de natureza consultiva, deliberativa, normativa, educativa, autônoma em relação aos demais colegiados e instâncias institucionais. Tem por finalidade a análise e o acompanhamento das pesquisas envolvendo seres humanos, preservando os aspectos éticos em defesa da integridade e dignidade dos participantes da pesquisa, individual ou coletivamente considerados, levando-se em conta o pluralismo moral da sociedade brasileira. Sendo assim, o CEP-UCB promoverá a análise e o controle social dessas pesquisas, orientado pelos princípios da razoabilidade, impessoalidade, transparência, proporcionalidade e eficiência.

Nenhuma pesquisa em seres humanos poderá ser realizada na Universidade Católica de Brasília sem aprovação do CEP-UCB, mesmo que este projeto já tenha sido avaliado por outro Comitê de Ética em Pesquisa. Prontuários, históricos ou qualquer outro documento dos voluntários/participantes da pesquisa que estão sob guarda da Universidade Católica de Brasília, bem como todos os dados colhidos e consignados, somente poderão ser acessados para fins de pesquisa com autorização do CEP-UCB. Todos os protocolos de pesquisa a serem analisados pelo CEP-UCB deverão ser submetidos através do Sistema Plataforma Brasil, respeitando a normas exigidas pelo CEP-UCB.

É vedado a qualquer membro do CEP-UCB a revelação de quem seja o relator do projeto em análise, para se evitar eventual pressão tendenciosa nesta avaliação ou criar um caráter pessoal. A avaliação dos relatores será colocada em votação na reunião, e a palavra final será do Colegiado e não individual, mesmo que a decisão seja contrária ao expositor.

## 15.2 FUNCIONAMENTO

O Comitê de Ética em Pesquisa se reúne no mínimo 09 (nove) vezes ao ano, mensalmente, de fevereiro a novembro, exceção feita ao mês de julho, e extraordinariamente por convocação do Coordenador, *ex officio* ou em decorrência do requerimento de metade mais um dos seus membros. As reuniões são realizadas com a presença mínima de metade mais um (50%+1) do total de membros titulares. Na impossibilidade da participação do titular, um suplente será automaticamente indicado pelo coordenador para assumir a função de relator na reunião, seja ela ordinária e/ou extraordinária.

As datas das reuniões são divulgadas ao público na página do Comitê de Ética. Contudo, as reuniões não são abertas como forma de garantir o sigilo e a confidencialidade do processo. A pauta será preparada com as matérias correlatas e com os protocolos de pesquisa apresentados para apreciação. As deliberações do CEP serão tomadas em reuniões, por voto de dois terços dos presentes. Havendo empate na votação, esta será decidida pelo voto do coordenador.

A apreciação de cada projeto, sempre com base em parecer consubstanciado ou em resumo. O parecer do relator deve conter fundamentalmente características como: clareza, objetividade, concisão, completude, fundamentação e adequação às normas vigentes. O parecer a ser feito pelo Sistema CEP/CONEP incidirá sobre os aspectos éticos dos projetos, considerando os riscos e a devida proteção dos direitos dos participantes da pesquisa. A avaliação científica dos aspectos teóricos dos projetos submetidos compete às instâncias acadêmicas específicas, tais como comissões acadêmicas de pesquisa, bancas de pós-graduação, instituições de fomento à pesquisa, dentre outros. Não cabe ao Sistema CEP/CONEP a análise do desenho metodológico em si. Tal avaliação incidirá somente sobre os procedimentos metodológicos que impliquem em riscos aos participantes. A apreciação de cada projeto resultará em uma das seguintes deliberações:

- Aprovado: quando o protocolo se encontra totalmente adequado para execução;
- Com pendência: quando a decisão é pela necessidade de adequações, hipótese em que serão solicitadas alterações ou complementações do protocolo de pesquisa. Por mais simples que seja a exigência feita, o

protocolo continua em “pendência”, enquanto esta não estiver completamente atendida;

- Não aprovado: quando a decisão considera que os óbices éticos do protocolo são de tal gravidade que não podem ser superados pela tramitação em “pendência”;
- Arquivado: quando o pesquisador descumprir o prazo para enviar as respostas às pendências apontadas ou para recorrer;
- Suspenso: quando a pesquisa aprovada, já em andamento, deve ser interrompida por motivo de segurança, especialmente referente ao participante da pesquisa;
- Retirado: quando o Sistema CEP/CONEP acatar a solicitação do pesquisador responsável mediante justificativa para a retirada do protocolo, antes de sua avaliação ética. Neste caso, o protocolo é considerado encerrado.

As deliberações serão tomadas pelo CEP na forma de Parecer Consubstanciado, conforme modelo da CONEP, assinado pelo coordenador. Não poderão participar das deliberações do CEP, no momento da apreciação dos projetos de pesquisa, os membros do Comitê que estejam diretamente envolvidos ou que tenham interesses no protocolo.

As respostas aos protocolos com pendências serão apreciadas pelo membro designado pelo coordenador. O CEP-UCB determinará o arquivamento do protocolo de pesquisa nos casos em que o pesquisador responsável não atender, no prazo de 30 dias, às solicitações que lhes foram feitas. Os relatores poderão solicitar as exigências necessárias ao esclarecimento da matéria proposta para análise protelando a decisão até que atendidas às necessidades. Após entrar em pauta, a matéria deverá ser votada no prazo máximo de até duas reuniões.

Aprovado o Protocolo de Pesquisa, o CEP-UCB passa a ser corresponsável no que se refere aos aspectos éticos da pesquisa. Ao receber denúncias ou perceber situações de infrações éticas, sobretudo as que impliquem em riscos aos participantes de pesquisa, os fatos deverão ser comunicados às instâncias competentes para averiguação e, quando couber, ao Ministério Público.

Os projetos de pesquisa que não serão apreciados pelo sistema CEP/CONEP, estão elencados no Parágrafo único do Artigo 1 da Resolução CNS 510/16, como segue:

Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

- I – pesquisa de opinião pública com participantes não identificados;
- II – pesquisa que utilize informações de acesso público, nos termos da Lei no 12.527, de 18 de novembro de 2011;
- III – pesquisa que utilize informações de domínio público;
- IV - pesquisa censitária;
- V - pesquisa com bancos de dados, cujas informações são agregadas, sem possibilidade de identificação individual; e
- VI - pesquisa realizada exclusivamente com textos científicos para revisão da literatura científica; VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito; e
- VIII – atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização.

§ 1º Não se enquadram no inciso antecedente os Trabalhos de Conclusão de Curso, monografias e similares, devendo-se, nestes casos, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP;

§ 2º Caso, durante o planejamento ou a execução da atividade de educação, ensino ou treinamento surja a intenção de incorporação dos resultados dessas atividades em um projeto de pesquisa, dever-se-á, de forma obrigatória, apresentar o protocolo de pesquisa ao sistema CEP/CONEP. (BRASIL, 2016)

Deverão ser apreciados os projetos de pesquisa, de acordo com a Resolução Nº 466, de 12 de dezembro de 2012, no seu item IX.4, os que envolverem:

- 1. genética humana, quando o projeto envolver:
  - 1.1. envio para o exterior de material genético ou qualquer material biológico humano para obtenção de material genético, salvo nos casos em que houver cooperação com o Governo Brasileiro;
  - 1.2. armazenamento de material biológico ou dados genéticos humanos no exterior e no País, quando de forma conveniada com instituições estrangeiras ou em instituições comerciais;
  - 1.3. alterações da estrutura genética de células humanas para utilização *in vivo*;
  - 1.4. pesquisas na área da genética da reprodução humana (reprogenética);
  - 1.5. pesquisas em genética do comportamento; e
  - 1.6. pesquisas nas quais esteja prevista a dissociação irreversível dos dados dos participantes de pesquisa;
- 2. reprodução humana: pesquisas que se ocupam com o funcionamento do aparelho reprodutor, procriação e fatores que afetam a saúde reprodutiva de humanos, sendo que nessas pesquisas serão considerados “participantes da pesquisa” todos os que forem afetados pelos procedimentos delas. Caberá análise da CONEP quando o projeto envolver:
  - 2.1. reprodução assistida;
  - 2.2. manipulação de gametas, pré-embriões, embriões e feto; e
  - 2.3. medicina fetal, quando envolver procedimentos invasivos;
- 3. equipamentos e dispositivos terapêuticos, novos ou não registrados no País;
- 4. novos procedimentos terapêuticos invasivos;
- 5. estudos com populações indígenas;

6. projetos de pesquisa que envolvam organismos geneticamente modificados (OGM), células-tronco embrionárias e organismos que representem alto risco coletivo, incluindo organismos relacionados a eles, nos âmbitos de: experimentação, construção, cultivo, manipulação, transporte, transferência, importação, exportação, armazenamento, liberação no meio ambiente e descarte;
7. protocolos de constituição e funcionamento de biobancos para fins de pesquisa;
8. pesquisas com coordenação e/ou patrocínio originados fora do Brasil, excetuadas aquelas com copatrocínio do Governo Brasileiro; e
9. projetos que, a critério do CEP e devidamente justificados, sejam julgados merecedores de análise pela CONEP. (BRASIL, 2012).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. Referenciais de Acessibilidade para a Educação Superior e a avaliação in loco do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. 2013. Disponível em: <[http://www.ampesc.org.br/\\_arquivos/download/1382550379.pdf](http://www.ampesc.org.br/_arquivos/download/1382550379.pdf)>. Acesso em: 13 de ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo. RESOLUÇÃO Nº 6, DE 2 DE FEVEREIRO DE 2006 - disponível em [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces06\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces06_06.pdf). Acesso em: 04/12/2022.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 17 DE JUNHO DE 2010 - disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5651-rces002-10&Itemid=30192) Acesso em: 04/12/2022.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 26 DE MARÇO DE 2021 - disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=175301-rces001-21&category\\_slug=marco-2021-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=175301-rces001-21&category_slug=marco-2021-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 04/12/2022.

\_\_\_\_\_. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Lei 13.146 de 06 de julho de 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm).

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Resolução CNE/CP nº 1, de 30 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.sdh.gov.br/assuntos/direito-para-todos/pdf/ParecerhomologadoDiretrizesNacionaisEDH.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 13 de ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Resolução CNE/CP nº 2 de 15 de junho de 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category\\_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 13 de ago. 2015.

BRASIL. INEP/MEC. Censo Escolar da Educação Básica 2013 Resumo Técnico. 2014. Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_basica\\_2013.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2015.

\_\_\_\_\_. Resumo Técnico Censo da Educação Superior de 2012. Julho de 2014.

Disponível em:

<[http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2015.

Constituição Apostólica do Sumo Pontífice Francisco Veritatis gaudium sobre as Universidades e as Faculdades Eclesiásticas. – Brasília, DF: CNBB, 2018.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Educação. Indicadores de acesso e participação 2014: rede pública estadual DF. 2014. Disponível em:

<[http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/suplav/lei4850\\_dados\\_indicadores\\_educacionais/ii\\_c\\_taxa\\_escolarizacao\\_totaldf\\_2014.pdf](http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/suplav/lei4850_dados_indicadores_educacionais/ii_c_taxa_escolarizacao_totaldf_2014.pdf)>. Acesso em: 09 set. 2015.

IBGE. Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2013. 2013. Disponível em: <

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv66777.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

MAGALHÃES, Maria Carmem Côrtes. Síntese Histórica UCB - 39 Anos de Educação Superior, 18 Anos de Universidade. Página UCB, Out, 2013.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA. Carta de Princípios da Universidade Católica de Brasília. Brasília: UCB, 1998. 15p.

\_\_\_\_\_. Estatuto. Série UCB Legislação e Normas. Brasília, DF. 2010.

Disponível em <<http://portal.ucb.br/docs/estatuto2010.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. A COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO – CPA. Portaria UCB nº 154 de 27/05/2004. BRASÍLIA, 2010.

\_\_\_\_\_. INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. Resolução CONSEPE, 63/2009. BRASÍLIA: UCB, 2009.

\_\_\_\_\_. NORMAS E PROCEDIMENTOS ACADÊMICOS PARA CURSOS DE GRADUAÇÃO. BRASÍLIA: UCB, 2007.

\_\_\_\_\_. NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE. Parecer CONSEPE n.º 91 de 24 de agosto de 2010. BRASÍLIA, 2010.

\_\_\_\_\_. PROJETO PEDAGÓGICO INSTITUCIONAL. BRASÍLIA: UCB, 2008.

\_\_\_\_\_. PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL. BRASÍLIA: UCB, 2013.

\_\_\_\_\_. Regimento Interno da UCB. Brasília, DF. 2010.

Disponível em: <<http://www.ucb.br/textos/2/1358/UniversidadeCatolicaDeBrasilia/?sIT=1>>. Acesso em: 03 fev. 2014.